

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL - UNISC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO E DOUTORADO**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA: ESTUDOS LINGUÍSTICOS,**  
**LITERÁRIOS E MIDIÁTICOS**

Francieli Winck

**ANALFABETISMO FUNCIONAL ENTRE VESTIBULANDOS DOS CURSOS DE**  
**GRADUAÇÃO EM LETRAS, HISTÓRIA E JORNALISMO**

Santa Cruz do Sul

2019

Francieli Winck

**ANALFABETISMO FUNCIONAL ENTRE VESTIBULANDOS DOS CURSOS DE  
GRADUAÇÃO EM LETRAS, HISTÓRIA E JORNALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, linha de pesquisa sobre estudos linguísticos e cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Onici Claro Flôres

Santa Cruz do Sul

2019

Francieli Winck

**ANALFABETISMO FUNCIONAL ENTRE VESTIBULANDOS DOS CURSOS DE  
GRADUAÇÃO EM LETRAS, HISTÓRIA E JORNALISMO**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, área de concentração em Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos, linha de pesquisa sobre estudos linguísticos e cognição, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

*Dr<sup>a</sup>. Onici Claro Flôres*

Professora orientadora – UNISC

*Dr<sup>a</sup>. Rosângela Gabriel*

Professora examinadora – UNISC

*Dr<sup>a</sup>. Grasiela Kieling Bublitz*

Professora examinadora – UNIVATES

Santa Cruz do Sul

2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Onici Claro Flôres, que sempre, com muita paciência e dedicação, auxiliou-me na construção desta dissertação.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL - da Unisc, em especial à professora Rosane Cardoso, que me encorajou a escrever e finalizar os trabalhos.

Referenciando essas professoras, agradeço a todos os demais, que de alguma forma ou outra, auxiliaram na construção do meu conhecimento. Também, às secretárias do PPGL, Luiza Wioppiold Vitalis e Luana Cristina Pranke.

Meus agradecimentos à Instituição de Ensino Superior do RS, que forneceu o *corpus* de estudo deste trabalho - redações de vestibulandos dos cursos de Letras, História e Jornalismo.

Também, um agradecimento aos meus alunos, que são os principais responsáveis por esta conquista, pois são eles que fazem com que nós, professores, tenhamos força e vontade para tornar a educação de nosso país melhor.

E, por fim, agradeço, com muito carinho e amor, à minha família, principalmente meus pais Pedro Deoclides e Iliete, pelo apoio e motivação de sempre; meu namorado Mauro, pela compreensão e disponibilidade em me auxiliar; e aos meus irmãos Marcos e Tiago. Com certeza, são eles que me impulsionam a seguir em frente, a superar os obstáculos e nunca perder a alegria de viver.

A Deus, que está presente em todos os momentos, fortalecendo e abençoando.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral elencar as possíveis manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos dos cursos de História, Jornalismo e Letras, do semestre A de 2017, de uma Instituição de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. Para isso, foram selecionadas quarenta e cinco redações, quinze de cada curso investigado. Os textos da amostra foram submetidos a uma leitura analítica de cunho quanti-qualitativo, segundo critérios estabelecidos especialmente para o estudo em questão: coerência/incoerência temática do texto produzido; marcas de falta de leitura ou de atenção; falta de informatividade textual; desconexão entre título e texto; voz única (opinião) vs. intertextualidade; falha de coesão referencial; ausência de coesão sequencial; e tipicidade/atipicidade estrutural. A seleção dos critérios arrolados baseou-se em estudos de linguística textual de autoria de Marcuschi (2008) e Antunes (2010). A análise dos dados coletados indicou que os problemas mais frequentes nos textos da amostra relacionaram-se à falta de leitura ou atenção, à coesão sequencial inadequada ou ausente, à intertextualidade inexistente e à ausência de informatividade. Os resultados indicam que a maioria dos vestibulandos (autores dos textos) não se mostraram proficientes na produção textual. Para fundamentar a pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico sobre analfabetismo funcional, alfabetização e letramento, a partir da perspectiva de diferentes teóricos. Além disso, enfocamos os conceitos de leitura, de escrita e sua inter-relação, já que esses conceitos estão estreitamente relacionados ao analfabetismo funcional. Por fim, através desta pesquisa, concluímos que o ensino da língua portuguesa deve voltar-se não só aos aspectos gramaticais, mas ao texto verbal como meio de interação social e de comunicação intersubjetiva, buscando objetivos sociais bem definidos.

**Palavras-chave:** Analfabetismo funcional. Vestibulandos. Leitura. Escrita.

## ABSTRACT

The present study has the general objective of listing the possible manifestations of functional illiteracy among students who are taking the university entrance exam of History, Journalism and Literature courses for the semester A of 2017, at a Higher Education Institution of Rio Grande do Sul. For this purpose, forty-five essays, fifteen of each course were selected. The texts of the sample were submitted to an analytical reading of quali-quantitative approach, according to criteria established especially for the study in question: thematic coherence/incoherence of the text produced; marks of lack of reading or attention; lack of textual informativeness; disconnection between title and text; single voice (opinion) versus intertextuality; referential cohesion failure; absence of sequential cohesion; and text typology structure. The selection of criteria was based on textual linguistics studies authored by Marcuschi (2008) and Antunes (2010). The analysis of the collected data indicated that the most frequent problems in the sample texts were related to lack of reading or attention, inadequate or absent sequential cohesion, non-existent intertextuality and lack of informativeness. The results indicate that most of the applicants (authors of the texts) did not prove proficient in text production. To base the research, we carried out a bibliographical survey on functional illiteracy, initial reading instruction and literacy, from the perspective of different theorists. In addition, we focused on the concepts of reading, writing and their interrelationship, since these concepts are closely related to functional illiteracy. Finally, through this research, we concluded that the teaching of the Portuguese language should focus not only on grammatical aspects, but also on the verbal text as a means of social interaction and intersubjective communication, seeking well defined social goals.

**Keywords:** Functional illiteracy. University Applicants. Reading. Writing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Total de vestibulandos - Cursos selecionados para o estudo.....	42
Gráfico 2 - Notas das redações de História.....	43
Gráfico 3 - Notas das redações de Jornalismo.....	43
Gráfico 4 - Notas das redações de Letras.....	44
Quadro 1 - Escala de proficiência .....	20

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Níveis de alfabetismo no Brasil conforme o Inaf (2001-2018) .....	21
Tabela 2 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e escolaridade (% na escolaridade) .....	22
Tabela 3 - Relação do <i>corpus</i> .....	44
Tabela 4 - Dados quantitativos decorrentes da análise geral do <i>corpus</i> .....	50



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
2.1 Os conceitos de analfabetismo e de analfabetismo funcional .....	15
2.2 Alfabetização e letramento.....	25
2.3 Os processos de leitura e escrita .....	30
2.3.1 Leitura.....	30
2.3.2 Escrita.....	33
2.3.3 A inter-relação entre leitura e escrita.....	35
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>41</b>
3.1 Natureza da pesquisa .....	41
3.2 Procedimentos .....	42
3.3 Objetivos.....	46
3.3.1 Objetivo geral.....	46
3.3.2 Objetivos específicos .....	46
3.4 Hipótese .....	46
3.5 Cursos e textos selecionados.....	47
3.6 Critérios de análise das redações .....	47
3.6.1 Coerência/Incoerência temática do texto produzido .....	47
3.6.2 Marcas de falta de leitura ou de atenção – (influência da fala; erros de ortografia; erros de acentuação; repetição excessiva de palavras sem finalidade estilística).....	47
3.6.3 Falta de informatividade textual (repetição de ideias; falta de progressão).....	48
3.6.4 Desconexão entre título e texto.....	48
3.6.5 Voz única (opinião) vs. Intertextualidade .....	48
3.6.6 Falha de coesão referencial.....	49
3.6.7 Ausência de coesão sequencial (adequação dos articuladores textuais).....	49
3.6.8 Tipicidade/atipicidade estrutural .....	49
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>50</b>
4.1 Análise quantitativa do <i>corpus</i> .....	50
4.2 Análise qualitativa do <i>corpus</i> .....	51
4.2.1 Coerência/incoerência temática do texto produzido .....	51
4.2.2 Marcas de falta de leitura ou de atenção .....	53
4.2.2.1 Erros de acentuação <sup>1</sup> .....	54
4.2.2.2 Erros de ortografia <sup>2</sup> .....	54
4.2.2.3 Influência da fala <sup>3</sup> .....	55
4.2.2.4 Repetição excessiva de palavras sem finalidade estilística.....	56
4.2.3 Falta de informatividade textual (repetição de ideias; falta de progressão).....	58
4.2.4 Desconexão entre título e texto.....	60
4.2.5 Voz única (opinião) vs. intertextualidade .....	62
4.2.6 Falha de coesão referencial.....	63

4.2.7 Ausência de coesão sequencial (adequação dos articuladores textuais).....	65
4.2.8 Tipicidade/atipicidade estrutural .....	66
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS .....	74
ANEXOS.....	78
ANEXO A – Proposta da redação de vestibular 2017A.....	79
ANEXO B – <i>Corpus</i> da pesquisa (transcrição).....	84

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira atual, uma das causas do insucesso escolar está nas dificuldades que os alunos enfrentam para ler com compreensão, competência essencial para um bom desempenho nas disciplinas escolares e para uma integração social mais ampla numa cultura letrada, como a brasileira (SCLIAR-CABRAL, 2012). O problema é que, para ler com fluência e compreensão, o pré-requisito decodificação leitora, apesar de essencial, não basta, pois além de decodificar os signos linguísticos, é preciso compreender e interpretar o que foi lido, de acordo com o contexto de produção textual e de leitura.

Em decorrência do que afirmamos, a leitura compreensiva é um dos objetivos mais relevantes do processo de ensino e aprendizagem, senão o mais decisivo, uma vez que é através da leitura que o estudante consegue ressignificar o seu contexto, estabelecer vínculos com a sua realidade experiencial, além de tornar-se um sujeito crítico e transformador.

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é (FOUCAMBERT, 1994, p. 5).

Flôres (2010), embasada em Dascal (2006), destaca a importância de o professor considerar os fatores essenciais envolvidos no processamento da leitura - compreensão, interpretação e significado -, para evitar indivíduos analfabetos funcionais, ou seja, que apresentam uma formação escolar deficiente, visto que até conseguem ler, mas não compreendem e nem interpretam o que leem.

Destacamos, por outro lado, que aprender a ler não é fácil e dificilmente ocorre de forma espontânea (DEHAENE, 2012). Caso o aprendizado fosse simples, não existiriam tantos analfabetos no país e, o que é mais grave, não haveria um percentual tão elevado de analfabetos funcionais entre indivíduos que frequentaram muitos anos a escola.

Em vista disso, consideramos que o aprendizado da leitura e da escrita deva ser repensado em âmbito nacional, uma vez que escolas e universidades continuam aprovando pessoas incapazes de compreender o que leem e de produzir textos coesos e coerentes. Isso, mesmo que os docentes desenvolvam programas de

leitura e compreensão de textos em suas aulas, ministrando ensinamentos relacionados ao léxico e à morfossintaxe, além de outros temas atinentes ao ensino-aprendizagem da gramática da língua, de leitura e de escrita.

O Ministério da Educação brasileiro, conhecedor do problema existente, buscou diminuí-lo, embasando-se para tanto na correlação entre nível de instrução e anos de estudo. Em função disso, promulgou a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, que ampliou o Ensino Fundamental obrigatório para nove anos e estabeleceu a idade de seis anos como limite para matricular crianças na escola, dando início a sua vida escolar. O prazo para implementação da lei foi 2010, ano em que todas as Instituições Escolares públicas e particulares tiveram de cumprir as determinações legais.

Adicionalmente, seguindo orientações do Ministério de Educação (MEC), as Instituições de Ensino Superior (IES) incluíram em seus programas de ensino disciplinas específicas de leitura e produção textual, a fim de enfrentar as fragilidades educativas detectadas, as quais se manifestam ao longo de toda a vida escolar do aluno, desde o Ensino Fundamental, prejudicando sua formação pessoal, intelectual e profissional. Em outras palavras, as Instituições de Ensino Superior foram convocadas a dar sua contribuição para eliminar ou diminuir o problema.

Temos de aditar, entretanto, que as propostas governamentais para mitigar os problemas do aprendizado inicial de leitura e escrita até o momento, ou seja, até 2018, não foram suficientes nem atingiram plenamente as finalidades para as quais foram criadas.

Atualmente, no Brasil, segundo dados do Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf (2018), cerca de 13% dos estudantes que chegam ou concluem o ensino médio e 4% dos que ingressaram ou concluíram o ensino superior podem ser caracterizados como analfabetos funcionais. Os analfabetos funcionais, de acordo com o Indicador, “têm muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita e das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto ou ainda fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas” (INAF, 2018, p. 22).

Portanto, consideramos, para este estudo, analfabeto funcional aqueles indivíduos escolarizados que apresentam dificuldade de fazer uso do texto escrito em diferentes situações comunicativas.

É nesse contexto que a presente pesquisa se insere, uma vez que seu

objetivo foi detectar manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos dos cursos de Letras, História e Jornalismo de uma IES do RS. O estudo propôs-se a analisar meticulosamente uma amostra da redação do Vestibular do ano de 2017A, primeiro semestre, com vistas a verificar quais seriam os indícios do que vamos tipificar (de acordo com critérios selecionados para o estudo) como registros de analfabetismo funcional entre vestibulandos, a fim de qualificar o ensino de leitura e produção textual, na instituição de ensino que sediou o estudo.

Para fundamentar a pesquisa, visto que há poucas investigações relativas ao analfabetismo funcional e sua relação com leitura e produção textual de vestibulandos – segundo consulta às publicações constantes no Banco de Teses e dissertações da CAPES – organizamos nosso trabalho da seguinte forma: inicialmente, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam o conceito de analfabetismo funcional, segundo o conceberam investigadores de diferentes filiações teóricas, discutindo ainda aspectos relacionados à distinção entre os conceitos de alfabetização e letramento. Além disso, abordamos o conceito de leitura e suas diferentes concepções. Em seguida, exploramos a escrita, como objeto cultural. Por fim, enfocamos a inter-relação entre leitura e escrita. No capítulo três, referente à metodologia, detalhamos a pesquisa realizada, seus objetivos, hipótese e descrição dos critérios estabelecidos para análise das redações. No capítulo quatro, realizamos a apresentação e análise dos dados quanti e qualitativos do *corpus*. No capítulo cinco, apresentamos a discussão dos resultados. E, no último capítulo, fazemos as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na atualidade, as sociedades letradas atingiram um patamar altamente tecnológico, o que exige rapidez nas comunicações intersubjetivas das mais variadas espécies, inclusive, naquelas típicas do momento histórico que vivemos, portanto, inexistentes em épocas passadas. Como a comunicação intersubjetiva se funda prioritariamente em leituras feitas, de vez que o conhecimento avança em função daquilo que lemos e a respeito do que refletimos, não há como desconhecer a importância da leitura. Nestas circunstâncias, as competências de leitura, compreensão e escrita tornaram-se imprescindíveis, para que o indivíduo seja ativo, crítico e capaz de construir as suas próprias aprendizagens, interagindo socialmente de modo produtivo e consciente.

Assim situados, em termos de contexto histórico-social, destacamos que, de modo geral, o pressuposto é que, ao final do ensino médio, os estudantes sejam leitores fluentes e intérpretes eficientes, conseguindo escrever sobre o que entenderam a respeito da leitura de um texto com suas próprias palavras. Daí que os professores tenham a expectativa de que os estudantes não apenas reproduzam literalmente algumas ideias do texto lido, mas consigam parafraseá-lo, isto é, relacionar o texto lido a suas próprias experiências de vida e de leitura, de modo a traduzir suas experiências e seu tempo de escolaridade formal em palavras. Isso porque parafrasear implica compreender, uma vez que para dizer o que entendemos da leitura com nossas próprias palavras é preciso ter compreendido a leitura feita e, também, interpretá-la (FLÔRES, 2016).

Em decorrência, precisamos ter bem claro que mesmo quando os estudantes ultrapassam a barreira inicial que é o aprender a ler em sentido estrito (decodificação), não é garantido que evoluam e passem a ler com fluência e compreensão, muito menos a escrever com autonomia. Tal afirmação confirma-se, pois, segundo o Inaf (2018), três em cada 10 brasileiros são considerados analfabetos funcionais.

Para fundamentar o que pretendemos discutir, iniciamos comentando como acontece, comumente, o ensino da disciplina Língua Portuguesa no meio escolar brasileiro. Em primeiro lugar, inexistem disciplinas de leitura ou de escrita no Ensino Básico. O ensino de leitura e de escrita é delegado ao professor da disciplina de Português ou Língua Portuguesa, já que os docentes das outras disciplinas

curriculares, em geral, eximem-se de tal obrigação.

O que observamos é que o ensino de Português, geralmente, consiste em elencar textos a serem lidos e em repassar aos estudantes uma estrutura formal de redação viável, típica, a fim de atender às exigências dos vestibulares e processos seletivos. Ou seja, os professores concentram-se, sobretudo, em ensinar fórmulas de escrita. Saber ler, compreender e interpretar não é prioridade.

Assim, os professores, muitas vezes, não chamam a atenção dos alunos para a variedade de gêneros e formatos textuais usados nas distintas situações interativas. Daí decorre que o ensino permanece distanciado da realidade comunicacional dos estudantes que não são orientados a respeito das diferenças de exigência social, em função da situação interativa vivenciada. Na verdade, os professores ensinam a ler e a escrever como se os textos utilizados nas diversas situações comunicativas, orais e escritas, fossem os mesmos, o que faz com que muitos alunos tenham dificuldade, inclusive, naquilo para o que pretensamente são preparados - produção de textos em vestibulares.

Nesse sentido, conforme reiteram Pavani e Köche (2006, p. 110),

[...] torna-se necessário ampliar os estudos sobre a redação de vestibular como prática social, uma vez que esse gênero é fundamental para o ingresso na universidade. Através dele, o professor pode desenvolver no aluno a competência argumentativa, tornando-o apto a estabelecer a interação com seus interlocutores em diferentes situações.

Dessa forma, a redação escolar, desvinculada de práticas sociais e daquilo que o indivíduo pensa, defende e compartilha, de fato, passa a ser, por meio desse processo mecanizado e massificante de produção sem finalidade social clara, uma mera demonstração de habilidades gramaticais, e não uma escrita propriamente dita (GARCEZ, 2012).

## **2.1 Os conceitos de analfabetismo e de analfabetismo funcional**

Como surgiu e por que surgiu o conceito de analfabetismo funcional ao lado do conceito de analfabetismo? O que há de comum e de distinto entre esses dois conceitos? Para responder a essas questões precisamos fazer uma revisão da história da alfabetização no Brasil. Essa revisão, mesmo que breve, permite-nos constatar que, ao longo dos anos, o conceito de analfabetismo vem sofrendo



revisões, dadas as transformações socioeconômicas e os avanços educacionais ocorridos (RIBEIRO *et al.*, 2002). No Brasil e no resto do mundo letrado, o conceito de alfabetização ou do que signifique ser um indivíduo alfabetizado foi-se alterando progressivamente em função de mudanças sociais e econômicas e, também, do surgimento de novas necessidades comunicativas trazidas na esteira das mudanças sociais emergentes.

Em nosso país, os dados estatísticos oficiais sobre o analfabetismo passaram a ser registrados no final do século XIX, através de censos sobre a capacidade de ler e escrever dos indivíduos. Ferraro (2002) fez um breve histórico do conceito, levando em consideração os censos demográficos realizados pelo IBGE, desde 1872.

No decurso de um período tão longo, ocorreram várias mudanças conceituais, “dentro” e “fora” dos censos. Essas mudanças suscitam duas questões principais: a da comparabilidade, entre si, de estatísticas censitárias coletadas em diferentes momentos, especialmente quando definidas por critérios diferentes, e a da viabilidade de utilização dos dados censitários para mensurar conceitos novos, como letramento e iletrismo (FERRARO, 2002, p. 6).

No início do século XX, a preocupação com o analfabetismo começou a se manifestar mais intensamente no país e houve a implementação de políticas públicas, ocorrendo de modo concomitante um gradual decréscimo nos índices de analfabetismo da população. Segundo Ferraro, desde aí o analfabetismo tornou-se um problema econômico, social e político relevante, até porque a taxa nacional do primeiro censo (1890) fora altíssima (aproximadamente 83% de analfabetos). O alarde foi grande e o debate intenso, no entanto devemos ter ciência de que, na época, alfabetizado era considerado todo aquele que escrevesse o próprio nome. Mesmo assim, e considerando-se o ínfimo patamar de exigência, grande parcela da população brasileira continuava analfabeta, ou seja, não sabia nem isso.

É preciso considerar, por outro lado, certas contradições sociais sérias, uma vez que muitos dos indivíduos que não conseguiam redigir o nome pagavam impostos, exerciam influência na comunidade e integravam associações de classe. Isso, embora não fossem considerados aptos a votar. Mais ainda, os homens que cumpriam serviço militar, para isso sendo convocados, não podiam exercer o seu direito de cidadão – votar - se não soubessem assinar documentos. Em vista disso, as pessoas tinham vergonha de ser analfabetas, sentiam-se culpadas porque, naquela época e, também, hoje em dia, o analfabetismo era e é visto como um

grande fracasso pessoal, e os analfabetos, por vezes, eram e são associados à marginalidade. No período, no entanto, como já explicitamos, alfabetizada era a pessoa que conseguia assinar documentos. Apenas isso. Essa visão restrita de alfabetização pouco esclarecia a respeito das condições de vida dos brasileiros e de suas possibilidades de se alfabetizar.

A partir do censo demográfico de 1950, por influência da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a concepção de analfabetismo alterou-se no país, passando-se a considerar alfabetizados os indivíduos capazes de ler e escrever um bilhete, ou seja:

Como sabendo ler e escrever entendem-se as pessoas capazes de ler e escrever um bilhete simples, em um idioma qualquer, não sendo assim consideradas aquelas que apenas assinassem o próprio nome (IBGE, 1950, p. 19).

Essa definição, com pequenas alterações, vigorou até o censo realizado em 2010, no qual se lê: “Considerou-se como alfabetizada a pessoa de 5 anos ou mais de idade capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecesse” (IBGE, 2011, texto digital). Ainda no Censo 2010, era considerada analfabeta “a pessoa de 5 anos ou mais de idade que aprendeu a ler e escrever, mas que esqueceu devido a ter passado por um processo de alfabetização que não se consolidou, e a que apenas assinava o próprio nome” (IBGE, 2011, texto digital).

Soares (1995) afirma ademais que, no Brasil, só recentemente se passou a enfrentar uma realidade social distinta da anteriormente comentada até o início do século XX. Por isso, segundo Soares, surgiu o conceito de letramento. Hoje não mais é suficiente saber ler e escrever o nome, ou ler e escrever bilhetes mínimos. É preciso mais. Faz-se necessário dominar as habilidades de leitura e escrita e incorporá-las às práticas sociais. E isso é letramento. Ou seja,

[...] enquanto não foram intensas as demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, enquanto não foi uma realidade percebida e reconhecida um certo “estado” ou “condição” de quem sabe ler e escrever, o termo oposto a *analfabetismo* não se mostrou necessário — e não tínhamos usado o termo *alfabetismo* (SOARES, 1995, p. 7).

A autora acrescenta que o mesmo fenômeno ocorreu na língua inglesa, todavia em um momento histórico anterior, quando, no final do século XIX, apareceram os termos *literacy* e *literate*, os quais emergiram a partir de novas

demandas de leitura e escrita na sociedade.

Dessa forma, a questão de ser ou não alfabetizado foi ganhando nuances e em meio a intensas polêmicas teóricas, que buscavam traduzir um contexto social complicado, surgiu outro conceito – o de alfabetismo funcional. Historicamente, segundo Castells e colaboradores (1986), citados por Ribeiro *et al.* (2011), o conceito de alfabetismo funcional surgiu na década de 1930, nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial. De início, a expressão foi utilizada no âmbito militar, para identificar militares capazes de compreender as instruções escritas necessárias para a realização de determinadas tarefas. A nova definição, segundo a UNESCO (1958), contudo, extrapolou seu contexto de origem, passando a ser alfabetismo funcional, “a capacidade que uma pessoa tem de ler ou escrever um texto simples relacionado ao seu cotidiano”.

Em vista disso, o indivíduo pode ser analfabeto ou analfabeto funcional. O analfabeto funcional pode ser caracterizado, segundo a UNESCO, como aquele indivíduo que sabe escrever seu próprio nome, ler e redigir frases simples, efetuando cálculos básicos, não sendo capaz, contudo, de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades do dia a dia, o que dificulta seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ribeiro *et al.* (2002) aditam que a definição de analfabetismo vem sofrendo revisões significativas ao longo das últimas décadas e ponderam que o conceito de analfabetismo funcional é relativo, pois “depende das demandas de leitura e escrita colocadas pela sociedade assim como das expectativas educacionais que se sustentam politicamente” (RIBEIRO *et al.*, 2002, p. 53). Em seguida, os autores referem que, segundo critério do IBGE (2001), são analfabetas funcionais as pessoas com menos de quatro anos de estudo. Esses autores comentam, ainda, que em países desenvolvidos, o tempo mínimo de escolaridade requerido para que o indivíduo seja considerado alfabetizado funcionalmente é de oito ou nove anos. Países da Europa e América do Norte, além disso, consideram as habilidades de leitura e escrita a partir das exigências do mercado de trabalho e da participação social e política dos indivíduos na sociedade. Em vista disso, Ribeiro *et al.* (2002) refletem sobre o tema, questionando se quatro anos de estudo realmente garantem o alfabetismo funcional; perguntam-se que outras condições favorecem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita; investigam que regiões ou subgrupos se encontram em desvantagem e quais as habilidades de leitura e escrita

exigidas pela sociedade, como segue:

(...) quatro anos de estudo garantem o alfabetismo funcional? Certamente, a utilização de um critério desse tipo se assenta no pressuposto de que haja um certo patamar de instrução a partir do qual os indivíduos ganhariam autonomia no uso das habilidades de leitura e escrita adquiridas, podendo então mantê-las ou mesmo desenvolvê-las ao longo da vida e ficando, assim, imunes à regressão ao analfabetismo (RIBEIRO *et al.*, 2002, p. 52).

Essas e outras reflexões, conforme discorrem os autores (2002), motivaram a criação, no Brasil, de um Indicador de Alfabetismo Funcional, o qual mede os níveis de alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos. Embasando-se nessas ponderações e nas pesquisas feitas, o Instituto Paulo Montenegro, através do Indicador de Alfabetismo Funcional – Inaf - define analfabetismo funcional como:

[...] a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples. Tais pessoas, mesmo capacitadas a decodificar minimamente as letras, geralmente frases, sentenças, textos curtos e os números, não desenvolvem habilidade de interpretação de textos e de fazer operações matemáticas (INAF, texto digital).

De 2008 a 2011, as pesquisas realizadas pelo Inaf basearam-se em quatro categorias de alfabetismo: *analfabeto*, *rudimentar*, *básico* e *pleno*. A fim de aprimorar as análises realizadas, a partir de 2015, elencaram-se cinco níveis classificatórios: *analfabeto*, *rudimentar*, *elementar*, *intermediário* e *proficiente*; nessa proposta classificatória, analfabetos funcionais, ou indivíduos que se enquadram nesse nível, são aqueles que se situam na categoria de analfabetos ou de alfabetizados em nível rudimentar.

As cinco categorias referidas no parágrafo anterior são assim descritas pelo Inaf - Estudos Especiais (2016, p. 5):

**Quadro 1 - Escala de proficiência**

<b>Grupos</b>	<b>Escala especial para estudo Alfabetismo</b>
<i>Analfabeto</i>	- Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços, etc.).
<i>Rudimentar</i>	- Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico. - Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor. - Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida. - Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação, etc.) pelo nome ou função.
<i>Elementar</i>	- Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências. - Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros). - Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social. - Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).
<i>Intermediário</i>	- Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências. - Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas); - Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares a partir do reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum. - Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.
<i>Proficiente</i>	- Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. - Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções). - Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.

Fonte: Indicador de Alfabetismo Funcional (2018).

Em consonância com os critérios constantes nesse Indicador, as cifras brasileiras continuam preocupantes, conforme pode ser observado na Tabela 1. Verificamos, de início, que houve diminuição do número de analfabetos funcionais de 2001 a 2009, aproximadamente 12%, permanecendo esse percentual estagnado até 2015. Todavia, de acordo com os resultados de 2018, percebemos um leve crescimento nesse número, cerca de 2%, o que demonstra a necessidade de qualificar o sistema educacional brasileiro no ensino escolar de leitura e de escrita.

**Tabela 1 – Níveis de alfabetismo no Brasil conforme o Inaf (2001-2018)**

<b>Nível</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2007</b>	<b>2009</b>	<b>2011</b>	<b>2015</b>	<b>2018</b>
<b>BASE</b>	<b>2000</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2002</b>	<b>2002</b>	<b>2002</b>	<b>2002</b>	<b>2002</b>
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Total <sup>2</sup>	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
<b>Analfabeto Funcional*</b>	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
<b>Funcionalmente Alfabetizados*</b>	61%	61%	63%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Fonte: Inaf 2001-2018

A análise mostrou que, em 2018, apenas 12% dos entrevistados, de 15 a 64 anos, foram identificados como estando incluídos no nível proficiente, considerado o mais alto da escala. Grande parcela da população foi classificada no nível elementar e intermediário, ou seja, os leitores desses níveis já superaram o analfabetismo funcional, mas não são plenamente alfabetizados. Além disso, 29% das pessoas do grupo investigado ainda são, na verdade, analfabetas funcionais, e destas, 8% são analfabetas.

Em resumo, “apenas 7 entre 10 brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos podem ser considerados Funcionalmente Alfabetizados conforme a metodologia do Inaf pela estimativa de 2018” (Inaf, 2018, p. 9).

O Indicador (2018) aponta como principal fator relacionado ao índice de alfabetismo, a escolaridade. Ou seja, quanto maior o nível de escolaridade, maior o grau de alfabetismo, conforme observamos na Tabela 2.

**Tabela 2 – Distribuição da população pesquisada por grupos de alfabetismo e escolaridade (% na escolaridade)**

	Total	Nenhuma	Ens. Fund. – Anos iniciais	Ens. Fund. – Anos finais	Ensino médio	Superior
<b>BASE</b>	<b>2002</b>	<b>116</b>	<b>297</b>	<b>451</b>	<b>796</b>	<b>342</b>
<b>Analfabeto</b>	8%	82%	16%	1%	1%	0%
<b>Rudimentar</b>	22%	17%	54%	32%	12%	4%
<b>Elementar</b>	34%	0%	21%	45%	42%	25%
<b>Intermediário</b>	25%	1%	7%	17%	33%	37%
<b>Proficiente</b>	12%	0%	1%	4%	12%	34%
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%	100%
<b>Analfabetos Funcionais</b>	<b>29%</b>	<b>99%</b>	<b>70%</b>	<b>34%</b>	<b>13%</b>	<b>4%</b>
<b>Funcionalmente Alfabetizados</b>	<b>71%</b>	<b>1%</b>	<b>29%</b>	<b>66%</b>	<b>87%</b>	<b>96%</b>

Fonte: Inaf 2018

Nota: O grau de escolaridade indicado na tabela informa sobre o ingresso do sujeito na etapa descrita e não a conclusão da mesma.

Os resultados obtidos nesses inventários indicam que dos indivíduos que ingressaram ou concluíram o ensino médio, 42% estão no nível Elementar, 33% no Intermediário e apenas 12% demonstraram o domínio pleno das habilidades de leitura, escrita e matemática. Já em relação aos que estão cursando ou concluíram o ensino superior, 25% estão no nível elementar, 37% no intermediário e 34% são alfabetizados plenamente.

A conclusão, embora tendo sido alteradas as categorias de classificação de alfabetismo em 2015, foi muito similar senão a mesma. A situação do país nesse quesito não mudou, pois, mantida a população pesquisada: idade entre 15 e 64 anos, residente em zona rural ou urbana -, não foi comprovada diferença alguma. Os resultados continuam ruins, persistindo estáveis. Esses dados desvelam um ensino deficiente, que não está conseguindo alterar o *status quo*, mesmo tendo sido desenvolvidas algumas ações governamentais – que se mostraram ineficientes e insuficientes – e, além disso, tendo havido maior participação e envolvimento da população- pais, professores, investigadores.

De acordo com a diretora executiva do Instituto Paulo Montenegro, Ana Lúcia Lima:

O Brasil não tem sido capaz de garantir oportunidades de acesso a uma educação de qualidade a todas as crianças e jovens e, em consequência, depara-se com limitações significativas na formação da população acima de 25 anos, principal força produtiva no País. Mesmo no caso da geração mais nova, entre de 15 a 24 anos, que tem mais escolaridade, é preciso avançar nos níveis de aprendizagem para fortalecer o desenvolvimento social e a produtividade e capacidade de inovação de nossa economia (INAF, p. 1, texto digital).

Vindo ao encontro do exposto, os dados resultantes do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes - Pisa (2015), coordenado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), classificou o Brasil em 59ª posição na área da leitura. De acordo com esse relatório, a média do Brasil se manteve estável desde o ano 2000. Isto é, embora tenha havido uma elevação (onze pontos) na pontuação obtida pelos estudantes de 2000 a 2015, a diferença não representou uma mudança estatisticamente significativa.

Quanto ao letramento, a avaliação do Pisa adota o seguinte conceito: “Letramento em leitura refere-se a compreender, usar, refletir sobre e envolver-se com os textos escritos, a fim de alcançar um objetivo, desenvolver conhecimento e potencial e participar da sociedade” (OCDE, 2016; PISA, 2015, p. 92).

Outros indicadores de avaliação, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica - SAEB e Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM, também revelam baixos índices de compreensão leitora por parte dos estudantes brasileiros do ensino fundamental e do ensino médio. Essas avaliações não requerem memorização de conteúdo e nem de regras de bom uso da língua, mas sim capacidade de raciocínio e reflexão, além do estabelecimento da inter-relação entre texto e contexto e mobilização dos conhecimentos prévios do leitor.

Por exemplo, os últimos resultados do SAEB, referentes à Prova Brasil, aplicada em 2015, mostram que

[...] as proficiências médias em Língua Portuguesa melhoraram em todos os níveis de ensino de 2013 para 2015, embora uma parte expressiva dos alunos ainda esteja nos níveis mais baixos da Escala de Proficiência, principalmente no 9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio (INEP, texto digital).

Em relação ao Enem 2017, exame nacional que avaliou a qualidade do ensino médio brasileiro, observamos que a média nacional dos estudantes na área das linguagens teve uma queda de 10,3 pontos em relação a 2016, atingindo média de 510,2 pontos. Já em redação, houve um aumento na média, de 541,9 em 2016, para 558, em 2017. Essas médias, se consideradas as competências de leitura e escrita que deveriam ser atingidas ao final do ensino médio, são insatisfatórias, o que confirma a necessidade de se intensificarem as pesquisas nas áreas de leitura e escrita.

Scliar-Cabral, dentre as muitas definições de analfabetismo funcional, afirma



o seguinte:

O conceito de analfabeto funcional, como o próprio adjetivo indica, deve, contudo, repousar sobre a falta de competência do indivíduo para ler e escrever os textos dos quais necessita em sua vida cotidiana familiar, social e de trabalho (SCLIAR-CABRAL, 2011, p. 108).

A definição condiz, portanto, com o conceito de letrado funcional proposto pela UNESCO (2007):

É funcionalmente letrada a pessoa que puder engajar-se em todas as atividades nas quais o letramento for condição para o desempenho efetivo no seu grupo e comunidade e também para permitir-lhe que continue a utilizar a leitura, a escrita e o cálculo para o seu próprio desenvolvimento e o de sua comunidade.

Para a investigadora, “uma das explicações para estes altos índices de analfabetismo funcional é que o país carece de materiais alinhados com as descobertas avançadas das neurociências” (SCLIAR-CABRAL, 2012, p. 3).

Assim, ao comparar os conceitos de analfabetismo, analfabetismo funcional e letramento constatamos sua coexistência, dado que estão intimamente associados ao desenvolvimento da habilidade de leitura, compreensão e interpretação, a qual se relaciona diretamente à dificuldade de escrita e através dela costuma ser mensurada.

Por outro lado, não há como ignorar a persistência do problema social gerado pelo analfabetismo e analfabetismo funcional, no Brasil, pois o fato é notório, o que demanda dar prioridade à educação básica, direito constitucional de todo o cidadão. Em vista disso, ponderamos fazer-se necessário que o governo tome medidas para debelar o problema, sobretudo, valorizando a atividade leitora, uma vez que a escrita, nos sistemas alfabéticos, depende do aprendizado da leitura (GRABE, 2009).

Concluindo esta seção, consideramos que seria aconselhável que profissionais envolvidos com as investigações e o ensino de leitura e escrita colaborassem entre si, intervindo ou promovendo situações que pudessem desencadear - dentre outras atitudes - mudanças de hábito de ensino de parte dos professores.

## 2.2 Alfabetização e letramento

Nesta seção vamos cotejar dois conceitos – alfabetização e letramento. Iniciamos considerando a perspectiva de Magda Soares. Segundo ela, ser alfabetizado é uma condição para ser letrado (SOARES, 2016). A autora afirma que a alfabetização, no seu sentido restrito, está relacionada à aquisição do sistema convencional da escrita. Já o termo letramento, surgiu da necessidade de incluir as práticas sociais de leitura e escrita, que vão além do processo de adquirir o sistema convencional da escrita.

[...] o termo letramento que se associa ao termo alfabetização para designar uma aprendizagem inicial da língua escrita entendida não apenas como a aprendizagem da tecnologia da escrita - do sistema alfabético e suas convenções -, mas também como, de forma abrangente, a introdução da criança às práticas sociais da língua escrita (SOARES, 2016, p. 27).

A partir dessas considerações, Soares (2016) refere três abordagens principais relacionadas aos métodos e propostas de aprendizagem da língua escrita: *linguística*, *interativa* e *sociocultural*. A primeira, segundo ela, relaciona-se à alfabetização e as demais ao letramento, conforme comentário a seguir:

[...] a faceta propriamente linguística da língua escrita - a representação da cadeia sonora da fala, faceta a que (...) se reservará a designação de alfabetização; a faceta interativa da língua escrita - a língua escrita como veículo de interação entre as pessoas, de expressão e compreensão de mensagens; a faceta sociocultural da língua escrita- os usos, funções e valores atribuídos à escrita em contextos socioculturais, estas duas últimas facetas consideradas (...) como letramento (SOARES, 2016, p. 28-29).

A autora (2016) explica que é a relação entre essas três facetas que se constitui no cerne do processo de alfabetizar e ao mesmo tempo letrar no processo de aprendizagem inicial da língua escrita. Assim, à medida que o indivíduo aprende a codificar e decodificar, também aprende a compreender e interpretar textos. Se, no ensino, for utilizada apenas uma das facetas, não teremos um indivíduo alfabetizado e letrado ao final do processo, ou seja, aquele que, além de ler e escrever, consegue dominar as habilidades de leitura e escrita em situações de letramento presentes em nossa sociedade (SOARES, 2016).

Por isso, a autora enfatiza que a alfabetização - faceta linguística - por si só não é suficiente para o processo de aprendizagem inicial da língua escrita, visto que

separa a língua escrita de seu objetivo final, que é a compreensão e interpretação de diferentes tipos e gêneros textuais que integram práticas sociais e profissionais, materializando diferentes eventos de letramento.

[...] ao longo do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, as duas facetas, *linguística e interativa*, desenvolvendo-se de forma independente, mas simultaneamente, vão se entrelaçando, até que, tornando-se automático e fluente o reconhecimento de palavras, entrelaçando-se definitivamente, e talvez seja esse o momento em que se pode considerar que se chegou ao *término* desse processo [...]. Dessa forma, contextualiza-se o processo de alfabetização - a aprendizagem da faceta linguística - associando-lhe o *letramento* - o desenvolvimento simultaneamente das facetas *interativa e sociocultural* (SOARES, 2016, p. 351).

Desse modo, buscamos evidenciar através da exposição feita até o momento que não é aconselhável que o professor de qualquer nível de ensino assuma uma postura rígida, limitando o período de Letramento do indivíduo ou considerando de antemão que alunos do ensino médio e ensino superior estejam devidamente alfabetizados.

Em função disso, pensamos ser indispensável que o professor prepare os alunos não só para vestibulares e processos seletivos, mas para todas as demais situações cotidianas em que o indivíduo faz uso da linguagem escrita, por exemplo, em ambientes digitais, na leitura de textos literários e de conhecimento científico, ou seja, ao ter acesso a produções textuais diversas que integram distintas práticas sociais. Gabriel (2017, p. 83) afirma que “adotar a perspectiva pedagógica do letramento implicaria preparar os alunos para a participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita”.

Tendo em vista que a questão da alfabetização é um tema extremamente complexo, pois envolve os processos de leitura e escrita, é imprescindível discutir com os professores alfabetizadores qual a concepção deles a respeito do tema, considerando-se as diferentes concepções sobre qual seja o objeto da alfabetização. Além disso, na história da alfabetização no Brasil, o fracasso escolar em relação ao domínio da escrita tem sido o principal responsável pelas mudanças de paradigmas e concepções de métodos (SOARES, 2016). Ainda no século XXI, o fracasso na alfabetização continua evidente, porém se manifesta de outra maneira:

[...] enquanto, no período anterior, o fracasso, revelado por meio, sobretudo, de avaliações internas à escola, concentrava-se na série inicial do ensino fundamental, a então geralmente chamada “classe de alfabetização”. o

fracasso na década inicial do século XXI é denunciado por avaliações externas à escola - avaliações estaduais, nacionais e até internacionais -, e já não se concentra na série inicial da escolarização, mas espalha-se ao longo de todo o ensino fundamental, chegando mesmo ao ensino médio, traduzindo em altos índices de precário ou nulo domínio da língua escrita, evidenciando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semialfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização (SOARES, 2016, p. 23).

Fazendo uma revisão histórica, Silva (2004) afirma que nos anos 50 e 60, os estudos referentes à alfabetização relacionavam-se aos melhores métodos para ensinar a ler e escrever – sintéticos ou analíticos. Já no final dos anos 60, intensificaram-se os estudos sobre a alfabetização visando a diminuir o fracasso escolar, o qual se acreditava ser decorrente, sobretudo, do contexto cultural (SILVA, 2004).

Nas décadas de 70 e 80, a alfabetização passou a ser entendida como um processo de reflexão sobre a língua (SILVA, 2004), tendo educadores se utilizado das pesquisas de Emília Ferreiro (1984) como metodologia de ensino, no 1º ano escolar. Grossi (1990) foi uma das educadoras brasileiras que se baseou na pesquisa de Ferreiro sobre as concepções do que seria a escrita para a criança, utilizando-a como metodologia de ensino no processo de alfabetização. A autora propôs que os professores analisassem o processo através de estágios ou níveis: nível pré-silábico; silábico e alfabético.

Foi nesse período, afirma Silva (2004), que surgiu o conceito de letramento. No período, o fracasso escolar tendeu a se agravar, visto que muitos alunos tinham de descobrir o princípio alfabético, por conta própria, chegando ao final do ensino fundamental, sem ler nem escrever.

Nessa mesma época, adicionou-se o termo funcional à alfabetização, visto ter-se tornado necessário considerar os casos de indivíduos escolarizados cujo desenvolvimento nas habilidades de leitura e escrita mostrava-se insuficiente. Daí a necessidade de repensarmos o conceito de indivíduo alfabetizado definido pelo IBGE – pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples -, e considerar as demandas da sociedade.

De acordo com Soares (2009), o conceito de letramento é, muitas vezes, identificado com o de alfabetização funcional, já que não basta ler e escrever, é preciso fazer uso dessas capacidades socialmente. Em outros termos, para que o leitor possa fazer uso social da leitura, não basta que seja alfabetizado, é preciso ser

letrado. Essa alteração de perspectiva deveu-se a que o mundo contemporâneo ficou cada vez mais exigente em relação à leitura e à escrita, sendo através delas que interagimos socialmente, relacionando-nos com os outros e nos constituindo como cidadãos.

Kleiman (2012, p. 18-19) define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. A autora enfatiza, também, a importância de alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever situadamente, dentro de um contexto social, em que o indivíduo seja, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Em decorrência, a redação escolar desvinculada das concepções que entendam a escrita como interação social tende a relegar as ideias a um segundo plano, sem relacioná-las à argumentatividade, situação em que os estudantes se envolvem com o que escrevem, defendendo e compartilhando as suas ideias. Nesse caso, redigir seria apenas o uso mecânico de formatos textuais decorados e uma demonstração das habilidades gramaticais, sem argumentatividade, ou seja, sem participação efetiva do indivíduo.

Levando em consideração essa circunstância, Soares (2004) explica que é importante distinguir alfabetização de letramento, mesmo que alguns teóricos a contestem, pois se aplica muito bem à situação brasileira e aos debates teóricos existentes no país. Por outro lado, a autora considera necessário reconhecer que:

[...] embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita (SOARES, 2004, p. 97).

Em continuidade, Soares (2004) explica, ainda, que em países desenvolvidos, com índice de analfabetismo quase nulo, não há necessidade de diferenciar alfabetização de letramento, visto que o conceito de *literacia* por eles utilizado envolve todo o processo de aprendizado de leitura e escrita. Já no Brasil, país com um alto índice de analfabetismo, os dois processos se fazem necessários – o de alfabetização enquanto apropriação do código linguístico (representação escrita da linguagem verbal); e o de letramento, uso da leitura e escrita em práticas sociais.

Explica-se, assim, o fato de em levantamentos censitários de países considerados desenvolvidos, o nível de letramento (literacia) da população é que é investigado, enquanto no Brasil, mesmo que já estejam acontecendo alterações nesse sentido, ainda prevalece o registro e avaliação do nível de alfabetização da população, diz Soares (2004) – o que favorece a permanência das lacunas presentes no ensino.

Discutindo a pertinência do conceito de letramento, Soares acrescenta que o indivíduo letrado pode, através da leitura e escrita, adaptar-se à sociedade – modelo autônomo -, ou ainda, através dessas capacidades, engajar-se na sociedade, desenvolver o seu senso crítico e ademais transformar o meio em que atua – modelo ideológico.

A linha divisória escolhida para distinguir o ‘alfabetizado’, o ‘letrado’ do ‘analfabeto’, do ‘iletrado’ varia de sociedade para sociedade: pessoas classificadas como alfabetizadas ou letradas em um determinado país não seriam em outro. Mais ainda: em um mesmo país, os conceitos de alfabetizado e analfabeto, de letrado e iletrado variam ao longo do tempo: à medida que as condições sociais e econômicas mudam, também as expectativas em relação ao letramento mudam, e aqueles classificados como alfabetizados ou letrados em um determinado momento podem não sê-lo em outro (SOARES, 2009, p. 90).

Em suma, autores que pesquisam o tema letramento explicam que ele possui diferentes acepções, remetendo a um processo complexo, que compreende várias habilidades, desde a dimensão individual até social, as quais, em conjunto, pressupõem diferentes capacidades de leitura e escrita, como também envolvem contextos culturais e políticos distintos (SOARES, 2009).

Segundo Kleiman, investigadora também favorável à introdução do conceito de letramento:

[...] as deficiências do sistema educacional na formação dos sujeitos plenamente letrados não decorrem apenas do fato de o professor não ser um representante pleno da cultura letrada nem das falhas num currículo que não instrumentaliza o professor para o ensino. As falhas, acredito, são mais profundas, pois são decorrentes dos próprios pressupostos que subjazem ao modelo de letramento escolar (KLEIMAN, 2012, p. 47).

Apesar da opinião corrente na sociedade e de todo o emaranhado de concepções teóricas, das pesquisas e de discussões sobre as insuficiências do ensino no Brasil, nada disso impede que pais, professores e a população, em geral,

esperem que, durante o processo de escolarização, os alunos, além de serem alfabetizados, consigam utilizar a leitura e escrita em seu cotidiano.

Além do mais, temos de aditar que o letramento é um processo sempre em desenvolvimento, inacabado, diferentemente da alfabetização – em que é possível distinguir o indivíduo alfabetizado do analfabeto. Em função disso, a relação entre alfabetização e escolarização é muito mais reconhecida do que a existente entre letramento e escolarização, até por ser difícil mensurar as habilidades de leitura e escrita em práticas sociais. A pessoa letrada muda o seu mundo, o seu jeito de ser, de pensar, a sua forma de viver e conviver. Esse processo é incomensurável.

Na próxima seção, considerando que o letramento envolve dois processos distintos – leitura e escrita -, são abordadas as peculiaridades e as habilidades exigidas pelos dois processamentos, como também a relação existente entre eles.

## **2.3 Os processos de leitura e escrita**

### **2.3.1 Leitura**

O ato de ler pode ser considerado uma das atividades cognitivas mais complexas que o ser humano realiza, visto que é através da leitura que assimilamos as estruturas próprias da língua escrita. “Ler é transformar representações gráficas da linguagem em representações mentais da sua forma sonora e do seu significado. Quando se trata de um texto, o objetivo da leitura é poder apreender o seu sentido” (MORAIS *et al.*, 2013, p. 17). Tendo isso em mente, facilmente depreendemos que o processo de leitura vai muito além da decodificação, ou seja, através de seu exercício constante conseguimos acessar informações, que nos tornam mais críticos e conscientes a respeito dos acontecimentos em nosso meio social.

Morais (2013) esclarece que a leitura requer uma habilidade específica e capacidades gerais para o seu processamento. A habilidade específica é a identificação das palavras escritas; as capacidades gerais que intervêm no processamento leitor são:

[...] atenção, memória de trabalho, conhecimento lexical e da gramática da língua, conhecimento semântico e enciclopédico, raciocínio, capacidades de análise e de síntese, tudo o que também é mobilizado no processamento da informação veiculada pela fala (MORAIS, 2013, p. 17).

O autor afirma, também, que as diferenças de nível de leitura dependem dos componentes 1) específico e 2) geral da leitura, que se alteram progressivamente. Inicialmente, temos de considerar a identificação de palavras, ou seja, o leitor que não identifica as palavras, não consegue compreender o texto; à medida que o reconhecimento das palavras torna-se mais eficiente, as diferenças individuais de leitura dizem respeito às capacidades gerais; e quando a identificação das palavras escritas se torna automática e rápida, como acontece entre os leitores universitários, essa identificação interfere muito pouco no nível de compreensão de textos (MORAIS, 2013).

Ainda de acordo com Morais (2013), isso não significa que a identificação das palavras não seja importante entre leitores universitários. No entanto, para diferenciar bons de maus leitores nessa população, é preciso analisar as capacidades cognitivas, os conhecimentos prévios e as estratégias de processamento de informação que os indivíduos, nessa etapa da vida, utilizam antes, durante e após a leitura. Morais reitera, também, que “na maioria dos casos, [os indivíduos] são maus leitores por razões socioculturais” (MORAIS, 2013, p. 19).

Com isso concorda Stanovich (1986), que discute a respeito de leitura em um artigo conhecido e divulgado no mundo todo. Nesse artigo, Stanovich fala a respeito do Efeito Mateus, afirmando que indivíduos que tiveram mais contato com a leitura no seu desenvolvimento inicial tendem a ter mais sucesso posteriormente; já leitores iniciantes que enfrentaram dificuldades de acesso à leitura tendem a apresentar dificuldades vida afora. O autor acrescenta, também, que crianças de ambientes privilegiados, em que o hábito da leitura existe, terão vantagens sobre outras, vindas de ambientes em que não há leitores nem leitura, e conclui que isso faz com que as diferenças existentes entre os grupos aumentem, beneficiando aqueles com mais oportunidades. Stanovich (1986) destaca que muitos fatores estão envolvidos na capacidade de compreensão leitora, como o conhecimento geral e sintático, o vocabulário, que são desenvolvidos através da leitura.

“Um dos grandes mistérios que desafia os pesquisadores é como as pessoas aprendem a ler e a compreender textos com facilidade e rapidez” (EHRI, 2013, p. 49), e esse enigma persiste apesar das inúmeras pesquisas sobre leitura já realizadas. O que sabemos com certeza é que um dos processos básicos, indispensáveis para ler palavras é a decodificação. De acordo com Ehri, a



Decodificação envolve o uso do conhecimento das relações grafema-fonema para identificar o som correspondente a cada grafema, aglutinando-os em pronúncias que formam palavras reconhecíveis. Decodificar também envolve o uso do conhecimento de padrões ortográficos maiores que podem representar sílabas ou morfemas, e aglutinar estas unidades para gerar pronúncias (EHRI, 2013, p. 51).

Outra forma possível de ler é através de analogia. “Esta estratégia envolve o uso de partes de palavras conhecidas para ler palavras desconhecidas, quando ambas possuem o mesmo padrão ortográfico” (EHRI, 2013, p. 51). Outra abordagem referida pelo autor é a predição, “que envolve o uso de informação contextual e de uma ou mais letras para inferir a identidade das palavras” (EHRI, 2013, p. 52). Esta última possibilidade apresenta a leitura por reconhecimento automatizado. “A visão da palavra ativa sua pronúncia e seu significado na memória. Leitores podem fazer isto porque a palavra já foi lida anteriormente e armazenada na memória” (EHRI, 2013, p. 52).

De acordo com Ehri, o que determina a estratégia de leitura a ser mobilizada é a familiaridade com as palavras escritas. Quando a palavra é desconhecida, utilizamos um dos métodos iniciais: *decodificação, analogia ou predição*. E quando as palavras são familiares e reconhecidas pela memória lexical, utilizamos a estratégia de reconhecimento automatizado.

Por sua vez, Spinillo (2013, p. 139) considera que “a leitura se constitui de duas instâncias complementares e indissociáveis: a decodificação e a compreensão.” Segundo ela, para leitores iniciantes, a decodificação é essencial ao bom desempenho em leitura. À medida que aumenta a escolaridade, o desafio volta-se à compreensão, pois o indivíduo já consegue atribuir significado ao que lê, estabelecendo relações entre o texto e seu conhecimento de mundo.

Enquanto a decodificação ocorre especialmente no âmbito da palavra, implicando no seu reconhecimento enquanto unidade de significado, a compreensão, por sua vez, assume um caráter mais amplo, estendendo-se ao texto como um todo, implicando em relações entre informações nele veiculadas - quer de forma implícita ou explícita - e o conhecimento de mundo do leitor (SPINILLO, 2013, p. 139).

A autora comenta que além de a decodificação e a compreensão terem pesos diferentes ao longo da vida escolar, também se diferenciam quanto à relação com as unidades linguísticas.

### 2.3.2 Escrita

Nas sociedades letradas, a escrita faz parte do cotidiano, já que nos deparamos com textos dos mais diferentes gêneros a todo o momento, bem como produzimos e lemos textos escritos em diversas situações do dia a dia, diferentemente do que ocorre e do que ocorria em sociedades ágrafas. Hoje, a escrita tornou-se imprescindível para os indivíduos, não só em relação ao ambiente escolar, mas também ao profissional, visto que as exigências do mercado de trabalho incidem maciçamente sobre a (inter)comunicação, seja oral seja escrita.

De acordo com Soares (2016), a aprendizagem da escrita não é um processo natural, como a aquisição da fala. A autora explica que a escrita “é uma invenção cultural, a construção de uma visualização dos sons da fala, não um instinto” (SOARES, 2016, p. 45). Por isso, necessita ser ensinada através de estratégias que orientem o processo de aprendizagem do ler e do escrever.

Além do mais: “Aprender a escrita alfabética é, fundamentalmente, um processo de converter sons da fala em letras ou combinações de letras - escrita -, ou converter letras, ou combinação de letras, em sons da fala - leitura.” (SOARES, 2016, p. 46). Essa conversão, segundo a autora, é essencial para a escrita alfabética, que se assume tanto como um sistema de representação quanto como um sistema notacional. Isso, considerando o aspecto linguístico do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, no sistema do português (SOARES, 2016).

Spinillo (2013, p. 138) comenta que

[...] nos anos escolares dedicados ao ensino da linguagem escrita, as relações entre o processo de alfabetização e a metalinguagem têm se materializado em práticas de sala de aula que envolvem atividades em que as relações som(linguístico)-grafia são exploradas com o objetivo de levar a criança a dominar a natureza representacional da escrita.

Ainda, de acordo com Spinillo (2013, p. 141),

[...] as atividades metalinguísticas são fundamentais na aprendizagem da linguagem escrita, não apenas em relação à capacidade de estabelecer relações grafema-fonema, mas também quanto à capacidade de estabelecer inferências.

A explicação para tanto decorre de os alunos terem de conhecer conceitos básicos (como os de letra, palavra, adjetivo, parágrafo, singular, plural etc.), bem

como certos processos básicos como os da inter-relação entre os nomes e os pronomes pessoais, as relações entre os tempos e modos verbais, as conjugações verbais e assim por diante.

Mas o ensino da metalinguagem não pode substituir o texto. Nesse sentido, Marcuschi (2008) considera que um dos problemas do ensino da língua é o tratamento inadequado que o texto recebe em sala de aula, principalmente em relação à sua forma de apresentação. Por isso, ressalta que não há como dissociar a escrita da oralidade, já que o trabalho da escola em relação ao ensino de língua deve ser pautado naquilo que o aluno já sabe, mas, também no de abrir-lhe as perspectivas para os usos não cotidianos da comunicação oral e escrita. Ainda, de acordo com Marcuschi (2008, p. 53),

[...] se a escola tem como missão primária levar o aluno a bem se desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formal e comunicativo estejam bem conjugados, isto não deve servir de motivo para ignorar os processos de comunicação oral. A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simultaneamente. Mesmo que o texto escrito desenvolva um uso linguístico interativo não do tipo comunicação face a face, deve, contudo, preservar os papéis que cabem ao escritor e ao leitor para cumprir a sua função, sob pena de não ser comunicativo.

O autor enfatiza que o trabalho com a língua e o ensino da metalinguagem deve acontecer a partir do contexto da compreensão, produção e análise textual. Em suas palavras, “o trabalho em língua materna parte do enunciado e suas condições de produção para entender e bem produzir textos” (MARCUSCHI, 2008, p. 55).

Antunes (2005), por sua vez, dá ênfase à prática da escrita acrescentando que é da compreensão que temos sobre o ato de escrever que derivarão nossas atividades com a escrita. Por isso, dependendo da nossa concepção sobre o que é escrever, podemos produzir redações descontextualizadas, com frases soltas, sem um destinatário; ou então produzir textos socialmente relevantes, com um objetivo específico, observando o gênero textual e o leitor visado, tal como acontece numa conversa.

Koch e Elias (2011), de sua parte, discutem três concepções de ensino de escrita: a primeira focada na língua; a segunda, no escritor; e a terceira, na interação. A primeira abordagem concebe o ensino da escrita focado nos aspectos gramaticais, devendo o autor do texto apropriar-se do sistema de escrita e de suas regras. Por isso, explicam:

[...] nessa concepção de sujeito como predeterminado pelo sistema, o texto é visto como um simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificada pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado (KOCH; ELIAS, 2011, p. 33).

Na segunda abordagem, a escrita é vista como a representação do pensamento e intenções do escritor, sem considerar os conhecimentos e experiências do leitor, nem a interação que envolve esse processo. Por último, as autoras apresentam a concepção interacional da língua, em que “tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto [...]” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 34).

As autoras destacam, sobretudo, o contexto sociocognitivo e afirmam que o redator, ao produzir textos, precisa considerar um conjunto de conhecimentos relacionados ao mundo, ao uso da língua e às práticas comunicativas comuns a ambos – autor e leitor. Em decorrência, ressaltam que não há como elaborar uma boa produção escrita sem considerar os aspectos contextuais (pragmáticos).

Por fim, Antunes (2005) ressalta que o texto deve integrar toda proposta de ensino de língua em sala de aula, visto que “ninguém interage verbalmente a não ser por meio de textos” (ANTUNES, 2005, p. 40).

### **2.3.3 A inter-relação entre leitura e escrita**

Segundo Ehri (2013, p. 67), “[...] é importante reconhecer a relação íntima entre leitura e escrita”. Em função disso, afirma que a correlação entre essas duas habilidades linguísticas é muita alta, uma vez que “ambas as habilidades são governadas por vários dos mesmos processos: conhecimento do sistema ortográfico alfabético e uso deste conhecimento para formar conexões entre a grafia e a pronúncia de palavras específicas para armazená-las na memória” (EHRI, 2013, p. 67).

Para Silva (2015):

A íntima relação entre leitura e escrita deve acontecer de forma natural na vida do estudante que lê, produz sentidos, interpreta textos e se descobre utilizando novos vocábulos, sendo capaz de se expressar com clareza e adequação ao produzir seus textos (SILVA, 2015, p. 30).

Em função disso, para aprender a ler e a escrever não há como deixar de lado - não ensinando ao aluno - a metalinguagem linguística, que lhe permite desenvolver a competência metalinguística, que, segundo Soares (2016), pode ser

[...] entendida não apenas como a capacidade de ouvir a língua, analisar seus 'sons' (linguísticos) e relacioná-los com marcas gráficas, mas entendida também como capacidade de refletir sobre o texto escrito, sua estrutura e organização, suas características sintáticas e contextuais (SOARES, 2016, p. 124).

Só assim, o indivíduo será capaz de tornar-se um leitor e produtor de textos competente.

Para aprender a ler e a escrever, é necessário que o aprendiz volte a sua atenção para os sons da fala, e tome consciência das relações entre eles e sua representação gráfica, tanto no nível da palavra quanto no nível das relações fonema-grafema; por outro lado, para compreender e produzir textos, é necessário que a atenção se volte para o texto escrito, as peculiaridades estruturais e linguísticas que o distinguem do texto oral (SOARES, 2016, p. 124).

Tendo em vista o que foi afirmado, leitura e escrita são atividades sociais que se complementam no dia a dia. Escrevemos para que alguém leia. Lemos para alguém ou para nós mesmos a fim de mantermos uma conversa com os demais ou para cumprir uma dada exigência social. Em suma, a escrita integra as atividades de sujeitos inseridos em uma determinada comunidade, que compartilham de práticas sociais e culturais, materializando-as em gêneros textuais diversos (FLÔRES, 2015).

Flôres (2015) destaca também que qualquer atividade de leitura ou escrita, no âmbito escolar e acadêmico, demanda que o professor faça previamente uma seleção de gêneros textuais diversos, para que os estudantes estejam preparados para fazer uso da escrita em diferentes práticas sociais. Assim:

[...] se a experiência de leitura/escrita do aluno for pequena, sua fala e sua escrita vão traduzir seu desconhecimento dos gêneros escritos por vezes utilizados em situações sociais com que se defronta fora de seu grupo comunitário, e, na certa, também, do modo como a modalidade da língua mobilizada nesses casos pode ser utilizada nos diversos nichos sociais com os quais ainda não teve contato (FLÔRES, 2015, p. 43).

Anteriormente, Antunes (2010) chamara a atenção para o caráter autocentrado do ensino escolar, na atualidade, sugerindo que as escolas se voltem para fora de si mesmas, identificando quais as competências a serem desenvolvidas

pelos estudantes, para conseguir participação social mais efetiva. A autora afirma, inclusive, que alunos dos grupos populares são os mais prejudicados pela falta de visão de conjunto das relações sociais, ao não serem expostos a situações comunicativas diversificadas. Muitas vezes, os professores ensinam o que eles já sabem ou o que não precisam saber, mas não se preocupam em familiarizá-los com tipos diversificados de interação social; essa falta de perspectiva de conjunto os prejudica, uma vez que os estudantes não aprendem a se comportar numa dada situação, não sabem o que dizer e nem como falar e/ou escrever quando a situação é mais formal e exigente. Sem essa habilidade social acabam sendo excluídos posteriormente, porque, no campo do uso da língua, eles possuem dificuldade para compreender textos mais longos e complexos e/ou escrever textos mais elaborados e formais.

Antunes prossegue afirmando que para escrever com acerto e adequação, precisamos ter o que dizer, além de considerar o interlocutor e o objetivo a ser atingido com a interação. Para tanto, necessitamos, de acordo com ela, expandir o repertório e isso só se dá a partir das diferentes leituras – tanto gráficas quanto de mundo, uma vez que: “Todo texto é expressão de uma atividade social” (ANTUNES, 2010, p. 31).

Conforme Marcuschi (2008, p. 90), “operar com textos é uma forma de se inserir na cultura e dominar uma língua”, por isso o conhecimento dos gêneros textuais é importante tanto para organizar e desenvolver formas textuais, quanto para selecionar qual dentre os gêneros deve ser usado como instrumento de produção e compreensão, numa dada situação comunicativa formal ou informal.

De sua parte, Koch (2003, p. 17) afirma que o “sentido de um texto é, [...], construído na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não algo que preexista a essa interação”. O texto passa a ser considerado, nessa concepção interacional, como lugar de interação, e os interlocutores como sujeitos ativos, que constroem e reconstroem pontos de vista continuamente através da linguagem.

Em prosseguimento, Marcuschi (2008) ressalta que

[...] o texto se ancora numa realidade situacional com a decisão por um gênero que produz determinado discurso, e por isso não é uma realidade virtual, por outro lado, ele concerne às relações semânticas que se dão entre os elementos no interior do próprio texto. Portanto: um texto tem relações situacionais e cotextuais (MARCUSCHI, 2008, p. 87).

Esse autor propõe que “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 88), decorrendo daí o seu caráter funcional, dependente da discursividade, inteligibilidade e articulação, além da sua atuação em contextos comunicativos definidos. Por considerar que o texto não é um conjunto aleatório de frases, nem uma sequência de frases dispostas em qualquer ordem, menos ainda um conjunto de palavras e frases que ocupam determinadas posições dadas como corretas pela tradição gramatical, Marcuschi (2008) estabeleceu sete critérios de textualidade: (1) coesão; (2) coerência; (3) intencionalidade; (4) aceitabilidade; (5) situacionalidade; (6) intertextualidade; e (7) informatividade. Esses critérios tinham sido definidos e elencados por Beaugrande e Dressler (1981), todavia, temos de salientar desde logo a preocupação de Marcuschi com o possível engessamento teórico dos critérios, já que “um texto é uma proposta de sentido e só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte” (MARCUSCHI, 2008, p. 94). Por isso mesmo destacou enfaticamente que os critérios de textualidade não podem ser transformados em regras constitutivas do texto, mas observados enquanto princípios de acesso ao seu sentido.

Costa Val (1994, p. 34) já afirmara, bem antes disso, que não há como delimitar de forma rígida e estanque o que é textualidade.

[...] a textualidade de uma produção linguística depende, em grande parte, do recebedor (seus conhecimentos prévios, sua capacidade de pressuposição e inferência, sua adesão ao discurso) e do contexto (o que é texto numa situação pode não o ser em outra).

Desse modo, tendo em vista o caráter fluido e mutável da textualidade, Costa Val (1994) diz ser necessário que a escola assuma uma nova postura de trabalho com a linguagem (oral e escrita), levando em consideração as três facetas da interação comunicativa: formal, conceitual e pragmática, buscando aprimorar a competência comunicativa natural dos alunos. Em seguida, a autora (1994) comenta que, dado o modo de funcionamento escolar, os critérios coerência e informatividade, possivelmente, devam ser aqueles em que os alunos apresentem mais falhas, talvez pelo fato de a escola priorizar o aspecto formal. O comentário é interessante, todavia é preciso investigar muito mais a respeito do assunto.

Antunes (2010), por outro lado, assegura que ao determinar quais os elementos analisar em um texto, devemos considerá-lo como centro, como objeto de

estudo e análise. Tradicionalmente, no entanto, a análise textual tem sido realizada a partir de um recorte gramatical, o que devemos evitar, pois nesses casos acabamos por não considerar o papel que o ‘termo’ desempenha na construção e expressão dos sentidos. A autora sugere, e não há como discordar, que a dimensão global do texto, aquela que envolve a coerência, deve ser analisada primeiro, visto sua relevância.

O primeiro interesse, na análise dos textos, deve estar orientado para a apreensão de seus aspectos globais, ou seja, para o entendimento do texto como um todo, daquilo que o perpassa por inteiro e que confere sentido às suas partes e a seus segmentos constitutivos (ANTUNES, 2010, p. 65).

Por isso mesmo, ressalta que “não é possível isolar o que é pontual, ou o que é simplesmente gramatical, ou o que nada tem a ver com o sentido ou a função global do que é dito” (ANTUNES, 2010, p. 17). Portanto, em um texto tudo se relaciona, tudo concorre para que seja coerente e de acordo com os seus propósitos comunicativos.

Chamo a atenção, portanto, para esse cuidado de, nas análises que fazemos, não separar, não isolar, o que é global do que é pontual e vice-versa, o que é lexical do que é gramatical; afinal, o texto é um tecido único, cujo resultado global decorre exatamente dos efeitos conseguidos por meio de cada um de nós, feitos textualmente, e pressupostos contextualmente (ANTUNES, 2010, p. 17).

Antunes é enfática ao afirmar que “qualquer análise, de qualquer segmento [textual] deve ser feita, sempre, em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito” (ANTUNES, 2010, p. 59). Ao propor que a análise dos textos seja feita a partir do texto como um todo, Antunes elenca os seguintes critérios analíticos: universo de referência; unidade semântica; progressão do tema; propósito comunicativo; esquemas de composição (tipos e gêneros); relevância informativa; relação com outros textos (ANTUNES, 2010). A autora complementa sua proposta basilar com uma análise suplementar centrada em aspectos mais pontuais da construção do texto, como coesão e coerência, tipos de nexos textuais e seus recursos de constituição.

Depreendemos do exposto até aqui que os pesquisadores cujas ideias apresentamos propõem em suas obras diferentes sugestões de critérios para análise de textos, sempre considerando o *corpus* e o objetivo da investigação por



eles delineada.

Assim, após considerar a relação entre leitura e escrita e os critérios de análise textual utilizados pelos diferentes pesquisadores da Linguística Textual, apresentamos, na seção a seguir, os procedimentos metodológicos da pesquisa aqui relatada e também os critérios por nós elencados para a análise dos textos da amostra considerada no estudo.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa teve caráter empírico, quanti-qualitativo, pois nos propusemos a analisar as redações da amostra selecionada de acordo com critérios preestabelecidos. Sua proposta é uma sugestão de critérios de análise, fundando-se em nossa experiência docente e nas leituras feitas. O objetivo do trabalho foi identificar e elencar as possíveis manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos dos cursos de História, Jornalismo e Letras, 2017A. Os critérios selecionados para o trabalho foram os seguintes:

1. Coerência/Incoerência temática do texto produzido (crônica ou artigo de opinião);
2. Marcas de falta de leitura ou de atenção (influência da fala; erros de ortografia; desconhecimento pontual; erros de acentuação; repetição excessiva de palavras sem finalidade estilística);
3. Falta de informatividade textual (repetição de ideias; falta de progressão);
4. Desconexão entre título e texto;
5. Voz única (opinião) vs. intertextualidade;
6. Falha de coesão referencial;
7. Ausência de coesão sequencial (inadequação ou falta de articuladores textuais);
8. Tipicidade/atipicidade estrutural.

De acordo com Moreira (2011b, p. 73), entendemos que a pesquisa em educação deva ser “entendida como a produção de conhecimentos resultantes da busca de respostas a perguntas sobre ensino, aprendizagem, currículo e contexto educativo [...]”. Por se tratar de um estudo que envolveu identificar manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos, centrando-se na leitura e análise das redações produzidas no Vestibular, nossa pretensão foi alertar as Instituições de Ensino Superior sobre a necessidade crescente de propor metodologias que qualifiquem o ensino de leitura e escrita, a fim de melhorar os resultados obtidos pelos estudantes nas avaliações nacionais e internacionais.

A análise dos erros classificados em diferentes tipos teve caráter quantitativo, porém sua interpretação foi qualitativa, de vez que enfocou o erro em relação ao

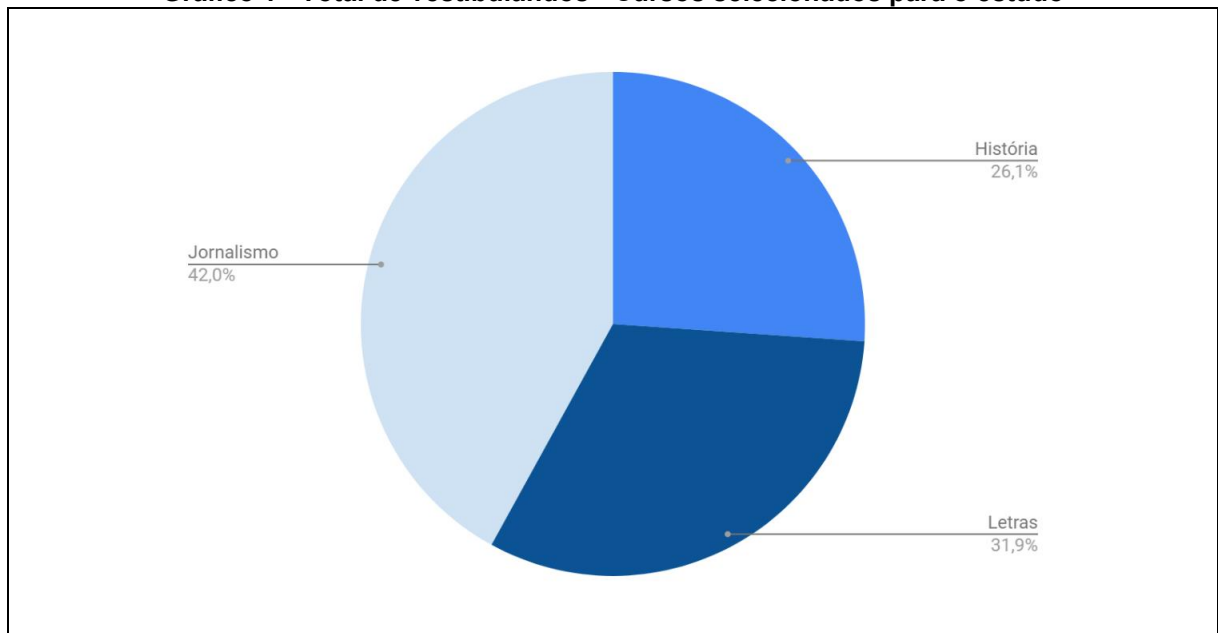
texto produzido e não genericamente. A abordagem foi interpretativista, pois, conforme Zanotto, essa metodologia “consiste em [buscar] ouvir as vozes dos participantes das práticas sociais investigadas, para poder compreender os significados construídos por eles no contexto em que estão inseridos” (ZANOTTO, 2014, p. 14). Em suma, nossa análise buscou captar a voz do redator através daquilo que escreveu e não simplesmente confirmar ou contestar o grau conferido ao vestibulando pelos corretores das provas oficiais do vestibular.

### 3.2 Procedimentos

Inicialmente, realizamos um inventário geral das notas das redações dos vestibulandos dos cursos de História, Jornalismo e Letras atribuídas pelos professores corretores da Instituição participante, para após precisar o nosso objeto de estudo e os critérios a serem utilizados.

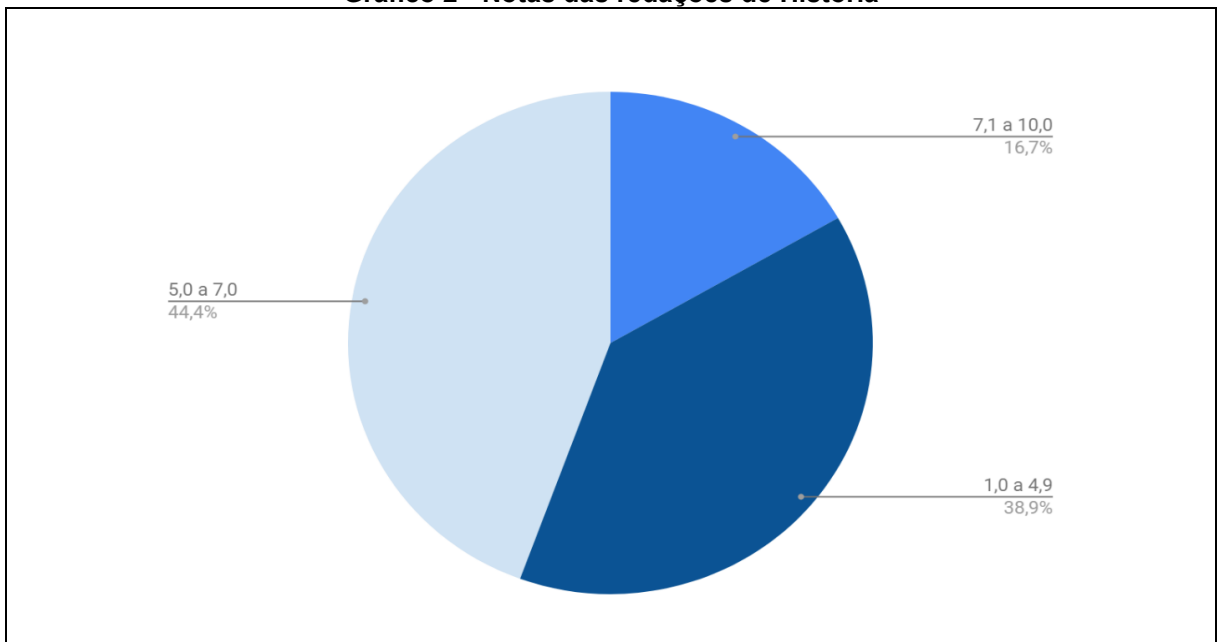
Realizaram a redação do vestibular 2017A, 18 vestibulandos para o curso de História; 29 para Jornalismo; e 22 para Letras, totalizando 69 vestibulandos nos três cursos.

**Gráfico 1 - Total de vestibulandos - Cursos selecionados para o estudo**



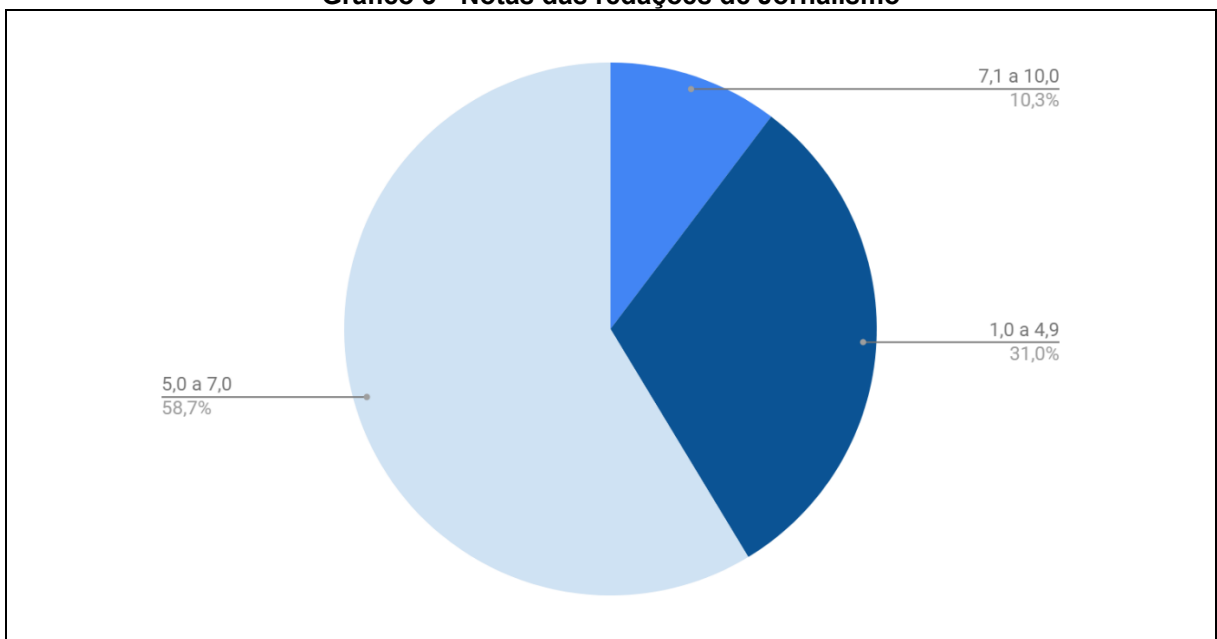
Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

Constatamos que, dos 18 vestibulandos do curso de História, 7 não atingiram nota 5,0, o que representa cerca de 39% do grupo; 8 atingiram de 5,0 a 7,0 pontos, cerca de 44%; e somente 3 alcançaram notas acima de 7,0, aproximadamente 17%.

**Gráfico 2 - Notas das redações de História**

Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

Em relação ao curso de Jornalismo, 29 vestibulandos realizaram a redação. Destes, 9 não atingiram nota 5,0 (cerca de 31%); 17 alunos classificaram-se com notas entre 5,0 e 7,0, representando aproximadamente 59%; e somente 3 alunos alcançaram notas acima de 7,0, cerca de 10%.

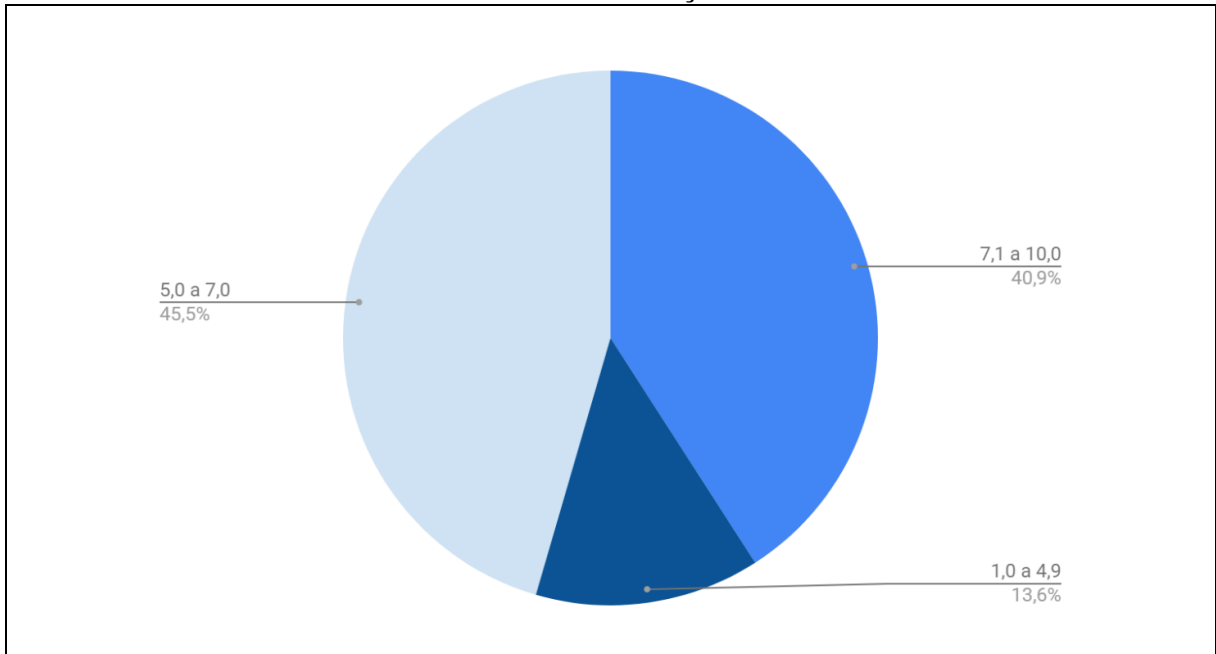
**Gráfico 3 - Notas das redações de Jornalismo**

Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

Para concorrer a vagas no curso de Letras, havia 22 vestibulandos. Três (3) destes não atingiram média 5,0 (cerca de 14%); 10 atingiram notas entre 5,0 e 7,0,

aproximadamente 45%; e 9 alunos apresentaram notas acima de 7,0, o que representa cerca de 41%.

**Gráfico 4 - Notas das redações de Letras**



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

A partir do levantamento inicial, foram selecionadas 15 (quinze) redações de cada curso, com base nas notas dadas pelos professores encarregados da correção pela Instituição sede. Do total de textos produzidos foram escolhidas as 5 redações que receberam as menores notas em cada um dos cursos, outras 5 com notas medianas, ou seja, redações que obtiveram notas entre 5,0 e 7,0 (escolha aleatória) e 5 que atingiram os melhores conceitos, conforme Tabela 3. As redações foram numeradas por curso, em ordem crescente, como especificado na tabela a seguir.

**Tabela 3 - Relação do *corpus***

Cursos	Quantidade de redações realizadas em cada curso	Quantidade de redações selecionadas para o estudo	Notas atribuídas pelos corretores às redações selecionadas para o estudo	Numeração das redações selecionadas
História	18	15	3,5 - 4,0 - 4,0 - 4,3 - 4,5 - 5,0 - 5,5 - 5,5 - 6,0 - 6,0 - 6,5 - 6,5 - 7,5 - 8,8 - 9,0	1 a 15
Jornalismo	29	15	2,5 - 3,0 - 3,0 - 3,5 - 3,5 - 5,5 - 5,5 - 6,0 - 6,0 - 6,5 - 6,5 - 7,0 - 8,0 - 9,0 - 9,0	16 a 30
Letras	22	15	4,0 - 4,0 - 4,5 - 5,0 - 5,0 - 6,0 - 6,5 - 6,5 - 7,0 - 7,0 - 8,0 - 8,0 - 8,5 - 8,5 - 9,0	31 a 45

Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

A análise das produções textuais dos vestibulandos foi realizada pelos corretores da Instituição participante e pautou-se pelos critérios constantes no Manual do candidato 2017A:

A avaliação do desempenho do candidato na redação do PROCESSO SELETIVO VESTIBULAR 2017A está baseada nos seguintes critérios:

- domínio de diferentes tipos de textos, com ênfase no texto dissertativo-argumentativo;
- domínio do padrão de língua adequado à escrita e aos diferentes tipos de texto:
- estrutura adequada dos períodos e orações,
- pontuação, margem, parágrafos,
- concordância, regência, emprego dos tempos verbais,
- ortografia, acentuação;
- apresentação do texto de acordo com a proposta dada;
- conteúdo significativo e pertinente ao tema solicitado;
- adequação e precisão vocabular.
- Texto ilegível ou que não estiver de acordo com o tema proposto ZERA a redação (MANUAL DO CANDIDATO, 2017A, p. 28).

Os vestibulandos tiveram de produzir o texto, de acordo com a proposta de redação (disponível no ANEXO A), observando os critérios estabelecidos pela Instituição de Ensino.

A proposta 1 solicitava a produção de uma crônica, e a proposta 2, de um artigo de opinião. As propostas de redação faziam parte da prova de português e se relacionavam ao texto “*Pelados no espelho*”, de Paulo Gleich, publicado no jornal Zero Hora, em outubro de 2015. Tendo em vista que vivemos em uma era informacional, e que os indivíduos, ao menos os participantes do estudo relatado (conforme questionário socioeconômico), têm acesso à internet e estão sujeitos à influência dos algoritmos, bem como a situações constrangedoras que envolvem desde um comentário até uma imagem postada na web, o tema proposto vincula-se à realidade circundante dos candidatos.

Outro ponto a considerar é que, no ensino médio, o tipo textual argumentativo, normalmente, é o mais trabalhado/exercitado, em função de ser mais cobrado nos vestibulares e outros processos seletivos. Um exemplo dessa tendência, confirmada pelo Enem, foi solicitar a produção de um texto dissertativo-argumentativo, que se assemelha em muitos aspectos ao artigo de opinião, pois ambos pertencem ao mesmo tipo textual, precisam apresentar uma tese e defendê-la com argumentos fundamentados, além da estrutura típica - introdução, desenvolvimento e conclusão. A partir disso, observamos que aproximadamente

65% do total de vestibulandos de Letras, História e Jornalismo, não só os considerados para a análise, optaram pela proposta 2, enquanto cerca de 35% optaram pela proposta 1.

Após a seleção do *corpus*, 45 redações, discutimos os fundamentos teóricos de análise de textos de Marcuschi (2008) e Antunes (2010), para em seguida definir os critérios que melhor se adequavam ao nosso objetivo.

Na sequência, transcrevemos o conjunto de redações e analisamos algumas em que os critérios de análise selecionados foram bem caracterizados e mostraram-se representativos, tipificando o que ocorreu com frequência em outras redações.

### **3.3 Objetivos**

#### **3.3.1 Objetivo geral**

Identificar manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos dos cursos de Letras, História e Jornalismo de uma Instituição de Ensino Superior do RS, a partir da análise da redação do Vestibular – 2017A, com vistas a qualificar o ensino de leitura e escrita na Instituição sede.

#### **3.3.2 Objetivos específicos**

- 1) Analisar a coerência global dos textos (Coerência/incoerência global do texto produzido);
- 2) Destacar aspectos linguísticos e extralinguísticos (relação texto/contexto) presentes ou ausentes nas redações de vestibulandos dos Cursos Superiores participantes do estudo, segundo os critérios elencados: Coerência/incoerência temática do texto produzido; marcas de falta de leitura ou de atenção etc.; falta de informatividade; desconexão entre título e texto; voz única (opinião) vs. intertextualidade; falha de coesão referencial; ausência de coesão sequencial; tipicidade/atipicidade estrutural.

### **3.4 Hipótese**

Após a verificação das notas das redações, atribuídas pelos corretores da IES

participante, consideramos haver manifestações de analfabetismo funcional nos textos de vestibulandos dos cursos de Letras, História e Jornalismo, apesar de terem optado por cursos em que se faz necessário utilizar constantemente a linguagem escrita, produzindo textos de diferentes tipos e gêneros textuais.

### **3.5 Cursos e textos selecionados**

A escolha dos cursos constitutivos da amostra da presente investigação deveu-se, principalmente, à sua relação com a Língua Portuguesa e seu uso como ferramenta de trabalho. Os três cursos selecionados - Letras, História e Jornalismo - utilizam-se da linguagem escrita, constantemente, em suas respectivas áreas de atuação, mesmo que em diferentes perspectivas e com distintos propósitos.

A partir do Questionário Socioeconômico, elaborado pela instituição participante e aplicado aos inscritos no vestibular, foi possível verificar que os sujeitos produtores das redações para o estudo, em sua maioria, eram oriundos de escola pública e não exerciam atividade profissional remunerada, quando da realização do vestibular. Além disso, é importante ressaltar que não tivemos contato direto com os vestibulandos, visto que as redações não estavam identificadas.

### **3.6 Critérios de análise das redações**

#### **3.6.1 Coerência/Incoerência temática do texto produzido**

O critério coerência/incoerência das redações relacionou-se à questão mais ampla de o(a) vestibulando(a) desenvolver o texto conforme o tema solicitado na proposta, conseguindo manter-se fiel ao gênero e tipo textual escolhido.

#### **3.6.2 Marcas de falta de leitura ou de atenção – (influência da fala; erros de ortografia; erros de acentuação; repetição excessiva de palavras sem finalidade estilística)**

Para diferenciar falta de leitura X falta de atenção, consideramos a ausência de conhecimento prévio evidenciado pela não familiaridade com a escrita (questão mais grave) em relação à possibilidade de pressa/desatenção aos detalhes,



desconhecimento pontual. Para distinguir as possibilidades analisamos o todo textual e não apenas os erros isoladamente. O critério levou em conta as seguintes manifestações: erros de ortografia (deslizes de escrita, limites de palavra, separação de sílabas); falta ou excesso de acentos gráficos; infrações decorrentes da influência da fala (acréscimo de letras, eliminação de letras, mudança de posição da sílaba na palavra - metátese - Ex.: Manica por máquina ou camalhaço por calhamaço, etc.). Registramos casos presentes em alguns dos textos analisados, para exemplificar o procedimento analítico.

### **3.6.3 Falta de informatividade textual (repetição de ideias; falta de progressão)**

Para analisar a informatividade do texto, levamos em consideração o grau de previsibilidade apresentado nos argumentos e reflexões. Antunes pondera que “quanto mais previsível é a interpretação de um texto, menos ele é informativo, menos ele requisita a habilidade interpretativa do interlocutor e, dessa forma, menos suscita o seu interesse” (ANTUNES, 2010, p. 74).

Sobre esse critério, consideramos que as informações, as ideias acrescentadas ao texto, devem estar relacionadas, encadeadas à temática principal; além disso, o texto produzido não pode ser apenas um resumo do texto lido.

### **3.6.4 Desconexão entre título e texto**

O título dado à redação deve relacionar-se ao tema central do texto, de modo claro ou alusivo. Além do que, a inter-relação entre título e texto é um dos elementos que caracterizam a coerência textual.

### **3.6.5 Voz única (opinião) vs. Intertextualidade**

Na atualidade, as redes sociais podem exemplificar muito bem as falhas quanto à intertextualidade. As pessoas querem opinar sem analisar o que o outro diz, sem considerar as contribuições intertextuais. Assim, a intertextualidade, conforme Marcuschi (2008, p. 132), “é mais que um critério de textualidade, é também um princípio constitutivo que trata o texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado”. Antunes (2010) também considera que nenhum

texto é totalmente original, saibamos ou não, nossa voz carrega o discurso de outras vozes. Portanto, “é a partir dos discursos já feitos que criamos, que recriamos, que ressignificamos os nossos” (ANTUNES, 2010, p. 76). Na análise proposta, damos ênfase à intertextualidade explícita, ou seja, àquela que aparece na superfície do texto, como alusões, citações, paráfrases reformuladoras.

### **3.6.6 Falha de coesão referencial**

As falhas de coesão referencial referiram-se à ausência ou inadequação de uso de anáforas e catáforas, visto que esse recurso remete aos elementos de remissão presentes na superfície do texto. Alguns textos pecam por não deixarem claro qual é o referente a que remete, por exemplo, um pronome pessoal.

### **3.6.7 Ausência de coesão sequencial (adequação dos articuladores textuais)**

O critério ausência de coesão sequencial referiu-se tanto ao uso exclusivo ou quase de frases simples, como ao uso inadequado de articuladores (lógicos ou argumentativos) utilizados para estabelecer relações semânticas e pragmáticas entre as frases e parágrafos do texto.

### **3.6.8 Tipicidade/atipicidade estrutural**

O critério considerou a distribuição das informações no texto, sua organização. Marcuschi assume “a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Em vista disso, os vestibulandos precisavam demonstrar conhecimento ou, ao menos, alguma noção sobre as particularidades de cada gênero considerado, para desenvolver um texto de acordo com a sua forma composicional típica (ANTUNES, 2010).

Um texto do tipo narrativo, conforme a autora, privilegia o uso de tempos verbais pretéritos, expressões que demarcam a sequência temporal de fatos, agentes/personagens que compõem o enredo, entre outros aspectos. Nos textos dissertativos, predomina a argumentação em defesa de uma tese, apresentando, normalmente, verbos no presente do indicativo, como forma de indicar uma concepção estável a respeito do tema (ANTUNES, 2010).

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise (leitura analítica) dos textos dos vestibulandos da nossa amostra foi realizada a partir dos critérios criados para o presente estudo. Julgamos pertinente, em alguns casos, fazer a análise de mais de uma redação por critério, visto que algumas delas apresentavam manifestações de um mesmo erro, motivado, entretanto, por condições de produção diferentes dos candidatos. Ao todo, quarenta e cinco redações foram lidas, transcritas e analisadas, sendo todas elas anexadas ao trabalho.

### 4.1 Análise quantitativa do *corpus*

Definidos os critérios, passamos a analisar o conjunto de redações, o que resultou no estabelecimento dos tipos de manifestações mais/menos frequentes nos textos dos vestibulandos, de acordo com a Tabela 4:

**Tabela 4 - Dados quantitativos decorrentes da análise geral do *corpus***

<b>Total de textos analisados:</b>	<b>12 textos</b>	<b>33 textos</b>	<b>45 textos</b>
<b>Crítérios</b>	<b>Total de <u>crônicas</u> com incidências desses critérios</b>	<b>Total de <u>artigos de opinião</u> com incidências desses critérios</b>	<b>Total de incidências no <i>corpus</i></b>
4.1.1 Incoerência temática	1 (12%)	4 (12%)	5 (11%)
4.1.2 Marcas de falta de leitura ou de atenção	12 (100%)	26 (79%)	38 (84%)
4.1.3 Falta de informatividade textual	5 (42%)	20 (61%)	25 (56%)
4.1.4 Desconexão entre título e texto	3 (25%)	9 (27%)	12 (27%)
4.1.5 Ausência de intertextualidade	12 (100%)	20 (61%)	32 (71%)
4.1.6 Falha de coesão referencial	5 (42%)	17 (52%)	22 (49%)
4.1.7 Ausência de coesão sequencial (articuladores)	9 (75%)	23 (70%)	32 (71%)
4.1.8 Atipicidade estrutural	3 (25%)	5 (15%)	8 (18%)

Fonte: Elaboração da pesquisadora (2018).

A construção da Tabela 4 foi bastante trabalhosa, porém permitiu que tivéssemos uma visão geral das infrações mais frequentes, cometidas pelos vestibulandos na escrita dos textos, tornando-se um suporte para a análise qualitativa apresentada no próximo tópico.

Para construir a tabela, estabelecemos como critério basilar a presença de uma ou mais infrações referentes a um dado critério, nas situações em que

houvesse mais de uma possibilidade. Com base nesse pré-requisito, as falhas mais presentes no conjunto de redações disseram respeito às marcas de falta leitura ou de atenção (84%), à ausência de intertextualidade (71%), e à ausência de coesão sequencial (71%), ou seja, à falta de articuladores para estabelecer relações coesivas entre as partes do texto.

Por outro lado, os critérios que menos apresentaram falhas foram os que se relacionavam à coerência temática do texto, ainda que houvesse casos de incoerência local, e de atipicidade estrutural, visto que a maioria dos textos, mesmo quando pouco informativos, abordavam a temática central, bem como se adequavam ao gênero e tipo textual escolhido pelo vestibulando.

## 4.2 Análise qualitativa do *corpus*

A seguir, são apresentadas análises de algumas redações que se prestam a caracterizar cada um dos critérios do estudo, mostrando o procedimento analítico utilizado.

### 4.2.1 Coerência/incoerência temática do texto produzido

#### REDAÇÃO Nº 17

Internet

1 Nos tempos atuais a internet é muito cogitada por toda população, tendo em vista suas utilidades, nelas podemos encontrar muitas informações mas também tem pessoas que utilizam de forma equivocada. Como postar algo pessoal de alguém, sem sua permissão.

5 Hoje em dia há muitos transtornos em nossa sociedade, pessoas estão preocupadas mais com a vaidade, ignorância do que na nossa educação. Estão muito mais ligadas na violência do que respeitar o próximo.

8 Muitas pessoas mal amadas sem nenhum escrúpulo só pensando em si mesmo, tudo isso podendo acarretar atitudes equivocadas e erradas na internet com alguém. Deveríamos pensar mais no próximo, sem interesses, sem se preocupar se o outro faria isso por você, isso poderia ser o início de muitas melhorias.

13 Mantendo sempre a calma, caso aconteça alguma ofensa, um xingamento ou até caso de preconceito e racismo. Caso for algo de muita violência recorrer a alguém que você confie ou até a delegacia, pois pessoas que não respeitam seus valores e escolhas devem ser punidas.

A redação 17 tangencia o tema, visto que o artigo de opinião deveria referir-se, principalmente, à prática de *trollar*, ou seja, de opinar sobre todo e qualquer assunto no meio virtual, sem necessidade de provar, apenas provocar os outros

internautas. No parágrafo inicial, o(a) autor(a) faz referência à internet, não deixando claro quais são as suas utilidades, e também comenta que alguns indivíduos fazem uso dela de forma inadequada. Adiante, segundo e terceiro parágrafos, são apresentadas causas para a violência de uma forma geral, referindo-se à internet, em especial, somente nas linhas 9 e 10. Na conclusão, o (a) enunciador (a) dá vários conselhos a indivíduos que possam vir a sofrer algum tipo de violência virtual. Em vista disso, o texto não condiz com a temática solicitada pela proposta de vestibular.

Além dos problemas de conteúdo, ou seja, da falta de concatenação entre tema/desenvolvimento das ideias, o texto apresenta outros desvios que o desqualificam. Na linha 1, o termo “cogitada” não está empregado em sua acepção usual. O(a) autor(a) do texto não fez uma seleção vocabular adequada, talvez devido à falta de vocabulário. Provavelmente o autor quis dizer que a internet é muito utilizada, devido às suas ferramentas. “Nelas” (linha 2) não apresenta referente textual, inferindo-se que a palavra remeta à internet. Há sérios problemas de encadeamento dos enunciados, causados, principalmente, pela falta de articuladores, mas também por apresentar ideias que não se coadunam. Problemas de expressão também aparecem, não relacionados à falta de leitura, mas principalmente devido à falta de manejo textual (problemas morfossintáticos). Os corretores da IES participante atribuíram nota 3,0 a essa redação (texto 17).

### **REDAÇÃO Nº 5**

#### Eventualidades virtuais

1 Como estamos vivendo uma era digital de grandes avanços tecnológicos, ficamos cada vez mais dependentes a isso, principalmente a redes sociais tais como: facebook, instagram, youtube, entre outras.

4 Essas redes são ligadas e acessadas por pessoas de várias partes do mundo, que abordam muitas vezes assuntos do seu cotidiano, problemas do seu país e em um contexto global como: economia, sexualidade, política, futebol entre outros. A internet é um veículo de comunicação muito importante e principalmente livre, não sofremos nenhum tipo de censura ao expor nossas opiniões e pontos de vista, se uma terceira pessoa tem uma opinião contrária à segunda deve haver o respeito para que eventuais descórdias aconteçam e isso aflore para fora das redes sociais.

13 Como já houve casos de violência tanto verbal ou física, um exemplo disso são os atores, cantores, jogadores de futebol etc. O que devemos fazer é acima de tudo é manter a ética e respeitar as opiniões alheias, o Brasil por ser um país democrático e ter o direito de expor sua opinião, os órgãos responsáveis e importantes que lideram este país deveriam tomar mais medidas e projetos de lei para a prevenção a esse tipo de eventualidades virtuais.

A redação de número 5 também apresenta problemas de coerência global do texto, já que no artigo de opinião é preciso que o(a) autor(a) defenda um ponto de vista sobre a temática central da proposta. O texto inicia afirmando que, com o avanço tecnológico, tornamo-nos mais dependentes da tecnologia, principalmente das redes sociais. O parágrafo seguinte (2º) traz informações diversas sobre as redes sociais que são acessadas por pessoas do mundo todo e comenta que estas postam informações de seu cotidiano ou abordam temas sociais; destaca ser a internet um importante meio de comunicação, além de não haver censura prévia ao ato de opinar; e ainda fala a respeito da existência de opiniões contrárias. No parágrafo, em análise (l. 7 a 12), há incoerência. Primeiro, a internet não é livre, visto que somos o tempo todo controlados ou manipulados por ela, além do mais, há redes sociais que possibilitam a denúncia ou bloqueio de “amigos”, quando há comentários ofensivos e preconceituosos. Segundo, o(a) autor(a) omite o advérbio “não”, o que torna incoerente a frase: “se uma terceira pessoa tem uma opinião contrária à segunda deve haver o respeito para que eventuais descórdias **NÃO** aconteçam e isso aflore para fora das redes sociais”.

Na conclusão, o(a) autor(a) comenta casos de violência verbal ou física. Porém, não faz referência explícita à sua proveniência do meio virtual, fazendo uma menção a isso apenas com as duas últimas palavras do texto: *eventualidades virtuais*. Além de não estar em consonância com a proposta da redação do vestibular, o texto também apresenta falhas em outros dos critérios analíticos elencados. Não há relação clara entre título e texto, visto que a redação não trata somente do meio virtual, mas também do físico, diferente do que propõe o título. Há problemas talvez de falta de leitura, como erros de acentuação (econômica, l.6), de ortografia (*eventualiedades*, *descórdias*, respectivamente no título e l.11) e também um caso de influência da fala (ouve por houve, l.13). Em relação à estrutura, há somente um parágrafo de desenvolvimento, que carece de informatividade. Outro ponto problemático é a articulação entre frases, períodos e parágrafos, o que prejudica a progressão textual. Esse texto obteve nota 4,5, conferida pelos corretores da IES participante.

#### **4.2.2 Marcas de falta de leitura ou de atenção**

Para identificar as marcas de possível falta de leitura ou de atenção, foram usadas as seguintes referências (sobrescritas): <sup>1</sup> erros de acentuação; <sup>2</sup> erros de

ortografia; e <sup>3</sup> influência da fala.

#### 4.2.2.1 Erros de acentuação<sup>1</sup>

##### REDAÇÃO Nº 31

A força dos Trolls na internet

1 Quando alguem<sup>1</sup> se destina a prática de “trollar” toda a comunidade sofre, pessoas com este intuito não querem agregar conhecimento, apenas atrapalhar a paz alheia ou se divertir implementando qualquer tipo de crítica que as vezes nem não tem haver<sup>2</sup> com o assunto discutido.

5 Com toda a rede que temos disponível<sup>1</sup> nos dias de hoje, e milhões de pessoas postando e comentando assuntos de diversos tipos, temos que saber que nem tudo é do nosso conhecimento o de nossa opinião, para isso temos que nos controlar e buscá-lo, ou seja, se o indivíduo<sup>1</sup> não sabe ou na entende determinado assunto e vem a comentar sua opinião, sem querer ou perceber ele pode estar iniciando uma discução<sup>2</sup> podendo ser confundindo<sup>2</sup> com um troll.

12 A comunidade de jogadores online no Brasil esta<sup>1</sup> muito poluida<sup>1</sup> com varias<sup>1</sup> pessoas encontrando diversão não em jogos mas sim em provocar e trollar em qualquer tópico de qualquer tipo, por isso que muitos jogos já tem<sup>1</sup> em seus fóruns salas que servem apenas para os jogadores postarem piadas ou trolarem mesmo muitas vezes não sendo suficientes tais salas.

17 Muitas vezes quero pesquisar algo como o significado de uma palavra ou para que serve algum objeto, atrás<sup>2</sup> de conhecimento e mesmo com varios<sup>1</sup> outros locais e fóruns para descontar sua raiva os trolls sempre encontram um jeito de fazer com que uma simples pergunta vire uma discusão<sup>2</sup> imensa e sem sentido.

O texto 31 apresenta grande incidência de erros de acentuação e ortografia. Esses erros, ao que tudo indica, não ocorreram devido à desatenção ou pressa do redator, até porque são muito constantes e se somam a outros que indicam falta de leitura, ou seja, falta de conhecimento prévio.

A acentuação gráfica é um pormenor importante, ainda que não possa ser computado com absoluta rigidez. Sua importância decorre de facilitar a leitura e a compreensão do conteúdo textual. Além disso, na escrita, não temos tantos recursos para compreender a mensagem, como ocorre com a fala, que complementa as informações dadas por meio da entonação, de dicção e pelo uso de gestos.

#### 4.2.2.2 Erros de ortografia<sup>2</sup>

##### REDAÇÃO Nº 22

(Sem título)

1 Vivemos em um tempo onde expor o corpo sarrado<sup>2</sup>, bonito e bem cuidado se tornou um grande desejo de nossa sociedade, podemos observar que à<sup>2</sup> o lado bom e o lado ruim disso tudo. O bom porque pessoas se sentem felizes se seu corpo está de acordo com seus desejos, porém outras aderrem<sup>2</sup> a medicamentos e técnicas que agridem sua própria

saúde, mas das várias formas de mostrar o corpo, como usar um chorts<sup>2</sup> bem curto a fim de mostrar as pernas malhadas e bonitas ou acontecendo de expor fotos nuas na internet a sociedade toda te julgará.

9 No ano de 2015 com 16 anos minha prima Samara tirou fotos seminuas com o celular, e enviou a um rapaz, conhecido dela que havia pedido para ela tirar as fotos e envia-las<sup>1</sup> a ele. Ao recebe-las<sup>1</sup>, o rapaz através das redes sociais enviou para os amigos, e assim muitas pessoas receberam as fotos. Considero a atitude dele muito errada, ele sabia que ao enviar a várias pessoas estaria denegrindo sua imagem, pessoas da cidade inteira comentavam, ela muito envergonhada e arrependida parou de estudar em decorrente dos acontecimentos.

17 Procurei dar muito apoio a ela, as pessoas acabam esquecendo ou aranjam<sup>2</sup> algo novo para comentar, acredito também que tentar conquistar alguém, um namorado por exemplo somente pelo corpo e aparência física, não trará somente bons resultados, uma pessoa tem que gostar da outra pela geito<sup>2</sup> de ser de agir de pensar de sentir, enfim por inteiro.

22 A sociedade julgará a atitude dela de tirar as fotos, mas não a do rapaz que errou muito; julgará a família da adolescente<sup>2</sup> por não dialogar com a adolescente<sup>2</sup> sobre assuntos da adolescência<sup>2</sup>, para tentar evitar os assuntos mencionados. Concluo que o diálogo<sup>1</sup> familiar é importante sim, mas o apoio e a compreensão<sup>2</sup> também se faz muito necessária. Nosso corpo é tão importante quanto a saúde e a aparência dele.

Com relação à ortografia, esclarecemos que a maior dificuldade dos vestibulandos está em relacionar o som da palavra a sua grafia, como fica perceptível na redação 22: *compreensão* (l. 26); *adolescente* (l. 23 e 24), *adolescência* (l. 24). Neste texto também fica evidente a troca de /r/ e /rr/: *sarrado*; *aderrem*; *aranjam* (l. 1, 4 e 18, respectivamente). Este último exemplo - troca de *rr* por *r* - pode decorrer da influência da fala, ou seja, do sotaque da comunidade do redator. Consideramos que há falta de memória lexical ortográfica, o que denota pouco uso (frequência) / atenção à leitura e escrita.

#### 4.2.2.3 Influência da fala<sup>3</sup>

A grande influência da fala na escrita pode ser facilmente identificada no texto de número 3, o qual possui uma linguagem informal, coloquial, marcada por erros de escrita crassos. Como não é alguém analfabeto que escreve tais erros chamam a atenção. Cabe esclarecer que as marcas de informalidade podem aparecer na crônica, entretanto a norma culta segue sendo exigência básica, principalmente no vestibular, sobretudo, no que diz respeito à ortografia.



### REDAÇÃO Nº 3

Vendi meu celular

1 Certa vez, resolvi vender um celular antigo para um colega de trabalho. Mal eu sabia da dor de cabeça onde estava preste<sup>3</sup> a me meter.

Não havia nada de mais<sup>2</sup>, eceto<sup>2</sup> pelo cartão de memória.

4 Na época, eu com meus 19 anos, muito vaidoso, principalmente com o meu cabelo. Fico uma fotos<sup>3</sup> de um jogador de futebol que realmente o cara jogava muito e tinha um cabelo “massa”, isso fico<sup>3</sup> no cartão de memória.

8 Meu colega não deixou barato, mostrou a todos os outros colegas as fotos do jogador. E obviamente a corneta aconteceu.

Foram alguns dias de piadas a respeito da fotos<sup>3</sup>. Ganhei varios<sup>1</sup> apelidos que não devo mencionar agora

12 Ele não perdoou, até porque, eu no lugar dele faria pior. Mais<sup>3</sup> levei na esportiva. Esse tipo de coisas<sup>3</sup>, estão acontecendo cada vez mais por descuido.

15 Aprendi com todas piadas e cornetas, a verificar melhor o conteudo<sup>1</sup>, referente a fotos e vídeos, onde pode me expor de alguma forma.

Marcas da oralidade, por exemplo, constam em: *fico* (l. 5 e 6); troca de *mas* por *mais* (l. 12); além de falha na concordância – *uma fotos* (l. 5), *da fotos* (l. 10) e *Esse tipo de coisas* (l. 13).

Outros exemplos decorrentes da falta de leitura ficaram evidentes nos textos analisados e podem ser exemplos de erros de ortografia (erro de limite de palavra): palavras homófonas utilizadas em contextos inadequados *de mais/demais* (texto 3, l. 3); *haver/a ver* (texto 31, l. 4).

#### 4.2.2.4 Repetição excessiva de palavras sem finalidade estilística

### REDAÇÃO Nº 4

O ruim da internet

1 A internet é utilizada por várias peessoas, com várias opiniões diferentes umas das outras, mas algumas peessoas mau<sup>3</sup> intencionadas, utilizam ela<sup>3</sup> para expor idéias<sup>1</sup> que ofendem outras, o que causa vários confrontos entre peessoas na internet, principalmente em redes sociais.

5 Com a popularização das redes sociais, peessoas que são conhecidas como “troll” utilizam elas<sup>3</sup> para humilhar certos grupos de peessoas e praticar crimes como homofobia e racismo, simplesmente para deixar tais grupos e peessoas sentirem raiva, e muitas vezes os trolls tem como objetivo chamar a atenção.

10 Deve-se evitar de discutir com trolls, pois normalmente eles são agressivos à<sup>2</sup> peessoas que argumentam e discutem com eles, e se deve denunciar os trolls pelos crimes que eles estão praticando, para que sejam ou banidos da rede social, ou também investigados, detidos e presos.

14 Opiniões todo mundo tem<sup>1</sup>, porém sempre há peessoas más, e na internet também, expondo ódio e enfurecendo peessoas, provando quantas peessoas ainda no mundo não tem<sup>1</sup> nenhum respeito com o próximo, e como são ignorantes a ponto de fazer o que trolls fazem, criando assim uma necessidade de terminar com isso, punindo esses agressores para que se termine com isso.

No texto de número 4, foram destacadas dez repetições da palavra *pessoa(s)*, o que deixa evidente que o(a) autor(a) não conseguiu utilizar outras formas de menção, por exemplo, substituindo o substantivo por pronomes pessoais, elipses, expressões sinônimas ou quase-sinônimas (muita gente, internautas, usuários, eles, elas, etc.), o que permitiria que o texto fluísse melhor. Em síntese, o texto favorece uma leitura truncada e pouco clara, porque é mal organizado e não evolui. Além do mais, a repetição de vocábulos e ideias em um texto é uma infração muito comum nos textos dos alunos que, geralmente, leem pouco, o que afeta a coesão do texto escrito e, também, a sua coerência.

Em '[...] *utilizam **ela** para expor idéias*' (l. 3) e '[...] *utilizam **elas** para humilhar*' (l. 6), o(a) autor(a) usa o pronome pessoal sujeito no lugar de pronome oblíquo (objeto), o que indica forte influência da fala e falta de manejo da escrita. A troca de *mau* ao invés de *mal* (linha 2) do 1º parágrafo, também se manifestou em: '*algumas pessoas **mau** intencionadas*'.

Ademais, é válido ressaltar que as quatro redações transcritas neste tópico apresentam inadequações relacionadas a outros critérios elencados no nosso estudo: falta de informatividade e de intertextualidade, problemas de coesão sequencial e coesão referencial.

Os textos 31 e 4 foram escritos para contemplar a proposta 2 - elaboração de artigo de opinião, enquanto os textos 3 e 22, proposta 1 - produção de uma crônica.

O texto 31 carece de informatividade. O(a) autor(a) faz uma tentativa de inserção de uma nova informação no texto, no terceiro parágrafo, - *comunidade de jogadores online do Brasil* -, porém não a desenvolve mais extensamente. No último parágrafo não há conclusão, e o(a) autor(a) comete o mesmo equívoco evidenciado em outras redações dentre as 45 analisadas: apresenta uma experiência pessoal para fechar o texto. Além disso, os parágrafos apresentam sérios problemas de articulação entre si.

O texto 4 nada mais é que um resumo das ideias expostas na proposta do vestibular, o que gera problemas de progressão textual, além de ser muito previsível, já que nenhuma nova ideia foi adicionada ao texto. Também notamos que todos os parágrafos possuem apenas um período, o que pode ocasionar problemas de coesão referencial.

Os textos 3 e 22 narram um fato que envolve a divulgação de conteúdo não autorizado via internet. O primeiro texto compõe-se de frases curtas e fragmentadas,

fazendo pouco uso de articuladores. No segundo, as ideias estão um pouco mais desenvolvidas e encadeadas, mas o texto não apresenta título.

Os textos 3, 4, 22 e 31 obtiveram, respectivamente, as seguintes notas pelos avaliadores da IES participante: 4,0; 4,3; 5,5; e 4,0.

#### **4.2.3 Falta de informatividade textual (repetição de ideias; falta de progressão)**

##### **REDAÇÃO Nº 19**

O ponto negativo das redes sociais.

1 Nos dias de hoje está mais do que claro que a tecnologia está tomando conta das nossas vidas, todos os dias surgem novas descobertas tecnológicas. Podemos dizer que a tecnologia mais usada nos dias de hoje é a internet, logo as redes sociais as mais acessadas com esse meio tecnológico.

6 Todos aqueles que usam as redes sociais como forma de se expressar, entendem que a opinião própria e as críticas podem ser lançadas de forma aleatória e sem pensar nas consequências que podem causar ao próximo. Diariamente acompanhamos casos em que pessoas são vitimadas nas redes sociais através de fotos, vídeos e principalmente comentários que menospreza e ridiculariza a imagem das pessoas.

13 Portanto no meio de tudo isso ainda não se descobriu um motivo para que essas pessoas que cometem esse tipo de “manifestação”, cometem este ato, que as vezes é considerado raiva, ódio ou preconceito. As publicações feitas em forma de comentários muitas vezes é quase que não compreensível, são tantas coisas sem sentido, que entendemos que essas pessoas já estão sem argumentos.

19 Nestes casos teria como manter algumas pessoas controladas? Aprendemos diariamente que devemos respeitar o próximo e suas opiniões, mas a pessoa de “perdem a linha”, esquecem suas responsabilidades e preferem de certa forma ferir os outros com atitudes ridículas nas redes sociais. Se cada um de nós parar um pouco para pensar sobre como esses abusos na internet prejudicam o próximo teríamos com certeza menos casos como esses e cada um se respeitava mais nas redes sociais e na vida pessoal.

O texto 19 foi escrito com base na proposta 2 - artigo de opinião, carecendo de relevância informativa, já que é simplesmente um resumo dos dois textos fornecidos para leitura. As informações constantes nesses textos, provavelmente, não mobilizaram conhecimentos prévios do leitor, nem o fizeram ampliar a sua compreensão em relação ao tema. Assim, no parágrafo inicial, abordou a forte presença da tecnologia, acrescentando que a internet é um dos recursos mais utilizados, e que as redes sociais são as mídias mais acessadas, na atualidade. O segundo parágrafo refere-se às postagens que buscam denegrir a imagem de alguém, principalmente comentários desabonadores, em redes sociais.

O articulador “portanto”, que introduz o terceiro parágrafo não foi bem empregado, pois nada conclui em relação ao parágrafo anterior. No terceiro

parágrafo, o(a) autor(a) diz que não foram descobertos até agora os motivos que levam os indivíduos a postar publicações ofensivas, todavia, logo conclui que devam ser raiva, ódio ou preconceito. Por fim, fecha o texto com um questionamento (l. 19), a que não responde, além de repetir o que já disse nos parágrafos anteriores, “reproduzindo” uma das propostas de intervenção para o problema da falta de conscientização das pessoas.

### **REDAÇÃO Nº 1**

#### Os críticos

1 Com um crescimento espantoso, as redes sociais tem-se tornado uma das “armas” mais poderosas e ativas para expressar opiniões. Pode-se perceber que as pessoas tem cada vez mais a necessidade de ser o assunto do momento, nem que para isso dependa extrapolar os limites do respeito.

6 Os comentários pejorativos, agressivos e desrespeitosos derivam da falta de capacidade de saber conviver com as diferenças, com as escolhas pessoais e até mesmo da inveja que muitas vezes, senão todas, brota na pessoa que opina por querer ser, estar no lugar e fazer o que a pessoas que ela agride são, estão e fazem.

11 Os meios de comunicação modernos são, sem sombra de dúvida, uma das invenções mais necessários para a sociedade, porém tem sido a perdição para pessoas que não sabem conviver socialmente e encontram neles o refúgio para exposição de pensamentos, que por vezes são destrutivos para quem são direcionados. Isso acaba por formar pessoas incapazes de saber se comunicar sem a “tela protetora” que eles mesmos criam para disseminar suas críticas grosseiras de plantão.

18 Ao passo que as mídias sociais avançam, as pessoas retrocedem pelo simples motivo de não saber se controlar e opinar mais do que devia pensar menos do que seria.

O texto 1, “Os críticos”, mesmo não tão previsível quanto o 19, ainda carece de bons argumentos que defendam o ponto de vista do(a) autor(a). Na introdução, o texto afirma que as redes sociais são os meios de comunicação mais utilizados para expressar opiniões de toda ordem. Além disso, afirma que muitas pessoas necessitam chamar as atenções sobre si mesmas, por isso fazem comentários que podem ser desrespeitosos somente para atingir esse objetivo. No segundo parágrafo, apresenta os prováveis motivos para a emissão desses comentários agressivos - preconceito, inveja. O parágrafo seguinte retoma as ideias anteriores, mas traz uma nova informação: a incapacidade de muitos indivíduos de se exporem a não ser frente a uma tela. E, por último, o texto apresenta a antítese de que a tecnologia avança e os indivíduos retrocedem. Consideramos que essa última afirmação talvez pudesse ter sido mais desenvolvida ao longo do texto.

Quanto aos aspectos da superfície textual, ambas as redações (1 e 19)

possuem desvios no que tange às regras de ortografia, pontuação, concordância (sintaxe) e seleção vocabular.

O *corpus* da pesquisa, no geral, mostrou um elevado grau de previsibilidade, isto é, as redações não só apresentaram argumentos do senso comum, como também evidenciaram uma leitura de mundo apenas. Seria interessante refletir, problematizar e discutir sobre o porquê da necessidade de as pessoas sentirem obrigação de comentarem sobre tudo a todo o momento, mesmo sem conhecerem o assunto.

Ambos os textos, 1 e 19, obtiveram notas 3,5 pelos avaliadores da IES participante.

#### 4.2.4 Desconexão entre título e texto

##### REDAÇÃO 18

##### Amizade virtual

1 Atualmente estamos mais sujeitos a invasão da nossa privacidade com o avanço da tecnologia e o uso das redes sociais nossas informações estão mais vulneráveis. Com isso, devemos ter o cuidado com que postamos na internet, pois elas podem ser acessadas por pessoas que querem nos prejudicar utilizando como ferramenta “vírus”.

6 Certa vez um amigo teve sua página numa rede social “infectada” o (ilegível) sua imagem estava relacionada a um assunto que lhe trazia constrangimento perante a sociedade.

9 Ele porém não conseguia apagar tal assunto. Já estava ficando desesperado pois havia recebido ameaças. Sugeri então que ele procura-se outras formas de excluir o tal “vírus”. Após poucas horas mais pessoas apresentavam o mesmo problema. Todos então compreenderam o caso e para o alívio de todos, os responsáveis pela rede social conseguiram eliminar o problema. Após esse fato evito postar fotos, por mais simples e inofecivas que seja aquilo que divulgamos nunca teremos pleno controle e (ilegível) nossas informações podem ser distorcidas por pessoas mal intencionadas.

O título e o corpo do texto não se relacionam, embora a amizade virtual talvez possa ser uma alusão à busca conjunta de solução para o problema do vírus. O texto, contudo, não apresenta um grau de sutileza que autorize tal inferência. Esse texto obteve nota 3,0 pelos corretores da IES participante.

Na redação a seguir, o título também não apresenta a ideia central do texto, mas se relaciona com um dos parágrafos.

**REDAÇÃO Nº 34**

## Vida exposta

1 Na era da vida digital compartilhada, todos ganham um meio de comunicar-se, expor sua vida e opiniões publicamente. É uma era em que todos se transformam em críticos, prontos para expor o que pensam, sabendo que serão “ouvidos” por alguém.

5 A maioria das publicações no Facebook, por exemplo, são manifestações de ódio, muitas vezes motivadas pela inveja, como aponta uma pesquisa realizada na Inglaterra. Essas publicações são sobre temas variados, como críticas políticas, em que o escritor não apresenta argumentos, também há textos de ódio preconceituosos e até indiretas para o vizinho.

11 É curioso o fato de que as publicações negativas geram mais curtidas do que publicações positivas. Na hora de expor sua opinião, as pessoas costumam lembrar-se somente do direito de liberdade de expressão e se esquecem de que suas palavras possam ser agressivas, ofendendo quem as lê. A liberdade de expressão só é válida enquanto não prejudica o próximo.

17 Muitos conflitos seriam evitados se as pessoas se desligassem um pouco de suas redes sociais, não levassem tudo o que leem tanto a sério, ou se resolvessem seus problemas pessoalmente e não por meio de indiretas online (que muitas vezes nem atingem a pessoa certa).

21 Portanto, é preciso ter consciência do que é escrito, pensar antes de publicar, se a informação está correta, se sua opinião não ofenderá alguém ou não ultrapassar algum limite moral. Tomar essas medidas simples pode facilitar e melhorar a convivência com a comunidade.

O texto 34 não tem como temática principal o que nos sugere o título “Vida exposta”. Ainda que na introdução o(a) autor(a) afirme que o mundo virtual permitiu que os indivíduos expusessem a sua vida em redes sociais, nos demais parágrafos o(a) autor(a) aborda a liberdade de expressão propiciada pelas redes. Como primeiro argumento trouxe à tona os discursos de ódio no meio virtual; como segundo argumento, no terceiro parágrafo, não desenvolveu o tópico central, não aprofundando a discussão sobre as publicações negativas receberem mais curtidas. Continuou esse mesmo parágrafo (3º) tecendo comentários sobre a dificuldade de limitar a liberdade de expressão. No quarto parágrafo, propõe que as pessoas se afastem do meio virtual para que os conflitos sejam mitigados. Segundo o(a) autor(a), se as pessoas tivessem mais contato pessoal, tudo seria mais fácil. Na conclusão, o(a) autor(a) recomenda às pessoas tomarem consciência de que o que publicam na internet é público ou pode vir a sê-lo, para não se sentirem desconfortáveis.

Os avaliadores da IES participante atribuíram conceito 5,0 ao texto.

#### 4.2.5 Voz única (opinião) vs. intertextualidade

Na análise do *corpus* ficou evidente que as redações que obtiveram notas mais altas de acordo com os avaliadores da IES participante foram as que apresentaram alguma marca de intertextualidade - seja alusão a notícias ou fatos históricos, seja citação de autores ou provérbios. No entanto, foram poucas as redações em que percebemos o estabelecimento de relações entre ideias constantes de outros textos e as próprias, visto que as menções se restringiram a relatos opinativos, sem arrolar os argumentos dos textos lidos propriamente ditos.

#### REDAÇÃO Nº 27

##### Inimigos virtuais

1 Você certamente já publicou ou deixou bem clara sua opinião sobre algo nas redes sociais, e de sobra acabou sendo vítima de alguém que discordou da sua opinião e causou uma enorme discussão, ou pelo menos já presenciou essa situação.

5 É fato que essas situações desagradáveis nos afetam de imediato, causando muito stress e irritação, já que não é fácil aceitar diferentes opiniões, principalmente quando elas são carregadas de implicação, ódio e xingamentos.

9 É muito comum presenciarmos situações similares a discussões em todos os ambientes, já que em sua maioria, as pessoas se tornam pensadoras críticas, mas o debate torna-se algo nada saudável quando o objetivo de alguém é somente provocar.

13 As relações de conflitos baseados em provocações se tornam mais comuns no âmbito virtual, em que as redes sociais fazem uma ligação de proteção para com seus usuários, dando a eles coragem para xingar a vontade, sem temer agressões físicas ou a própria divulgação de identidade.

18 Não é fácil deixarmos de reagir a essas situações de uma forma negativa, muito menos deixarmos de impôr nossas opiniões. Um bom começo é começarmos excluindo ou privando das nossas redes sociais aqueles que só estão ali para nos provocar, mantendo por perto apenas que souber respeitar e fornecer debates saudáveis, que agregam o nosso conhecimento, dando atenção somente para quem tiver interesse em ouvir ou ler.

25 Não devemos deixar de nos informar, impôr nossas opiniões e nem deixar de desenvolver nossa capacidade crítica, devemos evitar pessoas que só nos acrescentam negativamente, mantendo assim nossa paz de espírito.

A redação 27, mesmo que tenha obtido nota 7,0, foi elaborada a partir das ideias expostas na proposta de vestibular, sem fazer referência a outros textos que já abordaram temática semelhante. A ausência de intertextualidade pode, muitas vezes, aparentar um discurso vazio, ou seja, sem bons argumentos que, no caso do texto 27, artigo de opinião, defenda e comprove o ponto de vista do(a) autor(a), a fim de convencer o leitor de seu posicionamento.

Além disso, a presença de intertextualidade qualifica o texto, mostrando que o produtor compreendeu a proposta e a relacionou a conceitos de várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema. Podemos dizer que, de fato, isso não pode ser observado nesta redação, já que todas as informações arroladas são do senso comum.

Há que acrescentar, entretanto, que o texto flui melhor e apresenta inter-relação entre as ideias, apresentando logicidade e coerência. Ele dirige-se diretamente ao leitor- você. Não há erros gritantes, crassos, a não ser a repetição da locução conjuntiva *já que* e o emprego de *que* por *quem* na linha 21.

#### 4.2.6 Falha de coesão referencial

##### REDAÇÃO Nº 32

A internet atualmente

1 Vivemos em um mundo onde grande parte da população interagi em redes sociais e demais meios de comunicação pela internet. Existem vários pontos positivos. Mas o que atualmente vem chamando muito a minha atenção é o fato de muitas pessoas usarem as redes sociais para xingões, críticas e julgamento.

6 Usar a internet como meio de expor opiniões e escrever lá o que na maioria das vezes não consegue ser dito pessoalmente. Alguns<sup>1</sup> apenas escolhem a internet para criticar e julgar afim de se popularizar. Porém não fazem<sup>2</sup> noção de como podem estar prejudicando a vida de alguém.

10 Ao momento que começamos a interagir com pessoas pela internet, devemos estar cientes X que estamos em contato com várias pessoas e com os mais variados tipos de opinião. Devido a isso devemos ter cuidado com a forma que estamos nos expondo, pois uma pequena crítica pode se transformar em algo muito maior e atingir não apenas uma única pessoa.

15 Perante aos inúmeros casos que vem acontecendo na internet relacionados ao racismo e a homofobia, posso afirmar que grande parte das pessoas que utilizam algum meio de comunicação pela internet ainda não estão cientes de como essas ofensas podem prejudicar. Não somente o ofendido será prejudicado, mas também o ofensor.

20 Por isso escolha bem seus amigos virtuais e saiba usar de forma correta tudo que a internet te possibilita.

No plano da coesão referencial, identificamos, conforme pode ser visto no texto 32, linhas 7 e 9, referências 1 e 2, o uso inadequado da elipse. O pronome indefinido “alguns” (incluindo a ideia de indivíduos) e a forma verbal “fazem” não remetem a um termo facilmente identificável na superfície do texto. Infere-se que, provavelmente, estejam ambos fazendo referência a indivíduos, no entanto, não consta textualmente o vínculo referencial necessário. Além disso, a redação 32 apresenta uma falha clara de limite de palavra – a expressão é *a fim de* – e não *afim de* como consta à linha 8, do texto (segundo critério). Por outro lado, *interagi* é o



pretérito perfeito do verbo interagir, daí que o uso do tempo verbal está trocado ou simplesmente o redator escreve como fala (interagi - i reduzido - por interage), linha 1. Problemas de coesão, que incluem a regência verbal, também se manifestaram, na linha 10: “Ao momento” ao invés de “No momento em que” ou na linha 15, “Perante aos” por “perante os”.

Uma constatação inequívoca e constante de inadequação da escrita presente no *corpus* analisado diz respeito ao uso dos pronomes relativos, que têm a função principal de evitar repetição desnecessária, no caso presente, do pronome *onde*. Este pronome atua como um adjunto adverbial de lugar, logo pode substituir apenas lugares. Usá-lo sem que fosse necessário foi um tipo de desvio observado em muitos casos, dos quais exemplificamos com um trecho da redação número 3, linha 15 e 16, “Aprendi com todas piadas e cornetas, a verificar melhor o conteúdo, referente a fotos e vídeos, onde pode me expor de alguma forma”.

Outra ocorrência comum nos textos analisados foi o emprego de um pronome anafórico de maneira ambígua, conforme pode ser observado no texto abaixo (26), linha 2. Não ficou claro se o pronome possessivo “seus” refere-se aos amigos do garoto ou da amiga.

#### REDAÇÃO 26

##### Roupa Íntima e a Polêmica

1 Nunca vou esquecer o dia em que uma amiga contou que um garoto havia roubado uma foto sua íntima e disponibilizado aos seus amigos. A reação dela foi de raiva e frustração, afinal, o garoto havia pego o celular dela, visto as fotos e encaminhado uma delas ao seu celular.

5 No meio da conversa, perguntei a ela que foto era e logo em seguida recebi a imagem. A foto em si não tinha nenhum cunho sexual, era simplesmente ela de roupas íntimas. Não havia erotismo na foto, era como uma dessas fotos que se vê e flyer de lojas de roupas íntimas.

9 Ao tentar acalmá-la, percebi o quão suja é a mente das pessoas. O acontecido se tornou grande somente porquê embaixo do pano tinha um mamilo feminino, algo que todo ser tem.

12 Desde então, me pergunto como (rasura) chegamos a esse nível, quando o mundo começou a erotizar uma parte do corpo que todos temos, (rasura) uma parte do corpo que alimenta uma pessoa em seus primeiros meses de vida.

16 Este fato ocorreu há dois anos, nesses dois anos, todos que a viram na foto, viram ela de biquíni também e não a sexualizaram, pois, na beira da praia é normal, numa foto vazada não.

Temos de enfatizar que, nesse caso, a continuidade textual (nível da coesão) ficou prejudicada com essa inadequação de uso referencial.

Os textos 26 e 32 obtiveram notas 6,5 e 4,0, respectivamente, pelos corretores da IES participante.

#### 4.2.7 Ausência de coesão sequencial (adequação dos articuladores textuais)

##### REDAÇÃO Nº 7

###### Ausência de respeito na Rede

1 A internet é uma grande rede na qual milhares de pessoas se comunicam ou trocam de informações diariamente. Noto que há grandes quantidades de opiniões muitas vezes sem fundamentos que apenas são dadas no intuito de machucar alguém ou algum grupo de pessoas e também prejudicar uma ou algumas discussões sadias.

6 A enorme falta de respeito e responsabilidades podem levar algumas pessoas a fazerem comentários e opiniões com o objetivo de ferir. Não basta o ser cometer essas atrocidades contra outros cidadãos, ele ainda vai achar que possui a razão e que é supremo aos demais.

10 No Brasil, assim como em outros países, o número de “trolls” aumentam e a falta de punição causa isso. Todo cuidado é necessário ao se utilizar as redes sociais devido ao fato de não sermos os únicos a utilizá-la e por isso devemos expressar nossas opiniões de maneira cautelosa para que essa não machuque ninguém.

15 Os “trolls” são pessoas extremamente chatas em razão de se acharem superiores aos demais, sendo isso uma grande ilusão deles.

17 Para evitar os abusos que acontecem com frequência nas redes sociais e outras partes da internet precisamos da ajuda do governo. Ele é o responsável por criar leis mais severas e fiscalizações para punir o “troll” e também é necessário mais investimentos nas escolas para que os jovens e crianças aprendam sobre igualdade e respeito, sendo assim, eliminar os “trolls” das próximas gerações.

Notamos que o texto 7, avaliado pelos corretores da IES participante em 5,5, carece de articulação entre as ideias arroladas intra e entre parágrafos. São poucos os articuladores utilizados para estabelecer relações semânticas entre as partes textuais. Na introdução, o primeiro período foi escrito de forma impessoal e versa sobre a internet. Logo em seguida, o(a) autor(a) dá continuidade ao texto, de forma pessoal, abordando explicitamente o caso das opiniões expostas sem critério, as quais prestam-se apenas para ofender ou denegrir alguma pessoa ou grupo. Não há, contudo, nenhum articulador que conecte as duas ideias. Até porque, não está claro, no texto, em que local e situação foram divulgadas ou aparecem essas tais opiniões.

No segundo parágrafo, falta de respeito e irresponsabilidade são apontadas como causas da postagem de opiniões ofensivas. Essa afirmação aparece sem qualquer fundamentação, pois não foi introduzida anteriormente, sendo somente retomada, de forma bem geral, na conclusão, em que o(a) autor(a) menciona a educação como uma das formas de alcançar igualdade e respeito. Ainda no segundo parágrafo, o(a) autor(a) afirma que aqueles que agredem os outros se consideram certos ao fazê-lo, como também se sentem superiores. Essas ideias são

jogadas no texto, não se relacionando entre si, visto que também não há presença de articuladores.

O terceiro parágrafo traz a ideia de que o número de trolls aumenta no Brasil e em outros países. Esse aumento, segundo o(a) autor(a), deriva da falta de punição. Outra vez, o texto não desenvolve nem justifica essa afirmação que fica solta no parágrafo, e o(a) autor(a) prossegue abordando o cuidado que devemos ter ao utilizar as redes sociais e publicar algum comentário.

Em um parágrafo de duas linhas (4º parágrafo, linhas 15 e 16), o(a) autor(a) avalia os trolls como “chatos” por se considerarem superiores, além de dizer que isso é somente ilusão. Mas, por que ilusão? Esta ideia da superioridade aparece num parágrafo anterior, mas isolada deste, já que não há articulação. O leitor não fica sabendo em que se baseou o redator para formular essa avaliação.

Na conclusão, a criação de leis mais severas por parte do governo é apontada como forma de coibir as frequentes publicações ofensivas. A essa medida o(a) autor(a) acrescenta a necessidade de investimento em escolas, para que, conforme o(a) autor(a), os jovens “aprendem sobre igualdade e respeito” (l. 20 e 21). Essas duas intervenções, juntas, fariam, de acordo com o texto, que não houvesse mais trolls futuramente. No entanto, perguntamo-nos, que investimentos na área de educação seriam necessários? Como ensinar respeito e igualdade? E de que forma essas duas medidas –se tomadas- fariam com que os trolls fossem eliminados?

Da leitura atenta evidencia-se que as informações arroladas ao longo do texto são relacionáveis entre si e ao tema, mas não estão articuladas pelo produtor do texto, não havendo a presença efetiva de conectores, o que é feito pelo leitor, com algum esforço, já que precisa preencher as lacunas existentes no texto.

#### **4.2.8 Tipicidade/atipicidade estrutural**

##### **REDAÇÃO Nº 20**

Mundo online

1 Falar em conteúdos inadequados via internet, é um assunto que gera muita polemica. Há quem veja isso como uma forma natural de expressar a intimidade, e á quem vê isso como um ato vulgar de mostrar seu corpo para milhares de pessoas.

5 Um exemplo disso, foi uma foto postada pelo ator Paulo Zuluá, tirada do próprio espelho e mostrando suas partes mais íntimas. Outra vítima disso, foi a apresentadora de TV, Sonia Abrão, que postou uma foto de maiô em seu quarto, e que teve uma repercursão enorme.

9 Existem milhares de pessoas que passam por isso dia pós dia, e muitas delas acabam não sabendo lidar com essa situação. Pessoas

próximas a mim. Já tiveram suas fotos expostas, e algumas delas não tiveram essa “agressão” apenas na internet, e sim sofreram agressões físicas também.

14 Hoje em dia, o mundo virtual está com um livre acesso as redes sociais das pessoas, gigantesco, e com isso muitas vezes acabamos sendo expostos por pessoas que não conhecemos, que estão ligadas na internet apenas para fazer o mal.

18 Portanto, para esse índice de pessoas expostas não aumentar, devemos tomar muito cuidado com cada coisa que postamos, seja lá, em qualquer rede social, pois o mundo online está cada vez pior, e uma que era para ser boa, está denegrindo muitas pessoas.

O texto “Mundo online” foi escrito para contemplar a proposta 1 - elaboração de uma crônica. No entanto, é evidente que não pertence a esse gênero discursivo. O(a) autor(a) não narrou, mas sim citou/explorou episódios constrangedores de divulgação de conteúdo ofensivo na internet, apenas citando em um dos parágrafos do desenvolvimento dois exemplos de constrangimentos causados a pessoas famosas. Na introdução, apresentou o tema e nos demais parágrafos dissertou sobre ele. Ao escrever uma crônica, o(a) autor(a) deve ter clareza de que é um gênero que parte de fatos do cotidiano, é uma narrativa e nela o(a) autor(a) manifesta a sua perspectiva subjetiva, oferecendo uma interpretação, muitas vezes, diferente daquela que é feita pelo senso comum.

Essa redação obteve nota 3,5 pelos corretores da IES participante.

## **REDAÇÃO Nº 2**

### Enganadas

1 Atualmente vem surgindo muitas notícias sobre pessoas que têm suas fotos íntimas vazadas na internet. Esse assunto tem muita repercussão porque algumas dessas vítimas são meninas que confiaram nas pessoas erradas.

5 Na minha experiência de vida conheci muitas meninas que tiveram fotos íntimas vazadas, a coisa foi porque confiaram muito em seus namorados e enviaram as fotos com o intuito de agrada-los. Mas eles simplesmente reenviaram para seus amigos e seus amigos enviaram para mais gente, assim tornando as fotos publicas. em alguns foi por causa de vingança pelo termino de namoro.

11 Depois que foram humilhadas em público, conseguiram punir os envolvidos e retirar suas fotos de circulação. Mas mesmo assim elas ainda sofrem e têm trauma por causa disso.

14 Com essas histórias terei mais cautela em quem confio e nunca enviar ou tirar fotos desse gênero, mesmo confiando na pessoa.

A autora do texto ‘*Enganadas*’ também optou pela proposta 1 - elaboração de uma crônica. Porém, o texto produzido é um resumo do material proposto para leitura. Ao resumo do texto lido, seguem-se recomendações à própria redatora, o que pode ser considerado incoerente se considerarmos que o texto aborda ideias

genéricas, e a conclusão é pessoal. Na verdade, a conclusão apresenta algo similar a um conselho, que a própria escrevente faz a si mesma.

Além disso, à luz de critérios mais tradicionais, diríamos que o texto possui sérios problemas de progressão, já que repete o mesmo conteúdo no primeiro e segundo parágrafos. Ambos abordam a divulgação de fotos íntimas em função, segundo a autora do texto, de excesso de confiança em alguém, no caso, o namorado. Considerando-se o critério informatividade, adotado para fazer a presente análise, diríamos que o texto é repetitivo e totalmente previsível.

A redação também apresenta problemas de coesão ou, dependendo da variante linguística, podemos considerar mais marca de oralidade. Vejamos: “Com essas histórias terei mais cautela em quem confio...”. A frase está incompleta, pois faltam termos importantes do ponto de vista sintático: *Tendo conhecimento dessas publicações indesejadas, vou passar a ter mais cautela na escolha daquelas pessoas em quem confio*. Quanto à seleção lexical aparece o uso do verbo reenviar por enviar: “reenviaram para seus amigos e seus amigos enviaram para mais gente”. Na frase: “Em alguns foi por causa de vingança pelo termino do namoro”, não está claro a que termo remete o pronome indefinido *alguns* (fatos, casos). Outro ponto a considerar é que o texto apresenta desvios gramaticais, principalmente de acentuação gráfica e de ortografia. Os avaliadores atribuíram nota 4,0 ao texto.

Para concluir, aditamos que os maiores desvios quanto ao quesito tipicidade ou atipicidade estrutural ocorreram na escrita das crônicas, uma vez que em muitas delas não houve a narração de um fato, apenas foram tecidos comentários sobre casos de agressão virtual a pessoas famosas.

Os artigos também falharam nesse quesito, mas a questão foi diferente. Faltou-lhes, de modo geral, argumentatividade ou informatividade, pois, considerando que esse gênero tem caráter claramente argumentativo, deveriam arrolar argumentos em número suficiente, de modo a convencer os leitores da validade da análise realizada. No entanto, isso não ocorreu, conforme já demonstrado no item informatividade, constante na Tabela 4, que contém os resultados gerais obtidos através de nossa investigação.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos indicaram que o critério 1 – relativo à coerência temática do texto - apresentou um percentual pequeno de redações que não o atenderam, na íntegra, apesar de alguns deslizes locais (redação 2), o que indica que os vestibulandos pelo menos tinham uma noção mais ou menos clara do que deveriam produzir.

Já o critério 2 evidenciou que a falta de experiência com a linguagem escrita continua a ser um problema sério e constante dos estudantes, porque poucos textos estavam adequados à norma culta, apenas cerca de 15% do total de amostras. Em compensação, os critérios usados se mostraram efetivos por permitirem diferenciar erros de falta de atenção (textos bem argumentados ou bem narrados) de erros de falta de leitura (conhecimento prévio).

A falta de informatividade ficou evidente, principalmente, nos artigos de opinião, pois são textos argumentativos, que exigem do(a) autor(a) a capacidade de construir uma análise, expondo de forma clara sua tese e os argumentos que a comprovam. Isso não se faz somente com o uso de operadores argumentativos, mas também a partir de um amplo conhecimento da temática e da capacidade de estabelecer relações entre fatos, acontecimentos e opiniões. Em relação às crônicas, a produção textual baseava-se na narração de um acontecimento e comentários sobre o que normalmente não é tão previsível, uma vez que o fato narrado, caso seja pessoal, não é do conhecimento de todos. A previsibilidade - neste caso - manifesta-se mais na forma como o fato é narrado do que no seu conteúdo.

O quarto critério dizia respeito à desconexão entre título e texto. Das doze redações que apresentaram tal infração, duas não apresentavam título. As demais não relacionaram o título à ideia central do texto, apresentando títulos amplos e vagos, como por exemplo: “Internet”. Esperávamos que os vestibulandos soubessem que o título é o ponto de partida para o leitor, visto que precisa apresentar uma ideia do que será abordado ao longo do texto.

O critério da voz única vs. intertextualidade relaciona-se estreitamente ao da informatividade, pois, conforme observado nos textos analisados, quanto mais previsível a redação, menor o grau de intertextualidade, e vice-versa. Portanto, neste quesito percebemos a grande fragilidade que os estudantes demonstraram no

estabelecimento de relações entre conhecimentos de diferentes áreas, o que pode advir, por vezes, da superficialidade das leituras que fazem. Nesse sentido, um elevado percentual de redações analisadas apresentou somente opinião do autor, sem fundamentação, baseando-se o texto produzido no senso comum.

Em relação à coesão referencial, podemos citar as seguintes infrações que mais se manifestaram no conjunto de redações analisadas: uso inadequado de elipse e pronome relativo *onde*; formas remissivas que não concordam em gênero e número com o seu referente, além da ambiguidade de referência gerada por pronomes possessivos. Portanto, tem razão Antunes quando insiste “na relevância de análises que dão conta dessas operações textuais de promover as ligações, a continuidade e a unidade do texto” (ANTUNES, 2010, p. 153). A autora afirma que se deve ir além da identificação da classe da palavra. Tomamos como exemplo o pronome relativo *onde*: para que serve nos textos? Como empregá-lo? Quais as consequências de seu uso inadequado?

Ainda em relação à coesão, se observarmos a Tabela 4, um dos critérios com maior número de infrações foi o de coesão sequencial (cerca de 71%). Ficou evidente, no conjunto das redações analisadas, a falta de articulação entre segmentos textuais, o que prejudicou a progressão temática de muitos dos textos analisados. É importante frisar, embora possa parecer repetitivo, que mesmo que as informações textuais estivessem relacionadas ao tema, elas não estabeleciam relações semânticas claras entre si. Essa infração pode ser percebida, principalmente, nos artigos de opinião, uma vez que a articulação textual é o que permite que o discurso avance. Do contrário, temos textos, como muitos presentes no *corpus*, beirando a falta de coerência por ser muito difícil perceber como as informações apresentadas articulavam-se entre si, ou o que os autores queriam dizer.

Assim, não há como desconsiderar que a relação entre coesão e coerência é muito forte. Antunes (2010) afirma que tudo precisa estar em convergência e conectado no texto.

Assim, a progressão esperada para o desenvolvimento do tema precisa estar em articulação: os segmentos entre si (por exemplo, um parágrafo com outro ou com outros antecedentes e consequentes) e todos com o tema central. O resultado dessa progressão articulada é a integração das várias partes em um todo (ANTUNES, 2010, p. 69).

O oitavo critério referia-se à tipicidade/atipicidade estrutural. Observamos que os vestibulandos apresentaram maior dificuldade na construção do gênero textual crônica. Provavelmente, como já afirmado anteriormente, em função de, no ensino médio, esse gênero não ser tão trabalhado, por ser pouco cobrado nos processos seletivos e vestibulares. As crônicas que apresentaram desvios nesse critério aproximaram-se de um texto de opinião, já que o foco central não estava na narração do fato, mas sim na argumentação. Já os artigos de opinião que falharam nesse item, não estavam adequados à forma composicional do gênero e apresentaram problemas no conteúdo dos textos, visto que muitos se constituíram de resumos dos textos constantes na proposta, ou ainda da mera repetição das mesmas ideias em todos os parágrafos. Além disso, como já exposto no parágrafo anterior, careceram de articulação.

A partir desses resultados, concluímos que as deficiências em relação à macroestrutura textual que mais se destacaram nas quarenta e cinco redações analisadas dizem respeito à falta de informatividade (56%) e intertextualidade (71%). Por outro lado, ficaram evidentes, na superfície do texto, infrações relativas à falta de leitura ou atenção (84%), coesão sequencial (71%), além de problemas na coesão referencial (49%).

Em suma, não é possível dizer que as redações analisadas, no geral, são boas, ou que apresentam um bom nível de escrita, visto que falharam em muitos critérios, ou seja, os vestibulandos não evidenciaram dominar técnicas básicas de produção de textos. Das 45 redações analisadas, 26 apresentaram deficiências em, pelo menos, quatro critérios elencados no estudo feito, o que representa +ou- 58% do total de textos. Além disso, 11 textos, +ou- 24%, apresentaram falhas em dois critérios, sendo eles, principalmente, falta de leitura ou atenção e intertextualidade. Na maioria deles ficou evidente que os erros relacionavam-se, sobretudo, à falta de atenção e aos aspectos morfossintáticos, como concordância e regência.

Cabe destacar, todavia, que os textos avaliados com notas superiores pelos avaliadores da IES participante realmente estavam melhor redigidos, apresentando menos infrações nos critérios elencados pelo estudo em tela.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, podemos afirmar que os objetivos – geral e específicos - propostos por nosso estudo foram atingidos, já que, a partir dos critérios estabelecidos para a análise do conjunto de redações selecionado, identificamos e comprovamos haver manifestações de analfabetismo funcional entre vestibulandos dos cursos de Letras, História e Jornalismo da IES participante.

A nossa hipótese também se confirmou, visto que as redações, em sua maioria, não foram satisfatórias, como já nos evidenciaram as notas concedidas pelos corretores das provas do vestibular. Portanto, o questionamento que fazemos é: qual será o futuro dessas áreas se os vestibulandos continuarem a manifestar os problemas identificados neste estudo?

Em vista disso, reiteramos a necessidade de nós, enquanto professores, revermos a nossa metodologia de ensino, a fim de promover a leitura, compreensão, interpretação e produção de textos. Como sugestão, para ajudar os estudantes, precisamos substituir o ensino da gramática a partir de enunciados soltos presentes em livros didáticos, pelo estudo de compreensão da linguagem textual e para compreendê-la fazer uso das regras gramaticais. Além disso, precisamos intensificar a prática de leitura, porque quem não tem o hábito de ler apresentará conseqüentemente menos conhecimento, e mais dificuldade para escrever sobre um tema que não seja de seu cotidiano.

Quanto às motivações para a ocorrência dessas deficiências textuais, elas estão atreladas ao tipo de proposta de ensino colocada em prática no Brasil e que prioriza um ensino fragmentado, pautado em modelos sem contextualização e voltados mais para a chamada “decoreba” do que o aprendizado real e prático, ou seja, falta uma abordagem mais prática, cujas regras gramaticais sejam ensinadas num contexto específico, de acordo com a realidade de cada discente (AMARAL, 2011, p. 234).

Temos ciência de que este trabalho possui suas limitações, principalmente pela sua complexidade. Em relação à amostra - 45 redações - sabemos que não é suficiente, se considerarmos uma pesquisa quantitativa. Mas, como priorizamos a análise qualitativa, conseguimos chamar a atenção para um problema evidente em nosso ensino básico: a formação de alunos com sérias deficiências em leitura e produção de textos. Essa constatação é preocupante, cabendo destacar, no entanto, que nosso objetivo aqui não é julgar/criticar o ensino básico oferecido pelas

Instituições, e sim qualificar o ensino de leitura e escrita.

Ademais, ressaltamos que os critérios utilizados para o presente trabalho mostraram-se produtivos para estabelecer distinções finas entre erros considerados iguais. Assim, a partir de nossa sugestão despretensiosa para identificar marcas de analfabetismo funcional, podem surgir muitas outras, visto que os critérios podem ser melhorados ou modificados de acordo com a necessidade dos estudos que surgirão. Enfim, esperamos que esta pesquisa seja um ponto de partida para outras nesta área.

## REFERÊNCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Inaf Brasil 2018:** estudos preliminares. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. Edição Especial. [S.l.], 2018.

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Inaf Brasil 2011:** principais resultados. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. [S.l.], 2011.

AMARAL, R. As deficiências na produção do texto escrito: um estudo de caso referente aos graduandos de comunicação social. **Identidade Científica**, Presidente Prudente, SP, v. 2, n. 2, p. 221-235, jul./dez. 2011.

ANTUNES, I. **Análise de textos:** fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lutar com palavras:** coesão e coerência. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Lei Nº11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, 07 fevereiro 2006.

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. Tradução de Marcia Heloisa Lima da Rocha. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura:** como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

EHRI, L. C. Aquisição da habilidade de leitura de palavras e sua influência na pronúncia e na aprendizagem do vocabulário. In: MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. (Orgs.). **Alfabetização no século XXI:** como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.

FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Educação e Sociedade** [online], São Paulo, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FLÔRES, O. C.; LÖBLER, D. A. D. As profundezas da compreensão: as inter-relações entre interpretação, compreensão e significado. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. 59, p. 181-196, jul./dez. 2010.

FLÔRES, O. C. Parafrasear: Por quê? Para quê? **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 253-263, jul./dez. 2016.

FLÔRES, O. C. A inter-relação leitura & escrita: o papel do conhecimento prévio e das estratégias leitoras. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. nesp, p. 42-52, jan./jun. 2016.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GABRIEL, R. Letramento, Alfabetização e Literacia: um olhar a partir da ciência da leitura. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 76-88, nov. 2017. ISSN 2448-1939.

GARCEZ, L. H. C. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GRABE, W. **Reading a Second Language: Moving from Theory to Practice**. New York: Cambridge University Press, 2009.

GROSSI, E. P. **Didática da alfabetização**. Volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990. IBGE. Censo Demográfico, 1950. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

Disponível em:

<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd\\_1950\\_v1\\_br.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v1_br.pdf)>.

Acesso em: 30 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010: Resultados preliminares do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em:

<[https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados\\_preliminares/conceitos\\_definicoes.pdf](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares/conceitos_definicoes.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Departamento de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=27191&view=detalhes>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **PNAD Contínua: Educação 2017**. Disponível em:

<[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP.

**Relatório SAEB (ANEB e ANRESC) 2005-2015: panorama da década**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **ENEM: Resultados dos participantes de 2017**. Brasília, DF: INEP, 2018. Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2017/apresentacao\\_resultados\\_enem2017.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2017/apresentacao_resultados_enem2017.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2018.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAIS, J. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri: Minha Editora, 2013.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: EPU, 2011b.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. **Brasil no PISA 2015**: Análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

PAVANI, C. F.; KÖCHE, V. F. Redação de vestibular: um gênero discursivo heterogêneo. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro: Dialogarts, v. 5, n. 5, jan./jun. 2006.

RIBEIRO, B.; MODESTO, D.; CAPRA, E.; FERREIRA, B. L. F. **Referencial teórico sobre analfabetismo funcional**. Relatórios Técnicos do DIA/UNIRIO [online], n. 8, abr. 2011.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L.; MOURA, M. P. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. **Educação e Sociedade** [online], Campinas, v. 23, n. 81, p. 49-70, dez. 2002.

SCLIAR-CABRAL, L. **Sistema Scliar de Alfabetização**: fundamentos. Florianópolis: Lili, 2012.

SCLIAR-CABRAL, L.. **Desafios a melhores resultados em alfabetização**. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 10, pp. 106 – 122, Mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Metas para a formação de professores: prioridades. **Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 197-206, maio/ago. 2007.

SILVA, G. T. **Interação entre leitura e escrita**: o impacto dos hábitos de leitura e da mediação em leitura na escrita de alunos do Ensino Médio. 2015. 86 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, L. M. S. da. **Alfabetização e letramento**: fios que tecem a leitura e a escrita no cotidiano da Escola Beta. 2004. 128 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação

em Educação Brasileira) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

SOARES, M. B. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, [S.I.]: Artmed Editora, fev. 2004.

\_\_\_\_\_. Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte: Anped, p. 05-16, set./out./nov./dez. 1995.

SPINILLO, A. G. Alfabetização e consciência metalinguística: da leitura da palavra à leitura do texto. In: MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. (Orgs.). **Alfabetização no século XXI**: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.

STANOVICH, K. E. Matthew effects in reading: Some consequences of individual differences in the acquisition of literacy. **Reading Research Quarterly**, [S.I.], n. 21, p. 360-407, 1986.

ZANOTTO, M. S. As múltiplas leituras da 'metáfora': desenhando uma metodologia de investigação. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 3-17, jul./dez. 2014.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A – Proposta da redação de vestibular 2017A**

Proposta da redação de vestibular 2017A

Caderno de Questões

Instruções gerais:

1. Verifique se o Caderno de Questões que lhe foi entregue contém 22 páginas.
2. Observe que cada uma das 45 questões possui 5 alternativas de resposta, das quais você deverá assinalar somente uma alternativa por questão, sempre de acordo com seu respectivo enunciado.
3. Solicite a Folha de Respostas depois de ter respondido às questões no Caderno de Questões.
4. Verifique se seu nome está grafado corretamente na Folha de Respostas e lembre-se de assiná-la.
5. Verifique se o código e o curso de 1ª opção que constam na Folha de Redação são iguais aos que constam na Folha de Respostas. Lembre-se de que, para preservar o anonimato, seu nome não consta na Folha de Redação; portanto, evite assiná-la, apenas rubrique-a.
6. Verifique na Folha de Respostas se a sua opção de Língua Estrangeira está correta.
7. Marque suas respostas na Folha de Respostas com caneta de tinta azul ou preta, tendo o cuidado de cobrir todo o espaço correspondente à letra a ser assinalada, pois a leitora óptica não registrará as respostas em que houver falta de nitidez e/ou marcação de mais de uma letra.
8. A Folha de Respostas não pode ser dobrada, amassada ou rasurada. Nada deve ser escrito ou registrado fora dos locais destinados às respostas e à assinatura.
9. Entregue sua Folha de Respostas ao fiscal de sala.
10. A Folha de Respostas não poderá ser entregue antes de passada uma hora e trinta minutos do início da prova. O tempo máximo para realização da prova é de cinco horas.
11. O Caderno de Questões poderá ser levado por você.



## PORTUGUÊS

### PELADOS NO ESPELHO

Paulo Gleich

Recentemente, circularam na internet fotos íntimas do ator Stênio Garcia e de sua mulher, Marilene Saade. Eram imagens simples, tiradas com um celular, mostrando ambos nus diante de um espelho no quarto. O fato trouxe à tona toda uma série de discussões, de questões jurídicas relativas à exposição involuntária da intimidade à sexualidade na velhice e até questões de gênero, já que os comentários teriam sido mais agressivos em relação ao corpo da mulher. Mas por que fotos de nudez, sobretudo de famosos, têm esse poder de atração irresistível, a ponto de não conseguirmos evitar olhar e reagir, mesmo que em segredo?

Poderia se pensar que não há nada mais natural que um corpo nu, como defendem os adeptos do naturismo. Afinal de contas, apesar dos avanços das técnicas reprodutivas, seguimos chegando pelados ao mundo. Porém, no processo civilizatório ao qual somos submetidos desde pequenos – primeiro pela família, depois por outras instâncias sociais –, nossa relação com o corpo vai se transformando. Aprendemos a conter certos impulsos e a discernir o que podemos fazer e mostrar em público. O corpo nu vai sendo relegado a espaços ditos íntimos, confinado ao quarto ou banheiro, até obter certa alforria com o início da vida sexual.

Não há nada de natural na nossa relação com o corpo: ele se constitui a partir do olhar, do toque e da palavra do outro. As diferenças em como se lida com o corpo são evidentes não apenas entre pessoas, mas também entre sociedades. É natural em países como Suíça ou Alemanha despir-se em praças no meio da cidade para tomar sol. Já no Brasil, um simples topless na praia pode render reprimendas das sutis às descaradas, sem contar cantadas dos mais diversos calões. A diferença não é tanto entre os corpos em si, mas entre os olhares que recaem sobre eles.

O olhar sobre o corpo é também parte essencial do sexo – não à toa nunca faltam espelhos nos motéis. Em certa medida, somos todos um pouco exibicionistas e voyeurs, porque o desejo se constitui a partir daquilo que foi condenado a se esconder e não tocar. Poder brincar na intimidade com o que em um contexto público é proscrito – mostrar e olhar o que normalmente não se dá a ver – é parte do encanto do erotismo. Não apenas à mesa se come com os olhos, mas também na cama. Por essa dimensão visual da sexualidade, dispositivos com câmeras têm feito

parte da vida sexual de muitos, no próprio ato ou na troca de imagens.

Quando essas imagens escapam do contexto de intimidade em que são produzidas e compartilhadas, porém, se dá o efeito traumático. O olhar do outro, presente apenas virtualmente na cena erótica através das lentes, subitamente se materializa nos olhares reais que a testemunham. Arrancada da cena em que a nudez é aceita – seja na fantasia erótica, em uma performance teatral ou um exame médico –, ela fica exposta à severidade do olhar que nos faz escondê-la na maior parte do tempo. Muitos já experimentaram essa sensação em pesadelos em que nos vemos pelados em público. Não à toa Marilene disse sentir-se violada: nosso olhar, representando essa censura, não era para estar vendo-os nus no espelho.

Nesses tempos dominados pela imagem, são os famosos que encarnam os espelhos nos quais nos miramos. Não à toa, o nude de um famoso se espalha nas redes sociais como pólvora acesa: escrutinamos seus corpos e suas vidas com a mesma minúcia e severidade com que o fazemos conosco. Por isso, a reação ao corpo e à nudez alheia costuma falar mais de nós do que do outro. Quem julgou com agressividade ou deboche a nudez prosaica de Stênio e Marilene talvez precise se perguntar sobre sua própria relação com o corpo e o erotismo. Como escreveu cheio de ironia Bertrand Russell, crítico feroz de nossos pudores hipócritas, a nudez é chocante para as pessoas de bem – assim como a verdade.

\*Paulo Gleich escreve mensalmente no caderno PrOA  
Zero Hora, 11/10/2015  
(Texto adaptado)

## REDAÇÃO

A seguir são apresentadas duas propostas de redação. Leia com atenção cada uma delas e escolha UMA das propostas para desenvolver seu texto. É fundamental que você se assuma como autor do texto, que tem algo a dizer a uma banca avaliadora. Atente para as temáticas sugeridas, como também para o gênero textual solicitado em cada proposta.

## PROPOSTA 1

No texto publicado no jornal Zero Hora, Revista PrOA, Paulo Gleich comenta/discute as repercussões da divulgação, via internet, de fotos íntimas do

ator Stênio Garcia e de sua mulher, Marilene Saade.

Agora é sua vez: sugerimos que escreva uma crônica, permeada de reflexões, na qual narra e comenta alguma situação constrangedora de que você tenha sido vítima em função da divulgação de conteúdo via internet, ou de uma situação de outra pessoa de que você tenha tomado conhecimento. O que aconteceu? Quem estava envolvido? Como você agiu? Que conclusões você tira desse fato?

## PROPOSTA 2

“Na gíria da internet, troll caracteriza uma pessoa cuja intenção é provocar emocionalmente os membros de uma comunidade através de mensagens controversas ou irrelevantes. Com isso, ele consegue interromper uma discussão sadia e causa conflitos entre os participantes, fazendo com que o objetivo principal do tópico saia de foco. [...] Eles agem em comunidades do Facebook, listas de discussão, fóruns, blogs, chats, e até em jogos online.”

Fonte: Adaptado de <<http://www.tecmundo.com.br/msn-messenger/1730-o-que-e-troll-.htm>>. Acesso em: 25 out. 2016.

Assim como a internet pode ser uma “porta aberta para o mundo” devido às informações a que se pode ter acesso, ampliando o conhecimento, ela também serve como meio para divulgar opiniões preconceituosas, bem como para difamar e acirrar ânimos de grupos de discussão. Outras vezes é um veículo para simplesmente extravasar raiva ou destilar ódio por todos os lados. Temos, assim, o troll: fala mal, xinga, opina sobre tudo, critica só por criticar, não para sugerir; ele não discute: somente agride, até por não possuir argumentos para defender suas colocações.

Pois bem: em tempos assim, em que se pode “opinar” sobre qualquer assunto, sem necessidade de provar, apenas provocar, você está sendo convidado a expor sua opinião: O que pode levar uma pessoa a tomar essa atitude? O que se pode fazer para não “perder a linha” na internet ao utilizar as redes sociais? Como se pode evitar todos esses abusos?

Caso você escolha esse tema, considere as questões propostas para expressar seu ponto de vista em um artigo de opinião. A fim de melhor fundamentar sua argumentação, você pode usar exemplos, dados da realidade e impressões sobre fatos de sua experiência.

## INSTRUÇÕES

1. Escreva o texto seguindo rigorosamente uma das propostas escolhidas.
2. Identifique, na folha destinada para a redação, a proposta escolhida assinalando-a com um X.
3. Dê um título ao texto.
4. Escreva no mínimo 25 linhas e no máximo 35 linhas, independente da proposta escolhida.
5. Apresente o texto no gênero solicitado e na variedade formal da língua escrita, adequada ao gênero.
6. Organize de forma clara, concisa e objetiva as suas ideias.
7. Procure ser original. Não utilize em seu texto cópias do texto da prova nem de parágrafos que introduzem os temas.
8. Lembre que você está escrevendo para um leitor avaliador, que espera ler um texto com conteúdo, relevante, coeso, coerente e legível.
9. Lembre, também, que a nota mínima da redação é dois. Ela poderá ser zerada caso não se enquadre em uma das propostas acima e/ou seja ilegível.
10. A redação deve ser escrita a caneta na folha de respostas.

## **ANEXO B – Corpus da pesquisa (transcrição)**

### **Redação nº 1**

#### Os críticos

Com um crescimento espantoso, as redes sociais tem-se tornado uma das “armas” mais poderosas e ativas para expressar opiniões. Pode-se perceber que as pessoas tem cada vez mais a necessidade de ser o assunto do momento, nem que para isso dependa extrapolar os limites do respeito.

Os comentários pejorativos, agressivos e desrespeitosos derivam da falta de capacidade de saber conviver com as diferenças, com as escolhas pessoais e até mesmo da inveja que muitas vezes, senão todas, brota na pessoa que opina por querer ser, estar no lugar e fazer o que a pessoas que ela agride são, estão e fazem.

Os meios de comunicação modernos são, sem sombra de dúvida, uma das invenções mais necessários para a sociedade, porém tem sido a perdição para pessoas que não sabem conviver socialmente e encontram neles o refúgio para exposição de pensamentos, que por vezes são destrutivos para quem são direcionados. Isso acaba por formar pessoas incapazes de saber se comunicar sem a “tela protetora” que eles mesmos criam para disseminar suas críticas grosseiras de plantão.

Ao passo que as mídias sociais avançam, as pessoas retrocedem pelo simples motivo de não saber se controlar e opinar mais do que devia pensar menos do que seria.

### **Redação nº 2**

#### Enganadas

Atualmente vem surgindo muitas notícias sobre pessoas que têm suas fotos íntimas vazadas na internet. Esse assunto tem muita repercursão porque algumas dessas vítimas são meninas que confiaram nas pessoas erradas.

N a minha experiência de vida conheci muitas meninas que tiveram fotos íntimas vazadas, a causa foi porque confiaram muito em seus namorados e enviaram as fotos no intuito de agrada-los. Mas eles simplesmente reenviaram para seus amigos e seus amigos enviaram para mais gente, assim tornando as fotos publicas. Em alguns foi por causa de vingança pelo termino de namoro.

Depois que foram humilhadas em público, conseguiram punir os envolvidos e retirar suas fotos de circulação. Mas mesmo assim elas ainda sofrem ~~(por isso)~~ e têm trauma por causa disso.

Com essas histórias terei mais cautela em quem confio e nunca enviar (rasura) ou tirar fotos desse gênero, mesmo confiando na pessoa.

### **Redação nº 3**

#### Vendi meu celular

Certa vez, resolvi vender um celular antigo para um colega de trabalho. Mal eu sabia da dor de cabeça onde estava preste a me meter.

Não havia nada de mais, eceto pelo cartão de memória.

Na época, eu com meus 19 anos, muito vaidoso, principalmente com o meu cabelo. Fico uma fotos de um jogador de futebol que realmente o cara jogava muito e tinha um cabelo “massa”, isso fico no cartão de memória.

Meu colega não deixou barato, mostrou a todos os outros colegas as fotos do jogador. E obviamente a corneta aconteceu

Foram alguns dias de piadas a respeito da fotos. Ganhei varios apelidos que não devo mencionar agora

Ele não perdoou, até porque, eu no lugar dele faria pior. Mais levei na esportiva. Esse tipo de coisas, estão acontecendo cada vez mais por descuido.

Aprendi com todas piadas e cornetas, a verificar melhor o conteudo, referente a fotos e vídeos, onde pode me expor de alguma forma.

### **Redação nº 4**

#### O ruim da internet

A internet é utilizada por várias pessoas, com várias opiniões diferentes umas das outras, mas algumas pessoas mau intencionadas, utilizam ela para expor idéias que ofendem outras, o que causa vários confrontos entre pessoas na internet, principalmente em redes sociais.

Com a popularização das redes sociais, pessoas que são conhecidas como “troll” utilizam elas para humilhar certos grupos de pessoas e praticar crimes como homofobia e racismo, simplesmente para deixar tais grupos e pessoas sentirem raiva, e muitas vezes os trolls tem como objetivo chamar a atenção.

Deve-se evitar de discutir com trolls, pois normalmente eles são agressivos à

peças que argumentam e discutem com eles, e se deve denunciar os trolls pelos crimes que eles estão praticando, para que sejam ou banidos da rede social, ou também investigados, detidos e presos.

Opiniões todo mundo tem, porém sempre há pessoas más, e na internet também, expondo ódio e enfurecendo pessoas, provando quantas pessoas ainda no mundo não tem nenhum respeito com o próximo, e como são ignorantes a ponto de fazer o que trolls fazem, criando assim uma necessidade de terminar com isso, punindo esses agressores para que se termine com isso.

## **Redação nº 5**

### Eventualidades virtuais

Como estamos vivendo uma era digital de grandes avanços tecnológicos, ficamos cada vez mais dependentes a isso, principalmente a redes sociais tais como: facebook, instagram, youtube, entre outras.

Essas redes são ligadas e acessadas por pessoas de várias partes do mundo, que abordam muitas vezes assuntos do seu cotidiano, problemas do seu país e em um contexto global como: economia, sexualidade, política, futebol entre outros. A internet é um veículo de comunicação muito importante e principalmente livre, não sofremos nenhum tipo de censura ao expor nossas opiniões e pontos de vista, se uma terceira pessoa tem uma opinião contrária à segunda deve haver o respeito para que eventuais discórdias aconteçam e isso aflore para fora das redes sociais.

Como já houve casos de violência tanto verbal ou física, um exemplo disso são os atores, cantores, jogadores de futebol etc. O que devemos fazer é acima de tudo é manter a ética e respeitar as opiniões alheias, o Brasil por ser um país democrático e ter o direito de expor sua opinião, os órgãos responsáveis e importantes que lideram este país deveriam tomar mais medidas e projetos de lei para a prevenção a esse tipo de eventualidades virtuais.

## **Redação nº 6**

### A cultura do ódio

Vivemos em uma época em que liberdade de expressão não deve ser confundido com desrespeito e agressões. Fato esse que ocorre de várias maneiras, mas a moda é na internet.

É evidente o número de ofensas virtuais nas redes sociais, “blogs”, entre outros por diversos motivos. Uma briga particular, um rancor, uma mágoa ou o simples prazer de semear a discórdia. Especialistas na área da psicologia afirmam que essas práticas podem trazer transtornos psicológicos tanto ao agressor, quanto ao agredido, tendo a possibilidade de desencadear em uma depressão.

Devemos ser cautelosos na hora de nos expressar nos campos da internet. Respirar fundo, pensar se gostaríamos de ler, colocarmos no lugar do indivíduo, mas principalmente, respeitar as opiniões contrárias as nossas. O ditado “violência gera violência”, serve em todos os ambitos, inclusive o virtual. Evitando discussões, evitamos de outras pessoas terem o sentimento de raiva e assim permanecemos em um estado de bem.

Em suma, cabe a nós revermos nossas atitudes em meios virtuais. Cuidando para não intervir na liberdade de expressão de cada um, colocando em evidência a boa conduta e o respeito em todos os parâmetros, seja social ou via internet, devemos lutar e expulsar de vez a cultura do ódio que nos rodeia.

## **Redação nº 7**

### Ausência de respeito na Rede

A internet é uma grande rede na qual milhares de pessoas se comunicam ou trocam de informações diariamente. Noto que há grandes quantidades de opiniões muitas vezes sem fundamentos que apenas são dadas no intuito de machucar alguém ou algum grupo de pessoas e também prejudicar uma ou algumas discussões sadias.

A enorme falta de respeito e responsabilidades podem levar algumas pessoas a fazerem ~~comentários~~ comentários e opiniões com o objetivo de ferir. Não basta o ser cometer essas atrocidades contra outros cidadãos, ele ainda vai achar que possui a razão e que é supremo aos demais.

No Brasil, assim como em outros países, o número de “trolls” aumentam e a falta de punição causa isso. Todo cuidado é necessário ao se utilizar as redes sociais devido ao fato de não sermos os únicos a utiliza-lá e por isso devemos expressar nossas opiniões de maneira cautelosa para que essa não machuque ninguém.

Os “trolls” são pessoas extremamente chatas em razão de se acharem superiores aos demais, sendo isso uma grande ilusão deles.



Para evitar os ~~abusos~~ abusos que acontecem com frequência nas redes sociais e outras partes da internet precisamos da ajuda do governo. Ele é o responsável por criar leis mais severas e fiscalizações para ~~punir~~ punir o “troll” e também é necessário mais investimentos nas escolas para que os jovens e crianças aprendam sobre igualdade e respeito, sendo assim, eliminar os “trolls” das próximas ~~gerações~~ gerações.

## **Redação nº 8**

### Cuidado com os grupos

O avanço da tecnologia, em relação a interatividade, chegou à um nível em que não podemos mais “dar (ilegível)”. Hoje é comum criar-se grupos para tudo no Whatsapp, grupo da academia, grupo da família, grupo do time do coração, enfim grupos para tudo. Só que esquecemos que por trás dos grupos, e do estatus, tem alguém com sentimentos.

O que aconteceu num grupo que eu participo, e que eu fiquei muito chateado, foi um caso de um acidente de trânsito, que teve uma vítima fatal, alguém registrou (rasura) o acidente através de fotos e vídeos e postou no grupo que além de mim várias pessoas participam, inclusive parentes e amigos da vítima.

Então eu me coloquei no lugar dessas pessoas, vendo as fotos do seu ente querido entre as ferragens do carro.

Talvez quem mandou essas fotos não percebeu que havia integrantes da família da vítima no grupo, talvez ele só queria informar o pessoal, mas ele agiu de forma errada e o grupo todo ficou mal.

Vivemos em uma era em que tudo é mais fácil, estamos mais conectados com o mundo, é mais fácil receber e mandar uma notícia, se comunicar com alguém distante ficou tudo mais acessível. Mas estamos numa era em que cada vez menos a privacidade está protegida. Ninguém tem o direito de expor fotos íntimas(?) ou de acidentes de ninguém, nesse caso de acidente a família está abalada, precisa de carinho e conforto.

As pessoas que estão compartilhando imagens e vídeos devem colocar-se no lugar da vítima, não é legal, vamos usar essa tecnologia para ajudar, para o bem e não para denegrir a imagem dos outros.

## **Redação nº 9**

### Comportamento na mídia social

Cada dia mais as mídias sociais tem evoluído em relação a tecnologia e gradativamente seu público tem aumentado e busca sempre acompanhar atualizações e novidades da internet.

Desde o surgimento de tecnologia e consecutivamente da internet, existe um debate em relação aos benefícios e malefícios desta ferramenta tecnológica. Vivendo em um mundo capitalista, muitos pais, após chegarem cansados de seus trabalhos preferem que seu filho distraía-se online, sem receber carinho e atenção de quem ele mais precisa, este ato traz consequências a repressão e raiva da criança, que crescerá com estas atitudes e sentimentos, agredindo a toda e qualquer pessoa que lhe for conveniente, tornando-se um troll ou hater.

Insultos ao físicos, morais em preconceito com cor, sexo, religião e opção sexual são enviados todos os dias a milhões de pessoas, no mundo, contendo estes, conteúdo acessivo. As principais vítimas são as celebridades e pessoas influentes na sociedade, que recebem mensagens de ódio, muitas vezes sem motivo algum.

Ao participar das redes sociais é preciso ter consciência de que todas as pessoas são diferentes umas das outras e é errado julgar por isso, principalmente em anônimo ou através de perfis fakes.

Na rede, nada se perde. Um conteúdo mesmo depois de apagado pode ser recuperado, devido ao grande número de crimes e ofensas relatados da internet já existem delegacias especializadas que buscam punir agressores online e hackers, neste quesito também é notável a busca pelo fim do cyberbullying e medidas cabíveis para quem o prática.

A solução é ensinar as crianças desde pequenas o quanto atitudes como difamar e ofender pessoas pessoalmente ou online são repulsivas é um ensinamento que pode ser feito escola-casa, buscando ensinar e educar para que possa ser possível viver bem na mídia social.

## **Redação nº 10**

### Internet em meia a opinião e crítica

Com o passar do tempo, o mundo vem se modificando e se modernizando. Junto a essas modernização vem os avanços tecnológicos. Um desses avanços é a

internet, que tem objetivo de ser um meio de enormes possibilidades, onde diversas pessoas utilizam para obtenção informações e assuntos diversos. Tendo em mãos esse tipo de tecnologia, pessoas acabam por utilizar para expor suas ideias e críticas, mas muitas vezes, digo, vezes suas críticas acabam por serem abusivas e demasiadas, vindo até a atacar diferenciado público.

A internet se constitui como um lugar onde pessoas podem se camuflar fazendo com que muitos de seus ataques acabem atingindo pessoas, mas sem denunciar o culpado. Frente a isso torna-se possível que pessoas ataquem as outras expondo críticas, fotos enfim, conteúdos que muitas vezes não são verídicos ou que talvez sejam inventados para que assim possam atacar as vítimas com crueldade.

Em uma sociedade, onde há liberdade de expressão, todos podem expor suas críticas, suas opiniões e ideias e as mesmas devem ser respeitadas. No momento em que digo: devem ser respeitadas, destaco de forma clara que nossas críticas podem e devem ser expostas, mas elas não devem conter palavras abusivas onde se dirijam de forma ofensiva ao alvo destacando também, para que haja uma crítica ela deve ser construtiva e junto a isso a pessoa que for exposta deve ter clareza dos fatos ou ao menos conhecê-los para que não haja injustiças ou discriminações.

Para os que abusam de sua liberdade de expressão garantida na constituição de 98/direitos humanos, deveria de existir punições, com isso utilizariam sua liberdade de maneira correta, clara e justa.

## **Redação nº 11**

### **Terra sem lei**

Desde nosso nascimento, somos bombardeados por uma enorme torrente de informações: o que vestir, o que comer, o que é certo, o que é errado, entre outras milhares de informações.

Ao atingirmos a adolescência acabamos por descobrir que nem todas aquelas informações que recebemos de nossos pais são verdades inquestionáveis e para alguns essa é uma realidade difícil de se lidar.

Algumas pessoas são simplesmente incapazes de aceitar que suas ideias e opiniões estejam incorretas e encontram na anonimidade fornecida pela internet uma arma poderosa para expressar sua frustração através de comentários maldosos contra pessoas que considera de alguma forma superiores a ele próprio e faz isso de uma forma que seria incapaz de fazer pessoalmente.

Um “troll” nada mais é do que um grande covarde, incapaz de aceitar de aceitar que outra pessoa seja intelectualmente superior a ele em determinado assunto e por isso carrega um grande censo de inferioridade em seu âmago a ponto de precisar diminuir pessoas atacando projetos pessoais desta, ainda que não seja capaz de igualar tais projetos.

Se as pessoas fossem capazes de aceitar as opiniões dos demais e com isso crescer como ser humano e evoluir, haveriam menos “trolls” na internet e mesmo o mundo offline se tornaria um local mais harmonioso para se viver; Tais preceitos precisam ser ensinados desde a mais tenra idade para que esta terra sem lei que é a internet possa voltar a ser utilizada como uma ferramenta para o engrandecimento do ser humano e não para sua degradação.

## **Redação nº 12**

### Férias obscuras

No verão de 2013 férias escolares normalmente são regadas de muita aventura e diversão devido ao stress que o ano escolar trás. Porém, para mim, não foi isso que aconteceu. O tédio tomou conta e precisa-se de alguém para se distrair, conversar, sendo assim, comecei a conversar com uma colega que nunca tive intimidade. Conversamos, dias e noites inteiras, uma certa confiança se alojou naquela amizade. Num determinado dia, muito calor diga-se de passagem, mandei uma foto sem camisa, algo natural e naquele momento não vi problema algum. Se tratava de uma de situação simples, nem tão banal assim, afinal, quem mais iria saber? Tudo isso acontecendo na passagem do primeiro para o segundo ano do ensino médio. Logo, as aulas começaram, agimos como se nada tivesse acontecido, porém eu sempre alertava a (ilegível) o não vazamento daquela tal foto, com isso, paramos de nos falar.

Em 2015, estávamos nos formando, fotos, vídeos, comprometedores ficam vindo à tona, e o que aconteceu? Minha foto apareceu para toda turma. Fui motivo de chacota por alguns dias, mas sem grandes problemas. Ao final da história virou uma grande brincadeira onde eu não me alegro de ter participado. Tudo isso foi facilitado pela velocidade da informação, que faz mensagens, documentos ultrapassar barreiras em questão de segundos. O grande legado que essa situação me deixou, foi a cuidar com a forma de me expor, aprender e ter cuidado com a confiança das pessoas, por mais legal que ela pareça ser. Embora tenha sido um

fato que não me orgulho, foi a forma mais crua de aprender com isso. Hoje, procuro me manter sempre ocupado, lendo artigos, jornais, praticando esportes para que o mesmo erro não seja cometido.

### **Redação nº 13**

(Sem título)

A internet sem dúvidas é uma das maiores criações do homem dos últimos tempos, uma ferramenta de infinitas possibilidades. Ela foi um extremo avanço da humanidade em vários aspectos, principalmente no que tane a pesquisa, comunicação e divulgação de opiniões. Porém, a internet não é apenas um “mar de rosas”, muitos indivíduos à usam par muitas atividades maléficas, principalmente para dar uma opinião racista e/ou preconceituosa. Como ela é uma ferramenta que praticamente qualquer um pode usar e ainda em total anonimato, essas atividades ocorre, cada vez mais.

Com um pouco de pesquisa em qualquer rede social, Facebook por exemplo, podemos observar que existem grupos e pessoas que se divertem “atacando” outrém por meio de ofensas, montagens de vídeos e fotos e até ameaçam (ilegível). Essas ações se denominam (ilegível), no qual o único objetivo é conseguir prejudicar alguém para a própria diversão. As principais entidades que praticam esses atos são “troll’s”, “rufer’s” e “hater’s”. “Troll’s” são aqueles que têm como objetivo causar caos em uma comunidade online e se divertir com os resultados. “Rufer’s” são aqueles que respondem qualquer coisa com ofensas, para extressar os outros. “Hater’s” são aqueles que escolhe um grupo, pessoa, entre outros como (ilegível) e a criticam para desmotivar a “vítima”.

Recentemente um caso polêmico aconteceu no Brasil, que teve uma enorme repercusão pela internet, o caso da torcedora grêmista que chamou o goleiro do time adversário de “macaco”, esse fato logo foi parar em vários sites e grupos da internet, onde muitas pessoas debateram sobre o ocorrido, alguns defendendo a torcedora, afirmando que foi um caso de “calor do momento” e que ela falou da boca para fora, outros à criticaram fortemente dizendo que ela deveria pagar uma multa ou até ser presa, entretanto o mais impressionante desse acontecimento, foi as centenas de pessoas que concordaram com a atitude da mulher, aprovando às ofensas que ela disse ao goleiro e até ofendendo ele mais. Muitos desses indivíduos que realizaram esse constrangedor ato eram apenas “troll’s”, o único objetivo era se divertir com a

discordia que causaria, porém, “em toda mentira existe uma pitada de verdade”. Todavia algumas das pessoas que realizaram esse infeliz ato realmente pensam assim, isso mostrou com muitos conceitos primitivos e (ilegível) existem na sociedade contemporânea.

A internet pode ter sido um enorme avanço, porém, também “abriu portas” para pessoas de má índole espalharem suas opiniões. O caso da torcedora gremista citado acima é apenas um dos muitos outros que ocorrem diariamente pela internet, principalmente pela fiscalização ser extremamente difícil, o que torna essa ferramenta uma verdadeira “terra sem-leis”, onde qualquer coisa pode ser postada e compartilhada no completo anonimato.

## **Redação nº 14**

### **A poderosa internet**

Neste ano, a cidade onde vivo acompanhou um terrível caso de cyberbullying: uma garota de 16 anos teve suas fotos íntimas divulgadas por seu então namorado – agora ex –, que compartilhou com seus amigos as fotos sensuais que a menina lhe mandara.

Como a cidade é pequena, e a internet e as fofocas rápidas como trovões, os “nudes” logo se espalharam por todos os cantos, sendo comentados e avaliados frenética e exaustivamente, dia após dia. A menina, que antes era vista como uma adolescente normal e tímida, se tornou sinônimo de gozações e xingamentos. Seu nome passava de boca em boca, assim como as imagens, de celular em celular.

Eu, indignado com a maldade da situação, me absteve de qualquer compartilhamento ou afirmação ofensiva. Obviamente, eu sabia da irresponsabilidade do fato: mandar fotos provocativas para alguém nunca soa como uma boa ideia, principalmente se for alguém que você conhece há pouco tempo. As pessoas vivem trocando de amizade e namorados, e se fizerem isso sempre, muitas pessoas guardarão suas fotos íntimas (o que para mim não é confortável).

Mesmo assim, nada justifica os compartilhamentos exaberbados das imagens, muito menos a traidora divulgação do namorado. Essas atitudes de ódio gratuito são origem de muitas tristezas e tragédias, e só ganham força com a internet. A garota, por exemplo, nunca mais foi a mesma, e provavelmente o trauma desta situação a acompanhará pelo resto da vida. Se cada um tem seu próprio corpo e dignidade, por que destruir os do outro? Não faz sentido. É pura hipocrisia e

crueldade.

Para concluir, gostaria de lembrar que a internet e quase tudo que vem dela são ferramentas poderosas, que podem servir tanto para o bem, quanto para o mau. Se usada de maneira dissimulada e incorreta, podem afetar muito alguém, da mesma forma que algo feito presencialmente, como um assalto ou um sequestro. Mas a distância é amiga dos bandidos da rede, portanto, tome cuidado com o que faz por lá. Nunca é demais prevenir e ter consciência.

### **Redação nº 15**

Os fatos, a liberdade e o respeito.

Ganhamos a liberdade de expressão mas perdemos o respeito. Exemplo disso são as trollagens nas redes sociais. Palavras machucam muito mais do que uma agressão e corrompem as futuras gerações com pensamentos ediondos.

Primeiramente: a morte. Algo difícil para o ser humano conseguir superar ou entender. A tristeza é funda, mas neste século onde a tecnologia predomina, pode aparecer também o sentimento da raiva. As notícias correm pelas redes sociais. Certa vez ocorreu a notícia da morte de dois adolescentes vítimas de um acidente de trânsito. As trollagens eram muitas. Exemplo disso foi o comentário: “morreram tarde”. Mas não, não morreram tarde, foi uma morte prematura e difícil – um dos jovens era membro da minha família. Vê-se neste caso a falta de humanidade e respeito pelas famílias, pois todos estamos sujeitos a ter perdas.

Segundamente: o estupro. Neste ano uma notícia que chocou a internet foi o estupro coletivo de uma menina de 16 anos por 33 homens. Trollagens não faltaram. Não podemos esquecer que a cultura do machismo entra no contexto do comentário: “Ela pediu para ser estuprada”. Não, nenhuma mulher quer ser agredida desta forma, psicologicamente e fisicamente. Tudo isto é o retrato do machismo e do pensamento machista de que o homem é superior a mulher e que a mulher, por sua vez, é um objeto.

For fim: a insegurança. Todos estão cansados de conviver com a criminalidade e o medo de assaltos. Exemplo disto é um vídeo recente que mostra um policial impedindo um ladrão de roubar uma joalheria matando-o. Para não perder o costume, a trollagem foi feita: “bandido bom é bandido morto”. Errado. Bandido bom é bandido reeducado e incluso na sociedade, mostrando para todos seu potencial.

Então: uma pessoa toma uma atitude como esta pois desconhece os direitos humanos da igualdade e fraternidade. Devemos ser fraternos e disseminar amor e paz. Somos todos iguais e estamos expostos a tudo. Um dia será você trollando alguém, mas no outro os papéis podem se inverter. Para não perder a linha deve-se colocar no lugar do outro e repensar um pouco nas atitudes a serem tomadas e palavras a serem ditas. Pode-se evitar os abusos lançando medidas mais severas como leis e multas aos trolls, ou educação da inforção nas salas de aula. Deve-se espalhar amor e não ódio, apenas assim seremos um país melhor.

### **Redação nº 16**

#### Internet sem limites

Nos dias atuais a internet domimos os meios de comunicação e deu voz para todos, mesmo para aqueles que não sabem usar da maneira correta.

Se expor na internet, esta cada vez mais se tornando comum, e por isso algumas pessoas acham que pelo fato de estarem na internet estão mascarados e protegidos. Assim, praticam praticam todo tipo de preconceito e burlam todas as regras.

Racismo e homofobia, são os maiores exemplos disso, que na maioria das vezes é feito através das redes sociais e o unico jeito de acabar com isso é o respeito pela difença dos outros, caso contrário nunca acabará. Ou como nos últimos dias tem se visto, esperar que a justiça seja feita.

### **Redação nº 17**

#### Internet

Nos tempos atuais a internet é muito cogitada por toda população, tendo em vista suas utilidades, nelas podemos encontrar muitas informações mas também tem pessoas que utilizam de forma equivocada. Como postar algo pessoal de alguém, sem sua permissão.

Hoje em dia há muitos transtornos em nossa sociedade, pessoas estão preocupadas mais com a vaidade, ignorância do que na nossa educação. Estão muito mais ligadas na violência do que respeitar o próximo.

Muitas pessoas mal amadas sem nenhum escrúpulo só pensando em si mesmo, tudo isso podendo acarretar atitudes equivocadas e erradas na internet com alguém.



Deveríamos pensar mais no próximo, sem interesses, sem se preocupar se o outro faria isso por você, isso poderia ser o início de muitas melhorias.

Mantendo sempre a calma, caso aconteça alguma ofensa, um xingamento ou até caso de preconceito e racismo. Caso for algo de muita violência recorrer a alguém que você confie ou até a delegacia, pois pessoas que não respeitam seus valores e escolhas devem ser punidas.

### **Redação nº 18**

#### Amizade virtual

Atualmente estamos mais sujeitos a invasão da nossa privacidade com o avanço da tecnologia e o uso das redes sociais nossas informações estão mais vulneráveis. Com isso, devemos ter o cuidado com que postamos na internet, pois elas podem ser acessadas por pessoas que querem nos prejudicar utilizando como ferramenta “vírus”.

Certa vez um amigo teve sua página numa rede social “infectada” o (ilegível) sua imagem estava relacionada a um assunto que lhe trazia constrangimento perante a sociedade.

Ele porém ele porém não conseguia apagar tal assunto. Já estava ficando desesperado pois havia recebido ameaças. Sugeri então que ele procura-se outras formas de excluir o tal “vírus”. Após poucas horas mais pessoas apresentavam o mesmo problema. Todos então compreenderam o caso e para o alívio de todos, os responsáveis pela rede social conseguiram eliminar o problema. Após esse fato evito postar fotos, por mais simples e inofecivas que seja aquilo que divulgamos nunca teremos pleno controle e (ilegível) nossas informações podem ser distorcidas por pessoas mal intencionadas.

### **Redação nº 19**

#### O ponto negativo das redes sociais.

Nos dias de hoje está mais do que claro que a tecnologia está tomando conta das nossas vidas, todos os dias surgem novas descobertas tecnológicas. Podemos dizer que a tecnologia mais usada nos dias de hoje é a internet, logo as redes sociais as mais acessadas com esse meio tecnológico.

Todos aqueles que usam as redes sociais como forma de se expressar, entendem que a opinião própria e as críticas podem ser lançadas de forma aleatória

e sem pensar nas consequências que podem causar ao próximo. Diariamente acompanhamos casos em que pessoas são vitimadas nas redes sociais através de fotos, vídeos e principalmente comentários que menospreza e ridiculariza a imagem das pessoas.

Portanto no meio de tudo isso ainda não se descobriu um motivo para que essas pessoas que cometem esse tipo de “manifestação”, cometem este ato, que as vezes é considerado raiva, ódio ou preconceito. As publicações feitas em forma de comentários muitas vezes é quase que não compreensível, são tantas coisas sem sentido, que entendemos que essas pessoas já estão sem argumentos.

Nestes casos teria como manter algumas pessoas controladas? Aprendemos diariamente que devemos respeitar o próximo e suas opiniões, mas a pessoa de “perdem a linha”, esquecem suas responsabilidades e preferem de certa forma ferir os outros com atitudes ridículas nas redes sociais. Se cada um de nós parar um pouco para pensar sobre como esses abusos na internet prejudicam o próximo teríamos com certeza menos casos como esses e cada um se respeitava mais nas redes sociais e na vida pessoal.

## **Redação nº 20**

### Mundo online

Falar em conteúdos inadequados via internet, é um assunto que gera muita polêmica. Há quem veja isso como uma forma natural de expressar a intimidade, e a quem vê isso como um ato vulgar de mostrar seu corpo para milhares de pessoas.

Um exemplo disso, foi uma foto postada pelo ator Paulo Zuluá, tirada do próprio espelho e mostrando suas partes mais íntimas. Outra vítima disso, foi a apresentadora de TV, Sonia Abrão, que postou uma foto de maiô em seu quarto, e que teve uma repercussão enorme.

Existem milhares de pessoas que passam por isso dia após dia, e muitas delas acabam não sabendo lidar com essa situação. Pessoas próximas a mim. Já tiveram suas fotos expostas, e algumas delas não tiveram essa “agressão” apenas na internet, e sim sofreram agressões físicas também.

Hoje em dia, o mundo virtual está com um livre acesso as redes sociais das pessoas, gigantesco, e com isso muitas vezes acabamos sendo expostos por pessoas que não conhecemos, que estão ligadas na internet apenas para fazer o mal.

Portanto, para esse índice de pessoas expostas não aumentar, devemos tomar muito cuidado com cada coisa que postamos, seja lá, em qualquer rede social, pois o mundo online está cada vez pior, e uma que era para ser boa, está denegrindo muitas pessoas.

### **Redação nº 21**

#### Violação na web

A internet, surgida com o avanço tecnológico no século XX, trouxe muitos benefícios, expandindo o mundo de modo tão abrangente, provocando, infelizmente, mal utilização entre pessoas e redes sociais.

É correto afirmar que qualquer ato com intenção de abusar ou discriminar alguém, havendo ou não agressão física, é chamado de violência. Não escapamos disso em lugar algum, até mesmo nas redes sociais, passando de forma despercebida em alguns casos, porém muito comum. Como por exemplo, existem inúmeros perfis no facebook falsos que servem para ofender também chamados popularmente de “trollagem”, ridicularizando pessoas anonimamente, sem receber nada além de status na web. Não há respostas concretas para evitar absurdos como este, pois a internet é exposta tanto para pessoas bondosos, quanto aos ignorantes, que são a maioria dos ofensores.

Ética, maturidade, dignidade, compaixão, honestidade e, principalmente respeito, são palavras-chaves para tornar a internet e a sociedade, um meio menos violento para ser mais agradável de conviver.

### **Redação nº 22**

#### (Sem título)

Vivemos em um tempo onde expor o corpo sarrado, bonito e bem cuidado se tornou um grande desejo de nossa sociedade, podemos observar que à o lado bom e o lado ruim disso tudo. O bom porque pessoas se sentem felizes se seu corpo está de acordo com seus desejos, porém outras aderrem a medicamentos e técnicas que agridem sua própria saúde, mas das várias formas de mostrar o corpo, como usar um chorts bem curto a fim de mostrar as pernas malhadas e bonitas ou acontecendo de expor fotos nuas nuas na internet a sociedade toda te julgará.

No ano de 2015 com 16 anos minha prima Samara tirou fotos semi-nuas com o celular, e enviou a um rapaz, conhecido dela que havia pedido para ela tirar as

fotos e (rasura) envia-las a ele. Ao recebe-las, o rapaz através das redes sociais enviou para os amigos, e assim muitas pessoas receberam as fotos. Considero a atitude dele muito errada, ele sabia que ao enviar a várias pessoas estaria denegrindo sua imagem, pessoas da cidade inteira comentavam, ela muito envergonhada e arrependida parou de estudar em decorrente dos acontecimentos.

Procurei dar muito apoio a ela, as pessoas acabam esquecendo ou arranjam algo novo para comentar, acredito também que tentar conquistar alguém, um namorado por exemplo somente pelo corpo e aparência física, não trará somente bons resultados, uma pessoa tem que gostar da outra pela geito de ser de agir de pensar de sentir, enfim por inteiro.

A sociedade julgará a atitude dela de tirar as fotos, mas não a do rapaz que errou muito; julgará a família da adolescente por não dialogar ~~com a adolescente~~ sobre assuntos da adolescência, para tentar evitar os assuntos mencionados. Concluo que o dialogo familiar é importante sim, mas o apoio e a compreensão também se faz muito necessária. Nosso corpo é tão importante quanto a saúde e a ~~importância dele~~ aparência dele.

### **Redação nº 23**

#### Hater virtual

O troll, também podendo ser chamado de “hater virtual” geralmente é alguém infeliz com sua vida ou considerado um fracassado, que não se sente bem com a felicidade e/ou sucesso de outras pessoas, em geral ou em alguma em particular.

Decepções durante a vida, falta de carinho e incentivos na criação, falta de autoconfiança e inveja da vida “perfeita” de outros são alguns dos motivos que levam uma pessoa a se tornar um troll na internet, que quer espalhar seu ódio e infelicidade para outra pessoa.

Um exemplo notório são os comentários maldosos e críticas cruéis e se fundamentos que internautas fazem em páginas e redes sociais de famosos. A aparente vida perfeita de ostentação e belezas pode gerar sentimentos ruins em pessoas com problemas sociais e financeiros, que acabam jogando essa raiva contra aquelas que julga culpados ou superiores a elas. Boa parte da comunidade troll age em anonimato, não tem coragem de mostrar suas caras e se identificarem.

As redes sociais foram criadas com o intuito de compartilhar momentos da vida das pessoas, de conhecer gente nova e fazer novas amizades. Mas isso vem

se perdendo em uma realidade em que cada um (cada) quer ser melhor e se mostrar mais que o outro. O ser humano tem essa necessidade de ser melhor e se sentir incluído no meio social.

Para evitar esses abusos devem ser feitas e severamente seguidas e aplicadas leis contra a difamação na internet, em qualquer grau e contexto. Penalidades e multas devem ser aplicadas de acordo com o grau de inflação dos direitos humanos nas redes sociais.

## **Redação nº 24**

### A internet e seus malefícios

Desde que o acesso a internet foi ficando comum entre os jovens os riscos, também aumentaram.

Quando se fala em crimes virtuais, o que vem a nossa mente são fatos íntimos vazados na rede. Mas não é só isso. Os tipos de crimes vem aumentando conforme os anos vão passando. Assim como o “webbullying”, termo em inglês para o bullying através da internet e o anonimato.

Hoje em dia, o uso de nome falso tem uma forte presença nesse mundo virtual. Uma ferramenta facilitadora, também, facilita o aumento do crime e do mau uso da mesma. Normalmente, os criminosos que optam pelo uso das redes sociais para atacar suas vítimas, estão, na maioria das vezes no anonimato onde usam de fotos, vídeos, textos preconceituosos e ofensivos para atacar e humilhar. 87% dos casos no RS de fotos íntimas vazadas ou montagens é feito por motivos de vingança ou para chamar a atenção. Muitos dos malfeitores usam os preconceito, ou a humilhação de alguém para polemizar algum assunto ou denegrir a imagem de alguém. Por esses motivos alguns sites e até mesmo aplicativos usam moderadores que são pessoas que cuidam do tipo de conteúdo e usuário que utiliza a página, fazendo com que, quem utilize o serviço (rasura) esteja seguro.

Já existem campanhas para estes e outros tipos de crimes virtuais serem combatidos, mas cada um usando de consciência e respeito já é um começo para o fim destes problemas.

## Redação nº 25

### Comodismo virtual

Diariamente estamos sujeitos a receber todo tipo de informação, seja a suposta traição de um casal de famosos ou a última prisão ocorrida.

O mais intrigante é a velocidade com que essas notícias chegam até nós.

O mesmo vínculo de comunicação, que pode ser usado a nosso benefício, também pode desencadear o caos em questão de minutos.

A facilidade em se publicar algo na internet é espantosa, ou seja, sendo verdade ou não, um conteúdo pode facilmente provocar um conflito, sem provas evidentes, ao mesmo tempo em que é compartilhado por diversos indivíduos, que ~~(podem)~~ estão apenas reproduzindo o que foi postado.

Para evitar que se cometa o equívoco de defender ou espalhar uma calúnia, o ideal seria pesquisar antes de tomar qualquer tipo de posição ou atitude; essa pesquisa podendo ser feita em jornais ou revistas que tratem sobre o tópico em questão, livros, ou mesmo sites tidos como confiáveis.

Assim evita-se correr o risco de cair no comodismo virtual e adquire-se conhecimento por parte do material pesquisado.

## Redação nº 26

### Roupa Íntima e a Polêmica

Nunca vou esquecer o dia em que uma amiga contou que um garoto havia roubado uma foto sua íntima e disponibilizado aos seus amigos. A reação dela foi de raiva e frustração, ~~há~~ afinal, o garoto havia pego o celular dela, visto as fotos e encaminhado uma delas ao seu celular.

No meio da ~~co~~ conversa, perguntei a ela que foto era e logo em seguida recebi a imagem. A foto em si não tinha nenhum cunho sexual, era simplesmente ela de roupas íntimas. Não havia erotismo na foto, era como uma dessas fotos que se vê e flyer de lojas de roupas íntimas.

Ao tentar acalmá-la, percebi o quão suja é a mente das pessoas. O acontecido se tornou grande somente porquê embaixo do pano tinha um mamilo feminino, algo que todo ser tem.

Desde então, me pergunto como (rasura) chegamos a esse nível, quando o mundo começou a erotizar uma parte do corpo que todos temos, (rasura) uma parte do corpo que alimenta uma pessoa em seus primeiros meses de vida.

Este fato ocorreu há dois anos, nesses dois anos, todos que a viram na foto, viram ela de biquíni também e não a sexualizaram, pois, na beira da praia é normal, numa foto vazada não.

## **Redação nº 27**

### **Inimigos virtuais**

Você certamente já publicou ou deixou bem clara sua opinião sobre algo nas redes sociais, e de sobra acabou sendo vítima de alguém que discordou da sua opinião e causou uma enorme discussão, ou pelo menos já presenciou essa situação.

É fato que essas situações desagradáveis nos afetam de imediato, causando muito stress e irritação, já que não é fácil aceitar diferentes opiniões, principalmente quando elas são carregadas de implicação, ódio e xingamentos.

É muito comum presenciarmos situações similares a discussões em todos os ambientes, já que em sua maioria, as pessoas se tornam pensadoras críticas, mas o debate torna-se algo nada saudável quando o objetivo de alguém é somente provocar.

As relações de conflitos baseados em provocações se tornam mais comuns no âmbito virtual, em que as redes sociais fazem uma ligação de proteção para com seus usuários, dando a eles coragem para xingar a vontade, sem temer agressões físicas ou a própria divulgação de identidade.

Não é fácil deixarmos de reagir a essas situações de uma forma negativa, muito menos deixarmos de impôr nossas opiniões. Um bom começo é começarmos excluindo ou privando das nossas redes sociais aqueles que só estão ali para nos provocar, mantendo por perto apenas que souber respeitar e fornecer debates saudáveis, que agregam o nosso conhecimento, dando atenção somente para quem tiver interesse em ouvir ou ler.

Não devemos deixar de nos informar, impôr nossas opiniões e nem deixar de desenvolver nossa capacidade crítica, devemos evitar pessoas que só nos acrescentam negativamente, mantendo assim nossa paz de espírito.

## **Redação nº 28**

### Consciência ética

Com o fim da Guerra Fria e a ascensão do capitalismo, houve o advento da tecnologia e, conseqüentemente, de recursos midiáticos. Em virtude disso, somos levados involuntariamente a uma necessidade de autoafirmação perante a sociedade, conseqüência do uso cada vez mais frequente de redes sociais.

Com o passar do tempo, podemos observar que a participação dos indivíduos em discussões online aumentou gradativamente. Porém, por muitas vezes, a liberdade de expressão que nos é assegurada pela Constituição, é confundida e utilizada de forma errônea como um discurso de ódio, fomentando preconceitos e incitando tal forma de violência. Isso nos leva a pensar que a forma como expressamos a nossa opinião em relação à algo, também diz muito sobre nossa personalidade.

Atitudes como discutir apenas para incitar ou provocar uma discussão podem ser entendidas como conseqüência da falta de uma mentalidade mais empática em relação à humanização das relações. Além de prejudicar a convivência social, o indivíduo acaba influenciando negativamente crianças e jovens que estão utilizando mídias sociais cada vez mais cedo. Ao publicar nossa opinião em qualquer lugar da internet, é imprescindível que possamos nos colocar no lugar do próximo, evitando divulgar opiniões carregadas de preconceito.

Segundo Jean-Paul Sartre, “Toda forma de violência, independentemente da forma em que se manifesta, é sempre uma derrota”. Em virtude disso, algumas medidas podem ser sugeridas: ao identificar alguém na internet que esteja agredindo alguém sem um embasamento argumentativo, a discussão acaba se tornando ineficaz. Em suma, é necessário que cada indivíduo faça sua parte, valorizando assim cada vez mais o bem estar coletivo em detrimento do individualismo, para que se construa uma sociedade fundamentada em princípios éticos que beneficiarão as gerações vindouras.

## **Redação nº 29**

### Sociedade e tecnologia: o avanço e a complementaridade

A liberdade de expressão invade o universo virtual, aliando-se ao desenvolvimento dos meios tecnológicos. A possibilidade de posicionamento frente a situações (ilegível) pode ser incentivadora de discriminações e de discussões



judicialmente, o preconceito e a difamação são crimes, mas torna-se necessária uma profunda análise no que diz respeito ao processo de formação ideológica dos indivíduos que promovem acontecimentos desagradáveis, sendo fundamental discutir a importância da manutenção do bem coletivo em prol do respeito em ambientes virtuais e sociais.

A mobilidade e a agitação cotidiana causam a internalização de uma série de sentimentos reprimidos em virtude da imposição das regras sociais. Os meios que dispensam o contato pessoal servem de escape para a explanação de pontos de vista maldosos. Porém, ao mesmo tempo que há o direito de expressão este pode ser anulado, ao ponto que ocorre a interferência negativa na regulamentação da sociedade.

Retomando-se a teoria aristotélica sobre a formação das engrenagens de um relógio, quando um elemento de grande (ilegível) falha, deve ser removido e substituído por novas peças que aumentam novamente a eficiência do relógio, para que este não se atrase. Da mesma forma, os meios tecnológicos devem ser entendidos como uma ferramenta para o desenvolvimento do saber e da aceitação. Caso ocorram conflitos, o afastamento provisório de cidadãos motivadores de crime ideológico, para que a comunidade técnica e científica esteja concentrada como (ilegível) de produção da estabilidade social, afinal, (ilegível) nas relações diplomáticas com outros indivíduos é fundamental.

O desenvolvimento social em todas as essas esferas deve ser avaliado em sua positividade, para que conflitos sejam rompidos. Segundo Jhon Locke, filósofo do século XVIII, os indivíduos nascem como uma folha em branco, que permanece à espera de aquisição de conhecimento social. Embasados nessa perspectiva cabe a população o incentivo ao desenvolvimento de uma sociedade, desde o nascimento. A interatividade social nos meios virtuais de comunicação deve, antes de tudo, ser considerada um avanço nas relações internacionais, tendo seu valor agregado, como uma grande evolução que é facilitadora da convivência da população, percebendo-se a importância da aliança cultural entre todos, para que essas esferas da tecnologia da modernidade se (ilegível) mais com o passar dos anos, e assim será viável a formação de um ambiente tecnológico muito mais harmônico e desenvolvidor do conhecimento, um meio de interação, aceitação e do desenvolvimento da consciência sobre coletividade.

## Redação nº 30

### Por ser mulher, sorria

Era ela, mais uma quinta-feira a noite, sentada em um barzinho qualquer no centro da capital. Confiante e dona de si, pedia ao garçom mais uma dose. Em seu olhar transpassava uma alegria contagiante, muito além da alegria que transpassava aquele grupo de homens no outro canto do bar, falando alto para chamar atenção. Uma e outra vez um dos homens passava por ela e lhe jogava uma cantada, a qual ela apenas sorria.

Sorriso de orelha-a-orelha, impossível não ficar hipnotizado por minutos. Mulher livre, sentia-se no direito de ir e vir a hora que quisesse. E tinha todo o direito. Ao levantar-se foi sorrindo até o caixa, pagou sua conta e do estabelecimento retirou-se. Ao garçom disse um “até breve”, pois na outra semana se encontrariam novamente.

Na outra semana lá estava ela, sentada em uma das mesinhas, alguns copos espalhados sob ela. Seus olhos apresentavam estar, de longe, raivosos, mas nunca sensíveis. Por perto muitos grupos de amigos bebendo, normal em fim de semestre. As risadas eram altas e pela primeira vez ela demonstrava-se incomodada com algo. Um dos “caras” de algum dos grupos que ali estavam, virou-se para ela e chamou-a “gostosa”. Iniciou-se um falatório alto, risadas insanas, chamavam-na para “uma saidinha rápida” a todo instante. Ninguém prestou-se a ajudá-la.

A perna balançava inconstante mostrava-se incomodade com a situação, mas suas armaduras estavam acionadas. Nada lhe abatia.

Havia terminado com o namorado há cerca de dois meses e agora o “inferno” havia chegado para ela. Era mulher, jamais poderia terminar um relacionamento por não estar feliz. Hoje sente-se arrependida de, em um momento de felicidade e confiança, ter enviado ao namorado fotos suas de nudez. Para ele, no momento excitante. Para ela, naturismo, felicidade. Hoje, para ele, vangloria e vingança. Para ela, por ser mulher, vergonha. Para a internet, que agora possui suas fotos, julgamentos.

Mas ela, tão dela, com aquele sorriso lindo e confiante, reagiu demonstrando força e informando a quem ali lhe via, que da vida, é ela quem cuida.

### **Redação nº 31**

#### A força dos Trolls na internet

Quando alguém se destina a prática de “trollar” toda a comunidade sofre, pessoas com este intuito não querem agregar conhecimento, apenas atrapalhar a paz alheia ou se divertir implementando qualquer tipo de crítica que as vezes nem não tem haver com o assunto discutido.

Com toda a rede que temos disponível nos dias de hoje, e milhões de pessoas postando e comentando assuntos de diversos tipos, temos que saber que nem tudo é do nosso conhecimento o de nossa opinião, para isso temos que nos controlar e buscá-lo, ou seja, se o individuo não sabe ou não entende determinado assunto e vem a comentar sua opinião, sem querer ou perceber ele pode estar iniciando uma discussão podendo ser confundido com um troll.

A comunidade de jogadores online no Brasil esta muito poluída com varias pessoas encontrando diversão não em jogos mas sim em provocar e trollar em qualquer tópico de qualquer tipo, por isso que muitos jogos já tem em seus fóruns salas que servem apenas para os jogadores postarem piadas ou trolarem mesmo muitas vezes não sendo suficientes tais salas

Muitas vezes quero pesquisar algo como o significado de uma palavra ou para que serve algum objeto, através de conhecimento e mesmo com varios outros locais e fóruns para descontar sua raiva os trolls sempre encontram um jeito de fazer com que uma simples pergunta vire uma discussão imensa e sem sentido.

### **Redação nº 32**

#### A internet atualmente

Vivemos em um mundo onde grande parte da população interage em redes sociais e demais meios de comunicação pela internet. Existem vários pontos positivos. Mas o que atualmente vem chamando muito a minha atenção é o fato de muitas pessoas usarem as redes sociais para xingões, críticas e julgamento.

Usar a internet como meio de expor opiniões e escrever lá o que na maioria das vezes não consegue ser dito pessoalmente. Alguns apenas escolhem a internet para criticar e julgar afim de se popularizar. Porém não fazem noção de como podem estar prejudicando a vida de alguém.

Ao momento que começamos a interagir com pessoas pela internet, devemos estar cientes que estamos em contato com várias pessoas e com os mais variados

tipos de opinião. Devido a isso devemos ter cuidado com a forma que estamos nos expondo, pois uma pequena crítica pode se transformar em algo muito maior e atingir não apenas uma única pessoa.

Perante aos inúmeros casos que vem acontecendo na internet relacionados ao racismo e a homofobia, posso afirmar que grande parte das pessoas que utilizam algum meio de comunicação pela internet ainda não estão cientes de como essas ofensas podem prejudicar. Não somente o ofendido será prejudicado, mas também o ofensor.

Por isso escolha bem seus amigos virtuais e saiba usar de forma correta tudo que a internet te possibilita.

### **Redação nº 33**

#### Trolls: por que existem?

Atualmente, no mundo virtual, os trolls estão por toda parte, provocando, insultando pessoas aleatórias sem um motivo específico. Contudo, o que os leva a agir de tal maneira?

A fama é um componente muito importante na vida das pessoas, a “popularidade” está em alta. E quando as pessoas não conseguem seus quinze minutos de fama com uma atitude positiva, passam a tentar alcançar seu objetivo de modo negativo.

Todavia não é apenas por esse motivo que os trolls possam vir a agir. Pessoas infelizes com a vida, consigo mesmas também se incomodam a felicidade a sua volta, podendo desventar sua raiva na internet, no intuito de deixar seus alvos da mesma maneira que ele próprio: incomodado, cabisbaixo e infeliz.

Deste modo, se virmos a ser vítimas, algum dia, dessas pessoas mal-intencionadas, não devemos nos deixar abalar. Reagindo de maneira negativa estamos dando um sinal verde para o troll, pois “se ele conseguir acertar na mira, sentirá confiança para prosseguir com os tiros”.

### **Redação nº 34**

#### Vida exposta

Na era da vida digital compartilhada, todos ganham um meio de comunicar-se, expor sua vida e opiniões publicamente. É uma era em que todos se transformam em críticos, prontos para expor o que pensam, sabendo que serão

“ouvidos” por alguém.

A maioria das publicações no Facebook, por exemplo, são manifestações de ódio, muitas vezes motivadas pela inveja, como aponta uma pesquisa realizada na Inglaterra. Essas publicações são sobre temas variados, como críticas políticas, em que o escritor não apresenta argumentos, também há textos de ódio preconceituosos e até indiretas para o vizinho.

É curioso o fato de que as publicações negativas geram mais curtidas do que publicações positivas. Na hora de expor sua opinião, as pessoas costumam lembrar-se somente do direito de liberdade de expressão e se esquecem de que suas palavras possam ser agressivas, ofendendo quem as lê. A liberdade de expressão só é válida enquanto não prejudica o próximo.

Muitos conflitos seriam evitados se as pessoas se desligassem um pouco de suas redes sociais, não levassem tudo o que leem tanto a sério, ou se resolvessem seus problemas pessoalmente e não por meio de indiretas online (que muitas vezes nem atingem a pessoa certa).

Portanto, é preciso ter consciência do que é escrito, pensar antes de publicar, se a informação está correta, se sua opinião não ofenderá alguém ou não ultrapassar algum limite moral. Tomar essas medidas simples pode facilitar e melhorar a convivência com a comunidade.

## **Redação nº 35**

### **Opinião com limite**

No mundo atual há grande facilidade em opinar sobre qualquer coisa, principalmente em redes sociais. No entanto, é comum pessoas não pensarem sobre o que escrevem e acabam atingindo, de maneira grotesca, o outro.

Provocando, inutilmente, outras pessoas, o agressor sente-se, ao meu ver, mais poderoso. Penso que isso ocorre, pois esse sente-se frustrado por alguma razão que, muitas vezes, não tem ligação com a vítima e, quando providências não são tomadas, o agressor sente-se encorajado a continuar.

Para que abusos de caráter moral ocorram com menor frequência, é necessário que, ao sentir-se ameaçada, a vítima denuncie, para que o caso não se agrave. Além disso, observo que essa medida não é totalmente eficaz e, por isso, sugiro que o compartilhamento de ideias deva ser aprovado pelo website que o conteúdo será postado.

Além das medidas citadas acima, é imprescindível que todos os usuários destes recursos tecnológicos sintam-se seguros ao publicarem sua opinião, mas que, ao mesmo tempo, respeitem o outro, pois a liberdade de alguém acaba quando começa a do outro. Por fim, é importante ressaltar o papel fundamental da educação nesse processo, a qual deve auxiliar crianças, jovens e adultos em relação ao seu comportamento na internet, proporcionando palestras, jogos, entre outros recursos informativos.

### **Redação nº 36**

#### O ódio no mundo virtual

Os avanços da tecnologia, nos últimos anos, são múltiplos e vêm acoplados de facilidades, juntamente da evolução das redes sociais. A comunicação com amigos e familiares distantes é possibilitada em diversas plataformas, tendo como obstáculo somente a tela do aparelho digital. No entanto, a agilidade nesse processo permite, também, que pessoas má intencionadas escondam-se por trás de um perfil, espalhando mensagens de abuso e ódio.

O ato no qual uma pessoa agride, fisicamente ou moralmente, outro indivíduo, é denominado bullying. Comumente praticado em escolas, vítimas são ofendidas e rebaixadas por um indivíduo, ou grupo, por não encaixar-se em um padrão estabelecido e seguido por ele. Do mesmo modo, no mundo virtual, sujeitos utilizam de seus perfis em redes sociais para difamar, através de mensagens, outras pessoas.

Neste ano, uma situação desse gênero ocorreu com a apresentadora de televisão Fernanda Gentil. Separada do marido e com um filho pequeno, Fernanda assumiu seu namoro com uma mulher, fazendo o uso de redes sociais. Em minutos, a notícia espalhou-se pela internet e vários usuários desse meio enviaram mensagens a ofendendo e atacando. Alguns dias depois, a apresentadora escreveu em seu perfil sobre a quantidade de ódio que recebeu e o impacto que a sua vida pessoal tem na daquelas pessoas: nenhum.

As ações realizadas por indivíduos que expressam sentimentos negativos são motivadas pela não aceitação e desrespeito pelo outro. Na internet, é necessário que haja cuidado com possíveis ameaças recebidas, indicando-se a denúncia e bloqueio dos atores. Para evitar essas atitudes, é recomendado que não se insira muitas informações pessoais, como o endereço e o telefone. Entretanto,

principalmente, é preciso que as pessoas parem de importar-se com a vida alheia e tenham a percepção que o ódio pode acabar sufocando aqueles que o recebem.

### **Redação nº 37**

#### **Agressões verbais, nunca mais!**

Na atualidade, as pessoas tripudiam e ofendem membros da sociedade que, muitas vezes, nem conhecem. O que já é conhecido como uma velha história de terror que atormenta a humanidade há séculos durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, os principais alvos de “brincadeiras” eram os judeus, gays e qualquer outro membro que não estivesse nos moldes arianos de beleza. Os veículos de comunicação continuam, muitas vezes, do lado dos agressores, a única diferença é que agora a violência física não é mais tão descarada.

Defendo a ideia de que um dos principais motivos das agressões verbais são a possibilidade do anonimato que as redes proporcionam, onde, muitas vezes, a liberdade de expressão é confundida com o direito de ofender o outro, a internet está repleta de notícias sensacionalistas que acabam colocando em choque os dois lados da moeda, onde na falta de argumento, a ofensa se torna solução.

Acredito na colocação de que o ofensor, na maioria das vezes, busca no outro aquilo que nele falta e quando o acha, espalha ódio e reprovação, como já disse um grande filósofo: “Um homem grande culpa a si próprio, um pequeno busca a culpa nos outros.”

Muitas vezes, as ofensas começam a partir de pequenas “brincadeiras inofensivas”, as vezes, minúsculas, que tomam proporções imensuráveis. Uma medida a ser tomada para “controlar os ânimos” é tomar um pouco mais de cuidado naquilo que consideramos diversão, podendo comentar ainda, a equidade que, colocada em prática, resolveria grande parte do problema.

Concluo dizendo que a solução está em ações simples que melhorariam o convívio virtual, como o respeito à opinião alheia e ao outro, como também termos mais compaixão com o próximo. Quanto falando à atitudes mais concretas, considero importante colocar em pauta a posição das redes sociais na divulgação de opiniões preconceituosas, podendo haver uma política mais rígida, como já foi observado com a aprovação da Lei Carolina Dieckmann. Logo, é possível perceber que pequenas atitudes podem trazer grandes resultados.

**Redação nº 38****A impunidade de trolls na rede**

Saber filtrar informações falsas das verdadeiras tem se tornado uma ciência. É inegável que a cada minuto que passa a internet cresce imensuravelmente, como consequência disso, o número de pessoas que propagam desinformação (os ditos “trolls”) crescem na mesma proporção.

As motivações dessas pessoas certamente variam de acordo com o contexto que a discussão em questão acontece. Sendo assim, temos os trolls que agem com a finalidade de irritar e ofender as outras pessoas envolvidas simplesmente por diversão, sentem prazer nisso; temos também o outro grupo de trolls que se motiva a criar notícias falsas ou dados sem embasamento, visivelmente com intenção de desmoralizar quem defende uma opinião contrária da sua.

As discussões sobre política têm sido o principal foco de ação desses grupos de trolls, tendo em vista que nos últimos anos esse assunto foi banalizado com a ascensão do conservadorismo. Cada vez mais podemos notar usuários expressando suas opiniões carregadas de ódio e preconceito sem se preocupar com alguma forma de repreensão.

O Facebook tem sido o reduto das pessoas que pretendem propagar ódio e desinformação. Sempre vemos páginas de grandes portais não se responsabilizando pelas opiniões emitidas por seus leitores, assim esse tipo de comentário permanece lá servindo de exemplo pra que outras pessoas também o façam. As regras de uma comunidade virtual (assim como os direitos humanos) não podem ser violadas, essas regras precisam ser aplicadas duramente e os sites precisam de análises mais rígidas quando trolls e seus comentários forem denunciados.

**Redação nº 39****A internet e suas consequências**

É tarde de domingo e aqui estou envolvida por meus pensamentos, os quais neste momento estão voltados para o intrigante e desanimador fato de que a internet vem “tomando conta” de nossas vidas. Bom, posso estar divagando demais e me excedendo, mas pergunto-lhe caro leitor, você seria capaz de permanecer vinte e quatro horas sem acessar alguma rede social ou realizar alguma pesquisa no Google? Imagino que instantaneamente a sua resposta tenha sido “não”, correto?



Pois então, em meio a este pensamento me ocorreu que é por estarmos um tanto quanto “viciados” na internet que não pensamos nas consequências providas por alguns atos virtuais.

Penso que você deve se estar se perguntando que atos seriam estes, e como resposta, lhe digo que atualmente são muitos os casos de pessoas que enviam fotos e vídeos de seus corpos nus para seus ficantes, namorados e amigos, julgando ser apenas um modo de tornar as conversas mais atrativas, esquecendo-se de pensar na possibilidade destes “vazarem”. Como exemplo de acontecimentos deste gênero, cito o que ocorreu recentemente a uma colega minha. Esta, por acreditar cegamente na bondade das pessoas, gravou um vídeo seu se masturbando e o enviou para um de seus “ficantes”, com isso, em poucos dias o vídeo estava sendo acessado por um número considerável de pessoas, o que fez com que minha colega não saísse de casa por um tempo, sentindo vergonha e arrependimento.

Hoje em dia a vida dela está normal, as pessoas foram esquecendo do vídeo, mas os comentários maldosos ditos pelas pessoas em virtude do vídeo permanecem na memória de minha colega. E é por isso, que fui capaz de levar para minha vida dois ensinamentos vindos deste acontecimento: (1º) Nunca confie cegamente em alguém, pois algumas pessoas não são o que mostram ser e (2º) Use a internet para seu benefício, estudando, assistindo filmes e séries, conversando com amigos... Enfim, não a utilize para mostrar seu corpo, isso só tenderá a lhe causar dores de cabeça desnecessárias.

## **Redação nº 40**

### **Opressão virtual**

Vejo atualmente, na internet, diversos fóruns de discussões sobre variados assuntos, nos quais internautas podem expressar suas opiniões, debater e, infelizmente, disseminar preconceito.

Esses navegadores, procuradores de problemas e causadores de caos virtual, são chamados “trolls” e, geralmente, se escondem sob perfis falsos, buscando proporcionar incômodo sem que suas verdadeiras identidades sejam expostas. Penso que, se segundo esse fato, é possível deduzir que a principal causa da existência de perfis (rasura) destinados à obtenção de problemas, seja a própria vida pessoal dos criadores desses perfis que, quando apresenta momentos ruins, leva o indivíduo a não conseguir lidar com a situação, precisando de uma rota de

fuga, o indivíduo torna-se opressor, tentando abalar e prejudicar a vida alheia.

Para que haja mais respeito nas redes sociais, além do controle pessoal de cada um, é preciso que instituições como a escola, maior formadora de cidadãos, tenha medias de combate ao famigerado bullying, partindo de colegas e professores pois, segundo Paulo Freire “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”, desta forma, a opressão pode surgir por meio virtual, podendo acarretar um ciclo vicioso de xingamentos e críticas destrutivas como forma de escapismo da realidade do opressor.

Penso que, para evitar o descontrole de situações ligadas a debates nas redes sociais, essas mesmas redes deveriam bloquear e censurar determinadas palavras diretamente referenciadas a racismo, homofobia, xenofobia, misoginia e machismo. Desta forma, os chamados “trolls” teriam barreiras fortes impossibilitando que seus objetivos destrutivos sejam alcançados.

## **Redação nº 41**

### A habilidade de tolerar

A internet é, sem dúvida, um meio de informação extremamente útil e acessível. Porém, muitas pessoas acabam, com o tempo, utilizando-a como “válvula de escape” da realidade em que vivem. Dessa forma, as redes sociais estão, cada vez mais, repletas de usuários sem opinião própria e dispostos a insultar aqueles que pensam diferentemente.

As discussões nas redes sociais são frequentes e podem ocorrer sobre qualquer tipo de assunto. Todavia enquanto alguns debates virtuais são saudáveis (em que cada internauta mostra-se aberto à opinião alheia), outros podem acabar parecendo uma competição de quem xinga mais, onde cada participante da discussão desvaloriza a opinião do outro e exalta a sua própria. A explicação disso está na forma como o debate é conduzido; ou seja, se os indivíduos em uma discussão forem intolerantes e sem argumentos sobre o assunto discutido, muito provavelmente, o debate acabará repleto de insultos e de opiniões não fundamentadas. Dessa forma, o objetivo da argumentação, que é gerar conhecimento às partes envolvidas, acaba não sendo atingido.

Já se uma discussão for conduzida por pessoas tolerantes à opiniões diferentes das suas, o debate pode ser rico para todos os envolvidos. Porém, com a quantidade de informação que recebemos diariamente e com a rapidez com que

levamos nossas vidas, as pessoas acabam esquecendo de exercitar a habilidade de compreender e respeitar o que o próximo pensa. Além disso, muitas são as vezes em que usam as redes sociais para extravasar toda a irritabilidade e estresse acumulados do dia a dia, semeando a discórdia com atitudes impensadas, como ignorar a opinião alheia e, ainda pior que isso, insultar os envolvidos no debate.

Diante da superficialidade com que grande parte das pessoas age no mundo virtual, é evidente que o trabalho interior é o melhor remédio. Todos precisam, diariamente, exercitar a habilidade de respeitar diferentes visões de mundo e procurar entrar somente em discussões que sejam sobre assuntos de seu conhecimento, evitando, assim, reproduzir opiniões equivocadas. Além disso, é imprescindível que entrem em debates com a consciência de que não existe uma verdade absoluta, ou seja, perceber que, muitas vezes, uma opinião diferente pode estar tão certa ou tão errada quanto a sua própria opinião.

## **Redação nº 42**

### Internet, um lugar para todos

É fato que estamos vivendo uma era em que opinar em redes sociais é extremamente comum. Basta ter um conhecimento mínimo sobre o ocorrido e um texto seu para argumentar sobre. A partir daí, podemos desfrutar de bons debates, ou então, acabar diante de uma vítima e um agressor. A facilidade de expor a opinião sem estrar olhando nos olhos, torna o internauta mais corajoso, a ponto de desrespeitar alguém sem motivo aparente.

Não é incomum nos depararmos com notícias que revelam uma ato de racismo contra algum artista famoso. O agressor tem consciência de que seu comentário terá repercussão, e ainda assim, faz questão de espalhar seu rancor.

A internet tem disso: pessoas muito diferentes ocupando o mesmo espaço. Ainda que esse espaço não seja físico e que não possamos encostar no outro, não podemos esquecer de princípios básicos como o respeito.

A solução para muitos problemas atuais está no respeito. O mesmo sentimento que nos leva a dar nosso lugar no ônibus para um idoso, é o que nos faz medir as palavras que vamos digitar. Conviver com pessoas diferentes não é tarefa fácil, mas é necessário.

Em algum momento esquecemos que os amigos do Facebook possuem a mesma gama de sentimentos que nós. A empatia e o respeito resolveriam

facilmente o problema de agressão virtual. Basta que os seres humanos lembrem-se que mesmo muito avançados tecnologicamente, continuamos possuindo sentimentos e todos merecem respeito, em espaço real ou virtual.

### **Redação nº 43**

Até que ponto a liberdade de expressão nos atinge?

Desenvolvida para ser um meio de comunicação globalizador de informações e aproximador de pessoas, a Internet, nos últimos anos, porém, tornou-se um espaço de discussões de temas da sociedade, através das redes sociais, em que indivíduos podem expressar suas opiniões e refletir sobre raciocínios alheios. A rede mundial de computadores, no entanto, está se tornando um ambiente deveras tenso e violento, com o surgimento dos trolls, pessoas que usam perfis falsos ou não identificados nas redes sociais para expressarem suas opiniões, normalmente, ofensivas, conservadoras e carregadas de ódio e discórdia.

Muitos pensadores da primeira década do século XX afirmavam que a globalização e a (rasura) ascensão tecnológica criariam “aldeias globais”, espaços e comunidades integralmente conectados por uma rede virtual. Na atualidade, percebe-se que a Internet vem confirmando os pensamentos dos autores, uma vez que tornou-se inerente à vida e uma necessidade básica do cotidiano. Além disso, essa rede propicia aspectos positivos, como a liberdade de expressão e a criação de grandes fóruns de debates de temas sociais.

A liberdade de expressão é muito importante em países como o Brasil, que dispõe de culturas diversificadas e plurais ao longo de seu território, pois (rasura) através dela torna-se possível o debate de um determinado tema por pessoas que vivem em condições sociais distintas e que argumentarão segundo suas perspectivas e experiências de vida. Contudo, sabemos que os trolls ultrapassam o limite dessa liberdade, e por meio de suas publicações, denigrem os direitos humanos.

É comum a ocorrência de trolls na Internet em virtude de poderem usar perfis falsos para disseminar seus ideais extremistas e criminosos, ato que provavelmente não fariam se estivessem identificados.

O modo pelo qual os trolls atuam vem irritando milhões de usuários, que, descontrolados, acabam disseminando mais ira e ódio, fazendo das redes sociais ambientes desagradáveis.

Na busca pela dissolução desse problema, é interessante a criação de grupos de debate e fóruns em comunidades particulares nas redes sociais, em que sejam adicionados somente sujeitos com o intuito de debater acerca de temáticas cotidianas. Ademais, é necessário saber filtrar e discernir as informações e opiniões publicadas, não se deixando levar por discursos ofensivos, mas sim denunciando-os, pois esses só ganham ênfase quando nós os reproduzimos e nos prendemos a eles.

#### **Redação nº 44**

##### Trolls e a liberdade de expressão

Uma das maiores conquistas da sociedade contemporânea é a liberdade de expressão. Ela garante, por exemplo, o direito da população em realizar manifestações contra o governo (ou a favor), de possuir e expressar suas opiniões sobre todos os assuntos e, principalmente, fazer isso sem sofrer represalhas. Embora os pontos positivos sejam inúmeros, atualmente há estudiosos que questionam até que ponto a liberdade de expressão é válida. Os trolls, como são conhecidas as pessoas que utilizam-se da liberdade de expressão para manifestar opiniões preconceituosas, xingar tudo e a todos no ambiente virtual, são os principais motivos para que questionamentos acerca dos limites da liberdade de expressão aconteçam.

É muito fácil identificar um troll na internet: são pessoas na maioria das vezes desocupadas, intolerantes e com um desejo enorme de causar discórdia. Eles aparecem em tópicos de discussões para impor suas opiniões (preconceituosas), em postagens em redes sociais para agredir e xingar e até mesmo em plataformas de jogos. Ou seja: são indivíduos sem nenhuma empatia, tolerância ou respeito com o próximo, que estão envenenando um ambiente tão importante para a construção de conhecimentos e entretenimento que a internet proporciona.

Não há uma razão específica do porque os trolls utilizam-se de maneira tão negativa da liberdade de expressão. No entanto, fatores como acreditar que por ser um ambiente virtual “tudo pode” e sensação de segurança por estar atrás de uma tela de computador e muitas vezes utilizando perfis falsos são alguns dos (rasura) motivos.

É evidente que medidas precisam ser tomadas para diminuir o número de indivíduos que agem assim, como por exemplo, mostrar que o que é dito na internet

pode ser usado contra o troll em processos que podem acarretar prisões ou outras penalidades (no caso de comentários racistas, por exemplo). E também conscientizar a população, ensinando como respeitar opiniões diferentes, ter empatia e como manter discussões saudáveis.

Portanto, para não correr o risco de ser um troll na internet, é preciso refletir antes de comentar ou publicar algo. Questionar se o comentário que irá fazer acrescentará (rasura) algo na discussão, se possui domínio do assunto que vai opinar e principalmente se o que está publicando ou comentando é ofensivo e agride os Direitos Humanos. Porque afinal, não precisamos de mais um troll na internet.

### **Redação nº 45**

#### Alma bailarina

São sete da manhã, ela não conseguiu pregar o olho a noite inteira, perdeu metade de suas amigas na noite anterior, seus pais disseram que não entendem onde erraram. Nem ela entende...

Era pra ser a noite perfeita. Estava empolgada, curiosa, apaixonada por um menino que prometia o céu a seus pés. Os sentimentos dançavam dentro dela como uma bailarina durante sua primeira apresentação. E chegou a hora. Saiu de casa e caminhou até o lugar onde ele a esperaria. Durante todo o caminho a bailarina dançava dentro dela, livre, feliz... Ao se aproximar do local a bailarina deslizava para o lado e no lugar de sentimentos bons levava consigo o peso do medo... Medo de não ser o suficiente para aquele que parecia perfeito para ela.

O lugar estava a dois passos, olhou para o lado e lá estava o moço de sorriso lindo, que conquistou seu coração. Foram até a casa dele e lá então a menina virou mulher, cada segundo parecia um sonho, ele tratou ela como a princesa que é... E a bailarina dentro dela saltava lindamente carregando a mais pura alegria.

Ela chegou em casa, ainda naquela noite, e ao abrir a porta de seu quarto o telefone toca, era a amiga desesperada. O príncipe que tinha a tornado mulher, era na verdade, o lobo mau, espalhou um vídeo de sua noite perfeita por todos os sites que pôde.

A bailarina dentro dela caiu de supetão, foi jogada de um lado para outro por sentimentos que a menina jamais sentiu antes, nada mais fazia sentido, todos foram embora. O príncipe sumiu, a bailarina dentro dela morreu... Tem que aprender sozinha sobre a dor de ser quem é.

Muito tempo depois do ocorrido, participei de um encontro de psicólogos, que buscavam ajudar pacientes que sofreram grandes traumas. Para minha surpresa assisti a uma palestra ministrada pela menina, que contou a todos sua história. E, ao ouvir o tom confiante em sua voz, soube de imediato, que ela tinha se reerguido, conquistou todos os seus sonhos e hoje leva no seu peito a bailarina dançando alegremente.

## CIP - Catalogação na Publicação

Winck, Francieli

Analfabetismo Funcional entre vestibulandos dos cursos de Graduação em Letras, História e Jornalismo / Francieli Winck. – 2019.

119 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Onici Claro Flôres.

1. Analfabetismo Funcional. 2. Vestibulandos. 3. Leitura. 4. Escrita. I. Flôres, Onici Claro. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).